FON FON
XXIII — N.º 40
de Outubro de 1929
Preço: 1$000

A carta Anonyma

JULIO de Castro leu e releu, olhos lacrimejantes, a fronte em febre, o ultimo topico daquella carta fatidica, que fôra como que uma punhalada no seu coração sensivel e profundamente humano.

A' fraca luz do lampeão de azeite, os seus olhos não se despregavam daquelle final terrivel que rezava assim: "... e tua noiva, menosprezando o teu nome, enlameando a tua dignidade de homem honrado, flirta" escandalosamente com Daniel Marques, o teu *amigo* de infancia. Todas as noites, nos jardins de sua bella residencia de millionaria cheia de luxo e prazeres, ella o recebe, entre beijos e caricias, como si não estivesse ligada, por um compromisso formal, ao homem que, a estas horas, no desempenho de uma espinhosa missão, entre garimpeiros semi-barbaros, ignora, confiante na noiva infame, a sua desventura, o seu infortunio..."

A carta estava sem assignatura. Era uma simples carta anonyma, dessas que envenenam, muitas vezes, uma existencia e destroem um ideal...

Julio de Castro respirou forte. Uma dor immensa, uma angustia indizivel apoderava-se delle; o suor, em grossas bagas, inundou-lhe as faces resequidas pelo sol implacavel daquellas aridas terras goyanas, onde elle inspeccionava o sector em o qual os garimpeiros, ás centenas, catavam, nos leitos dos rios caudalosos, a preciosa gemma côr de sol...

* * *

A noite estava adeantada. Doze horas acabavam de soar no velho relogio do acampamento dos mineiros. No seu pobre quarto de inspector de minas, onde o lampeão bruxoleava, pondo no espaço scintillações macabras, Julio de Castro reflectia. O pobre moço estava desfigurado. De sua mente não sahiam as torturantes palavras que tinham posto termo ao assumpto daquella carta de morte...

Subito, levantou-se. Tomára uma resolução. Aproximou-se da maleta de viagem. E em poucos momentos ficava prompta, arranjada. O engenheiro deitou-se. Mas, não poude conciliar o somno. E, uma por uma, como si cada pancada fosse uma martellada no seu cerebro torturado, soaram as horas no velho relogio do acampamento mineiro; e, pela manhã, deixava Julio de Castro o campo de suas observações, em demanda do Rio de Janeiro.

* * *

JULIO de Castro, com o coração pulsando fortemente, aproximou-se ao bello palacete côr de rosa, onde passára, ao lado de Elisa, a noiva a quem adorára, longas horas de doce enlevo e sonhos de lindo amor...

Aproximou-se vagaroso, andar incerto, olhos vermelhos, respiração oppressa. Dir-se-ia um ladrão que antevê as consequencias funestas do crime que vae praticar. Mas, com Julio, dava-se, justamente, o inverso. Elle é que queria surprehender o ladrão, o homem que roubára a sua felicidade, que destruira os seus mais ardentes e formosos devaneios que a sua cabeça de amante forjára na vertigem louca do sentimentalismo que o dominava. E elle é que ia, não como um criminoso reles, mas como um vingador, desmascarar a infamia do amigo que o trahira e da mulher a quem entregara a sua alma e o seu coração...

* * *

JULIO de Castro olhou. O jardim estava velado por uma baça claridade, motivada pela nevoa fria que cahia sem cessar. De repente, empallideceu: dois vultos estreitavam-se, num longo amplexo sensual, onde pareciam fundir-se as proprias carnes... Uma voz, baixinha, num sussurro levissimo murmurou:

— Beija-me mais, Daniel... Une mais aos meus, os teus labios de fogo... os teus labios queridos...

— Sim, Elisa. Dá-me os teus labios carminados, feitos para o beijo e para o amor... Os teus lindos e quentes labios côr de sangue...

E dois beijos resoaram fortes, demorados, como o prolongamento de um seculo... E aquelles corpos mais e mais se uniram, num abraço felino, infindavel, palpitante de volupia e de sensualismo pagão...

* * *

O joven engenheiro, olhos desmesuradamente abertos, presenciou toda aquella scena de amorosa animalidade, que contrastava fortemente com o seu amor feito de sentimentalidade e romantismo...

Sahiu cambaleando como um bebedo. Toda a sua historia de amor ruia fragorosamente como o desprender de um bloco de neve, em avalanche destruidora; todo o romance de sua vida desmoronava, num epilogo tragico, deshumano, crudelissimo; todos os seus sonhos de felicidade cahiam por terra, destruidos pela traição, que era e sempre fôra, o lemma de alma de sua noiva...

* * *

ENTROU num botequim. Um *garçon* attendeu:

— Que deseja, senhor?

— Cognac... licôres... "cocktail"...

O "caviar" serviu-o. E Julio de Castro, mergulhado no seu desgosto profundo, sorveu, seguidamente, calice por calice, o conteúdo daquellas garrafas de alcool. Queria, na embriaguez tôrva e impura, mergulhar aquella magua profunda, aquella ferida sem cura, aquelle desgosto insano que infelicitara sua existencia. E, na semi-inconsciencia da bebida excitante, a imagem loura da mulher que fulminára a sua moral, que lançára sobre o seu nome o anathema indecoroso da deshonra, perpassava como um phantasma errante e eivado de seducção e luxuria...

Cahia, com aquella infeliz que acreditára na Felicidade, mais uma vez, um ideal e uma vida humana...

WALDEMAR COUTINHO.

Literatura para fazer dormir...

HEITOR Morado estava convencido de que, graças aos originalissimos processos por elle empregados para produzir literatura, era um genio que, como um Vargas Vila, um Luis Pirandello ou um Benjamim Costallat, havia creado uma nova modalidade na difficil e complicada arte de escrever.

Morado tinha escripto numerosos versos, que nunca poude publicar em parte alguma. Versos em que, por sua materia e composição, demonstrava, de um modo completo, toda sua poderosa originalidade. Aquellas poesias não eram elegiacas, nem anacreonticas, nem lyricas, nem bucolicas, nem romanescas, nem dadoistas, pelo que resulta difficil, para não dizer impossivel, o catalogar taes producções dentro de algum dos diversos generos em que se divide a fórma poetica.

O escriptor mandou imprimir uns cartões de visita que encerravam estes dizeres:

"Heitor Morado, poeta modernista. Rua da Pindahyba, 283. Cascadura. Vende sonetos a peso. Faz comedias e dramas por encommenda, e tambem a peso. Os pedidos de mais de cinco kilos se levam a domicilio."

Mas, nem apesar de tal propaganda, conseguia Heitor obter fama e dinheiro com suas originaes obras, pelo que, para se dar a conhecer, resolveu publicar, á sua custa, uma collecção de poesias, a que deu o titulo de *Chumbo (Versos modernos)*.

Que emoção ao ver nas vitrines das livrarias os volumes com seu nome impresso na capa branca!

Aquelle dia, elle teve a sensação de que, ao passar pelas ruas, os transeuntes voltavam a cabeça para olhal-o, e elle sentia fortes desejos de gritar-lhes:

— Não vos enganaes, conterraneos! Eu sou Heitor Morado, o famoso poeta! Este homem de aspecto vulgar, que passa junto a vós, é, com effeito, o illustre autor de *Chumbo!*

Mas, com o tempo, a desillusão começou a invadir a alma de Heitor, pois ninguem comprava um exemplar de sua obra. O publico, levado pela rotina, resistia a adquirir um livro de nome desconhecido, e os exemplares de *Chumbo* começaram a ficar esquecidos nas estantes das livrarias. Morado visitava seu administrador, e costumava perguntar-lhe:

— Mas, será possivel que ninguem compre minha obra, nem siquer por curiosidade? Acabo pensando que, como dizem os genios, não somos comprehendidos neste paiz!

Ante o fracasso, Heitor sentia-se entristecido, até que, um dia, poz em pratica a idéa que lhe havia suggerido seu pensamento. Já que não existia brasileiro capaz de gastar tres mil réis para adquirir um exemplar de seu livro, elle, magnanimo, offereceria á Directoria de Instrucção Publica toda a edição, para que fosse ella repartida, a titulo de premios, entre os alumnos das escolas municipaes que mais se distinguissem por sua applicação.

Quando sua obra começou a circular, se verificou que a literatura de Heitor possuia o estranho e infallivel poder de fazer dormir o leitor.

Como se póde suppôr, Morado se desesperava.

Até que, de repente, uma rara e não inútil idéa brotou de seu cerebro. Si sua obra tinha a virtude, como ficara comprovado, de adormecer a quantos se aventuravam á sua leitura, por que não offerecel-a como uma nova therapeutica a todas as pessoas que soffressem de insomnia? São, em verdade, innumeras as pessoas que não conseguem, nem com as mais energicas drogas medicinaes, cerrar as palpebras para a tranquillidade do somno. E si *Chumbo*, sua obra poetica, attrahia, segundo se podia ver, o somno, por que não pol-a, sacrificando-se, á disposição de tão desventurados seres? De certo, elles lho agradeceriam summamente, e Heitor, em paga, havia assim de ganhar consideraveis sommas de dinheiro...

Heitor Morado, pratico, levou á realidade sua idéa, e obteve um resultado soberbo e maravilhoso. Sua obra é vendida profusamente mediante a seguinte receita medica:

"Um exemplar de *Chumbo*, o poderoso adormecedor..."

E, assim, *Chumbo* não se acha á venda nem nas livrarias, nem nos logares onde habitualmente se encontram livros de versos, como postos de jornaes, bancas de engraxates, etc. E' vendido, unicamente nas pharmacias...

LUIS ESTEVAM

OS GRILLOS DE AGOSTO

NA tarde de agosto, inclinei-me sobre os campos e ouvi cantar, entre a sombra, os grillos de agosto. Até mim se elevava o rumor dos elytros, precipitado e duro como um choque de ouros. E eu, commovido, disse a meu coração:

— Escuta o canto dos grillos de agosto. Como é vibrante e forte!

"Elles são a ultima voz do verão e por isso cantam assim, com esse redobrado ardor. Porque sentiram já sobre a lyra o calefrio do outomno e sabem que breve hão de emmudecer.

"Na primavera, quando o relvado tinha a brandura dos cabellos, cantavam com um accento tremulo e balbuciante. Porque então os campos estavam cheios de canticos tremulos de meninas, e elles cantavam com azas ternas.

"Sentia-se, então, que elles desfalleciam humanamente e emmudeciam ás vezes fatigados. Porque ainda tinham muito tempo para cantar e temiam quebrar suas lyras frageis.

"Mas agora seu canto é incessante e bronco. Sôa nos ouvidos como um bater de pistões. E cantam apressadamente, como si temessem sobreviver sem lyra ao grande amor da primavera.

"Porque sobre a terra matizada de agosto passou já um halito que estremeceu sua mudez. Breve virá o tempo em que as luzes da cidade se accendem antes das estrellas.

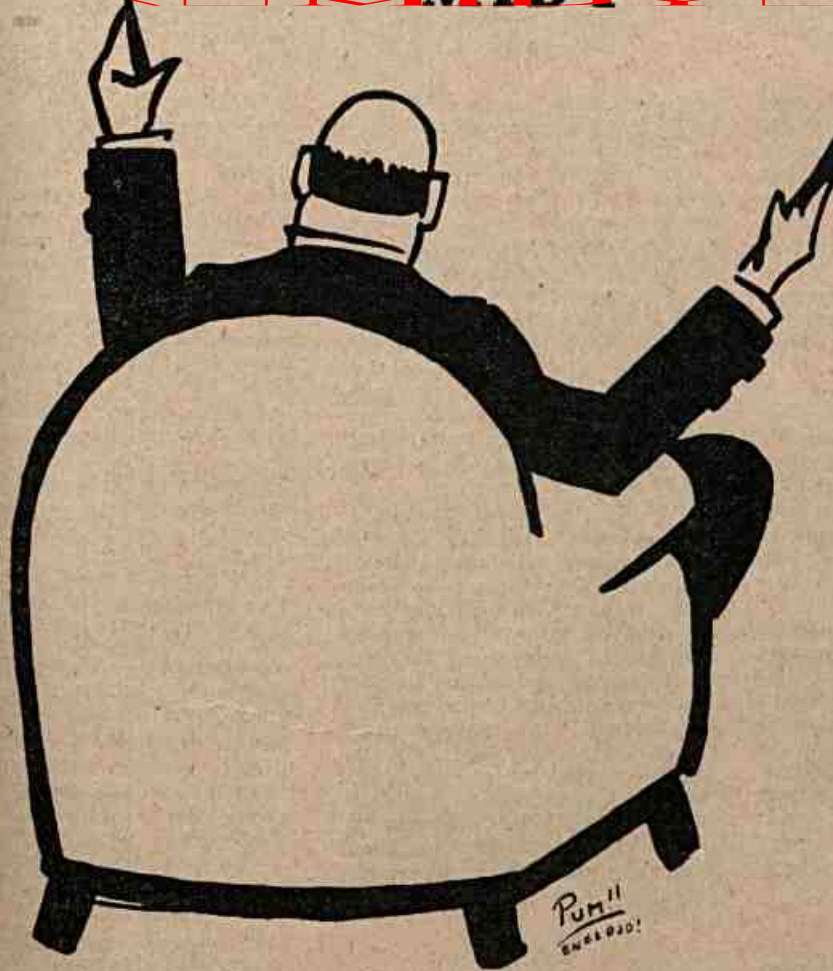
"Breve virá o tempo em que um pesado lethargo paralyzará seu fervor, e em que seus elytros ficarão immoveis sob a terra, e elles serão como cantores que se calassem embriagados junto aos restos de festim.

"Por isso cantam assim nestes ultimos dias, em que ainda ha um doce calor sobre a terra e em que as flores enchem o ar, pela segunda vez, de uma fragrancia dissipada.

"Por isso cantam com esse ardor e essa inquietude que faz tremer, do fundo do circulo de colinas longinquas, e commover-se de ternura, pela ultima vez, o duro seio despido da terra, que parece ir encher-se de uma seiva nova, como si quizessem lançar seus estros quebrados, semelhantes a saletas douradas, e deixal-os cravados no proprio coração do inverno.

"Assim, oh, tu, poeta de um unico estio!, que já sentes mingar a sombra ardente das colinas de tua juventude, escuta a lição dos grillos de agosto. E na noite mais longa de teu unico verão, canta e canta mais depressa que nunca, até dizer teus ultimos segredos antes que as duas azas de teu coração, teus elytros divinos, se quebrem para sempre...

R. CANSINOS — ASSENS

AS
HEMORRHOIDAS
tratam-se com
a Pomada e os Suppositorios
MIDY
Pum!!

A tentação da nobre mamã

José Germain

NESSE dia, o céo estava todo dourado. Um sol embelle zado dansava loucamente nos espelhos, e a temperatura ciosa de seu titulo official de temperada, cuidava em guardar suas distancias entre o polo e o equador.

O homem, harmoniosamente unificado com o tempo, pensou, cheio de alegria: será agradavel folgar-se até de noite.

Por casualidade, nenhuma entrevista obscureria o seu horizonte, nenhum trabalho urgente tão pouco. Seu pensamento, ordinariamente activo, surprehendeu-se, agitou-se, flanou um segundo, depois, fatigado de um repouso para o qual a vida não lhe parecia absolutamente feita, exigiu uma occupação.

Então, lembrou-se, fixando o calendario, que esse dia annunciava o anniversario de sua mãe. do ser abençoado que elle adorava como a um deus e de quem as occupações daquella madrasta de existencia o afastavam quotidianamente. Resolver uma surpresa enfarpelar-se todo e saltar onde ella estava, lá na outra extremidade da cidade, foram-lhe brinquedo de creança.

"Bom dia, mãezinha.

"Bom dia, querido.

Ella abriu braços tão grandes como o coração, que era um mundo tumultuoso. Elle se abandonou entre elles como nos tempos de seu despertar juvenil; depois, reagindo como homem.

"Mamãe, hoje é o dia de teu anniversario. Levo-te a passeiar.

— Mas onde, Deus meu?

— Não sei. Onde quizeres. Sem destino.

Effectivamente, não tinha ainda pensado nisso. Onde? Mas não importa onde, desde que houvesse alegria no ar, arvores palpitantes, symphonias nos ramos, aguas espelhantes e a divina fresseura dos valles calmos.

Elle vestiu-a com apuro e rapidez; e ella ficou rejuvenescida, que lhe pareceu revel-a na epoca em que era pequenino, aos dez annos de idade, naquelle tempo em que sua suprema occupação de bom filho era atormental-a tanto quanto hoje a venerava. Conduziu-a depois; parecia antes uma fuga. Ella gozava-a com uma bemaventurada inquietação e perguntava a si mesma, num pequeno aperto de coração, onde tantas horas poderiam arrastal-a.

E' que a vida não lhe tinha sido sempre suave. De suas alegrias, só conhecera a satisfação do dever cumprido. Quanto mais se recordava, mas se via galgando sem cessar o interminavel calvario dos deveres da esposa e da mãe. Ainda que tivesse estado algumas vezes em contacto com o repouso, a felicidade e os grandes transportes, não concebia nenhuma amargura por tel-os visto fugir sem poder attingil-os. No silencio da alma recolhida, offerecia ao Deus de seu pensamento a homenagem de suas dôres, de seu devotamento e de seus continuos sacrificios.

* * *

Como o filho nada preconcebera, conduziu-lhe o instincto á margem de um rio onde sua adolescencia tinha infinitamente gozado ternuras illegaes, ordinariamente permittidas aos rapazes folgazões. Subitamente, acolá, entre o nacarado scintillante das aguas tranquillas onde se miravam o sol e a sombra gigante dos alamos, percebeu toda sua juventude.

Helena, Joanna, Suzanna, Magdalena encontravam-se ali, sorrindo alegremente como outr'ora.

Aquelles rostos queridos! As caras recordações! Como lhes queria bem, áquellas creaturas, e como desejava, por um segundo ao menos, apertal-as de encontro ao coração!

Que fim teriam levado ellas, as deliciosas namoradas?

Seu pensamento corria-lhes no encalço; e tinha os olhos sonhadores, melancolicos, perdidos um instante no passado, quando a mamãe perguntou:

— Era aqui que tu vinhas outr'ora?

— Sim, mamãe.

— E tu... tu tens saudades dellas?

— Oh! não, minha mamãezinha, não, porque tu estás hoje mais joven e mais bonita do que ellas.

De bôa vontade ella o teria acreditado se elle jurasse ser verdade o que dizia, tanto a transfigurava, nesse dia, a felicidade. Como estava orgulhosa delle, desse varão robusto, duro para si mesmo e delicado para ella, filho de todo o seu pensamento, de todo o seu coração, realização de todos os seus sonhos, extraordinariamente reconhecido numa epoca em que ninguem o é.

Refrescaram-se num terraço, devarrido pela brisa dos fenos, depois, embarcaram num yole leve, que elle teve receio pela adoravel passageira. Ella sentiu um deslum- elle!

— Que! eu ter medo comtigo!

Não, mas por quem a tomava elle?

E o remo cortou as ondas, sondou a superficie que se irisava, feriu o ar, regular como um pendulo de relogio.

O crepusculo dos canoeiros é uma hora deliciosa: enche-se de silencios acalentadores em que a alma póde emfim pertencer-se.

O robusto filho e a delicada mãezinha sabiam gozal-o plenamente. Elle deixava errar o pensamento entre esse presente calmo e o joven passado encantador.

Ella, mirando-se em seus olhos azues como as aguas do rio, deixava-se viver pela primeira vez.

— Tu as fazias passear assim de barco?

— Sim, mamãe.

Oh! como as tinha ella odiado, a essas más raparigas que lhe tomavam de cada vez um pouco do coração do seu rapaz. Hoje não lhe acontecia o mesmo. Ella até lhes dedicava um terno reconhecimento por todas as alegrias que lhe tinham prodigalizado. Invejava-as um pouco sómente. Comparando o vasto melancolico de seu passado sobrecarregado de deveres ás doces alegrias que as outras, menos honestas, haviam conhecido com seu filho, uma tristeza apertava-lhe a alma.

Sim, sim, uma tristeza.

Pela primeira vez, na sua vida, a mais honesta das creaturas soffria o remorso de ter-se conservado muito estrictamente honesta.

Si fosse cousa que se pudesse reparar....

E o homem que lia em sua mãe como num livro aberto, ralhou sorrindo:

— Mamãe! Mamãe! Cuidado com os máos pensamentos.

Surprehendida nas idéas que lhe invadiam o cerebro e o coração, e que julgava desarrazoadas, corou como não córa uma menina de dezoito annos.

— Mão! Que estás então a pensar?

— Penso no que adivinhaste.

— E' muito feio, cavalheiro, — concluiu ella, jovial, — é muito feio suspeitar de sua mãe.

Esta palavra fel-o estremecer. Suspeitar! Elle suspeitar da santa creatura! Quizera tomal-a de novo nos braços e embalal-a docemente como a um filho, tão fragil era ella.

A tentação da pobre mamã

(Conclusão)

Mas era preciso remar. Então, banhou-a toda na luz de um longo olhar, infinitamente terno.

E eis que a pequenina mamãe sentiu que se estava a desmanchar em pranto; grandes lagrimas cahiam dos bellos olhos dolorosos. Ella bebeu-as todas, tão doces as sentia, para não arvorar o pequeno pavilhão branco da tristeza.

A tarde cahia muito lentamente; surprehendeu-os entretanto. Quando ella comprehendeu que aquelle bello dia ia terminar, quando abandonaram o leve esquife, quando, novamente, a cidade se lhes offereceu, annuviada das lides quotidianas, ella, a mãe, tomou simplesmente as mãos do filho, adorou-o um pouco mais ainda e murmurou:

— Creio bem que foi este o mais bello dia de minha vida!

A estas palavras elle, por sua vez, sentiu o peito robusto soerguer-se, como incapaz de dominar por mais tempo o immenso pezar de não ter multiplicado semelhantes alegrias na vida de sua santa mamãe. Quem o visse nesse momento teria a impressão de que chorava.

E a santa mamã, por seu lado, escapou-se com sua oração rica de innocente contricção e que durou até o somno tardio:

"Senhor, perdoae-me, é a primeira vez que nutro pensamentos impuros, que a tentação me assalta... que lamentei um instante ter sido sempre tão honesta... Perdoae-me. Está tudo acabado!

**

UM BANQUETE DE FREDERICO O GRANDE AO PHRENOLOGO GALL

Gall, o precursor da theoria das localizações cerebraes, viu as suas doutrinas hostilizadas na Austria, na Germania, na Inglaterra e tambem na França, negado tudo quanto de verdadeiro e de bom havia nas suas descobertas anatomicas e physiologicas e ridicularizado tudo aquillo que se referia ás chamadas "invenções das bossas frontaes".

Entre os inimigos de Gall, um dos mais afervorados e, por certo, o mais desapiedado e mais poderoso, foi Napoleão, cujo odio não conseguiu vencer a defesa intrepida de Corvisart, o medico particular do imperador, nem o interesse mais ou menos manifesto de Josephina.

Mas na Allemanha foi cousa inteiramente diversa. Gall e as suas doutrinas tiveram larga e ruidosa acolhida. Os maiores scientistas tomaram o seu partido: em Iena, a duqueza mãe e sua côrte; em Weimar, Goethe e Wieland. De 1805 a 1807, Gall dá numerosas licções demonstrativas em muitas cidades allemãs, e o concurso do publico foi brilhante em qualidade e quantidade. O successo de Berlim foi tal que na occasião cunharam medalhas commemorativas com a figura de Gall e representando scenas phrenologicas.

Frederico, o Grande, ouvira falar das descobertas de Gall e interessara-se por ellas. Numa festa que dava em Potsdam e em que — conta Hollander — toda a Prussia estava presente, um unico homem, um grande anciño, de negro, de rosto osado e cabeça original, attrae os olhares e a attenção do rei. Frederico não o conhecia e, perguntando ao marechal da côrte, soube que era o celebre doutor Gall.

— Ah! Gall, quero ver, por mim mesmo, o que ha de exagerado em tudo o que se diz a seu respeito. Convide-o em meu nome para jantar commigo amanhã.

No dia seguinte, pelas seis horas da tarde, um delicioso jantar reunia na mesma mesa o rei o doutor Gall, e numerosos convidados, sobrecarregados de ordens cavalheirescas e de condecorações, e com aspectos singulares.

Ao fim do jantar, o rei perguntou ao medico se queria ler no craneo de cada um dos seus convidados as inclinações individuaes.

O convite do rei soava como uma ordem, naturalmente. Gall começou por apalpar a grande cabeça morena do seu vizinho de mesa, ao qual todos davam o titulo de general, e parecia que um certo embaraço se apoderava delle emquanto procedia ao exame.

— Fale francamente — encorajou o rei.

— Parece que sua excellencia ama a caça e os prazeres; parece tambem amar particularmente o campo de batalha: as suas tendencias se revelam bastante bellicosas: o seu temperamento é summamente sanguinario.

O rei sorria. Gall, comquanto confuso, dirigiu o seu exame para o outro vizinho de mesa, um joven de pupillas brilhantes e olhar atrevido.

— O senhor deve brilhar nos exercicios gymnasticos e ser um bom corredor, insuperavel nos exercicios physicos.

— Basta, meu caro doutor; não me disseram bastante sobre os seus diagnosticos osseos. O general é um assassino e este joven é o maior birbante de toda a Prussia.

E assim dizendo, o rei bateu tres vezes sobre a mesa.

A guarda entrou na sala.

— Reconduzam estes senhores para a prisão — ordenou Frederico.

Depois, voltando-se para o medico, admirado com o que estava acontecendo:

— Tratava-se de uma prova; jantou com os peores bandidos do reino. Examine agora os seus bolsos.

O medico obedeceu. Tinham-lhe roubado o lenço, a bolsa, a caixa de rapé, que lhe foram restituidos no dia seguinte.

Frederico juntou a tudo isto uma offerta pessoal: uma tabaqueira crivada de diamantes.

Imagine-se agora como deveria crescer o horror do celebre phrenologo todas as vezes que, abrindo-a, lhe vinha á mente o banquete real...

"Vá dizendo
a toda gente"
que o
Elixir de
Inhame
DEPURA-FORTALECE-ENGORDA

O MANOEL

JOSÉ BENEDICTO CURSINO

APENAS chegado de Portugal, o Manoel foi residir, com seu tio Oliveira, na villa de X.

A fertilidade das terras, os rios caudaes que as cortavam, os bellissimos panoramas, tudo, emfim, fazia prever que, em futuro não remoto, na esplendida topographia daquelle logarejo, surgiria florescente cidade.

Com a experiencia que trouxera da velha patria, o Manoel tratou logo de adquirir terrenos. Herbivoro por excellencia, hortou extensa vessada, por onde serpeava limpido regato; e, em breve, estrellejaram as hortaliças.

Não tardou muito, o Manoel, de mangas arregaçadas, mostrando os fortes braços villosos, e de tamancos, gritava, pelas ruas do villorio: *Hortaliceiro! hortaliceiro!* E empurraxa a carrocinha, que parecia uma horta ambulante. Fazia propaganda dos legumes com certa graça que attrahia a todos. Exhortava aquella gente labrega a se alimentar de verduras. Dizia-lhes a importancia dellas na conservação do organismo. Ensinava-lhes a preparar o chorudo cozido. E o impagavel Manoel, aos poucos, ia tornando vegetalistas aos pobres rusticanos da zona.

O Manoel já tinha alguns empregados. No terreiro, amontoavam-se os jacás de legumes que mandava ás cidades vizinhas. "Preciso vender fóra", dizia a todos. "Vêde". E, com o braço no ar e a mão espalmada, mostrava o repolhal, que, como onda verdinhenta, se estendia até ás abas da collina fronteira.

O Manoel possuia muitas vaccas leiteiras nos verdes pascigos, e as mais bellas, nos estabulos. Era admiravel de vel-o queijar, no telheiro, ás horas de lazer.

A villota já se transformara em cidade, com luz electrica e séde de comarca. Pelas ruas, á noite, era infernal a toirania da garotagem. Todos coradinhos, filhos, na sua maioria, de italianos, meeiros outr'ora, e, então, proprietarios naquella região fertil.

O Manoel adquiriu uma grande fazenda, onde passava a maior parte do tempo. Elle mesmo, de chapéo de couro na cabeça, preso por barbicacho elastico ao mento, de botas, e em mangas de camisa, feitorava o amanho dos terrenos lavradios. Alguma vez era visto por entre o vinhedo que listrava os combros pedregosos; outras, lá pelos cómoros pontilhados de cafeeiros verdes. Ora o Manoel pensava a ferida de um elegante toiro de raça, no curral; ora ouvia-se-lhe a voz chamando o gado nedio, para o sal que branquejava no cocho, á sombra da arvore.

Ao voltar ao fundão, aonde fôra dirigir a gadanha do feno, detinha-se a apreciar os carissimos reproductores hollandezes; e as bellas vaccas crioulas, já toiradas, indo caminho dos campos, verdes e ondulantes. Depois, continuando o seu rumo, picando o fumo para o bom cigarro, via, ao longe, os vastos pastios semeados de armentos tranquillos.

O sonho de oiro, do Manoel, ultimamente, era um jumardo. Após innumeras tentativas improficuas, desistiu.

Emfim, o Manoel levava um vidão na fazenda. Só ia á cidade a chamado de seu compadre, o chefe politico, para as sessões de Camara, pois era vereador; ou para capitanear os eleitores, que arrebanhava pelas redondezas.

Numa dessas occasiões, teve opportunidade de conhecer a Thalia, linda mestiça provocadora, dessas que agradam e seduzem. Soube o Manoel que ella era afilhada do tio; e que, tendo-lhe morrido o pae, com elle fôra morar. A partir daquelle dia, o Manoel era visto frequentemente na cidade. O proprio sr. Oliveira ficava admirado da cópia de presentes que lhe vinham da fazenda do sobrinho.

E Thalia, a mestiça, cada vez mais tentadora...

Um dia, o Manoel encontrou-a na rua. Teve a sensação de lhe haverem ligado ao corpo um fio electrico. E quando aquella figura de mulher desappareceu na distancia, o Manoel, enlevado, dizia com o seu accento portuguez: "Ah! repitosca! Ah! repitosca!"

Thalia era mãe de um bello pequerrucho.

O Manoel fôra accusado de paternidade; porém, nada soffreu, por ser politico influente, membro do partido dominante local, e com todos os *ff* e *rr*...

Quando o Manoelito (assim se chamava o menino) estava taludinho, o Manoel o levou para a fazenda. Cercava-o de todos os mimos e carinhos; era o seu ai-Jesus. A todos dizia o Manoel: "Eu sou uma *vesta*; meu pae, analphabeto, nenhuma instrucção me deu. Mas, este (e apontava para o menino) ha de ser um *doutore*." ....

O Manoelito fazia toda a especie de traquinices. Um terrivel *estroetudo*. Atropelava, o dia inteiro, as pobres gallinhas, patos e perús. Só dos gansos tinha medo; pois, certo dia, recebera de um, formidavel bicada. Na estrebaria, chuçava o bello Russilho cascalvo; e esgargalhava-se vendo-o escoicinhar contra as taboas. O seu maior prazer, entretanto, era pingar formicida nos animaes e vel-os aos corcovos, curveteando pelo campo a fóra.

O Manoel, vendo o menino travesseando, satisfeito dizia comsigo mesmo: "Este diabinho ha de ser gente!"

Sempre ao meio dia, chegava o professor do Manoelito. Durante as duas horas de estudo, os pobres dos animaes ficavam socegados.

Um dia viu-se triste ao Manoel. O menino partira para o collegio.

Nas primeiras semanas, o Manoelito portou-se bem. Luta interior para se habituar com a nova vida, para se submetter á disciplina, saudade dos dias livres na fazenda, tudo isto aquietou nelle aquella turbulencia insupportavel. Não tardou, porém, em revelar-se o insurgente que era. Alta noite, quando todos resonavam, o Manoelito dava nós nas caiças dos companheiros, que, de manhã, para desatal-os, precisavam fazer uso dos dentes. Certa vez, foi ao quarto do vigilante, o qual ficava contiguo ao dormitorio, fechou-o dentro e jogou fóra a chave. No dia seguinte, á hora do *Angelus*, o pobre do vigilante esmurregava a porta. Quando a collegiada dormia, certa noite, o Manoelito, para se vingar de um vizinho somniloquo, que o não deixava dormir, amarrou-lhe no pé a extremidade de um cordel e a outra extremidade amarrou-a no pé da cama. No dia seguinte, foi um tombo, pela certa. No recreio, si alguém altercava com elle, trançava a perna nas pernas do adversario e a quéda era segura. E cachinava batendo palmas.

O reitor, um padre velhinho, olhos cheios de doçura, sempre a sorrir sorriso de santo, mandou chamar o Manoel e lhe disse que era impossivel a permanencia do menino no collegio; que aquillo não era gente e sim o demonio em figura de alumno.

E lá se foi o Manoelito para a fazenda.

Lá chegados, o Manoel, indignado, falou-lhe em tom aspero: "Do que tu precisas é uma boa tanjara. Ouviste, gaiato?" E estava para lhe dar vigorosas lategadas. Lembrou-se, porém, de Thalia; e, confuso, balbuciando, disse sem saber como: "Serás o ajudante de cozinheiro; irás para a cozinha."

E o Manoelito tornou-se ajudante de cozinheiro.

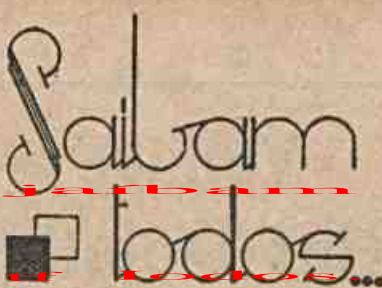
Parecia-lhe ver sempre ao Manoel com aquella formidavel guasca, e tratou de trabalhar. Tal foi o seu progresso na arte culinaria, que, ao cabo de algum tempo, ficou

(Continua na pag. 80)

YOU-YOU (Minas) — Os livros que deseja obter poderá encontral-os na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. Pedidos pelo correio.

HELIOTROPE (S. Paulo) — V. Ex. tambem será do Exercito da Salvação? A queixa que formula contra o parallelo que estabeleci entre uma consulente e uma representante daquelle batalhão de solteironas evangelizadoras, de São Joões de-uniforme de zuarte, (mas que não comem gafanhotos no deserto...) está a indicar que V. Ex. é uma irmã da opa...

Mas vamos á sua carta lilaz, de moça "leviana e frivola, futil e moderna e que não tem crenças nem fé" (ou fel?) Ella com todos os seus pronomes em greve com a grammatica:

"Carissimo Yves: — E' sempre com interesse que leio as suas paginas. Admiro o seu estylo elegante, a sua ironia subtil e os seus motivos sentimentaes. Creia que o digo com toda a sinceridade. Porém, penso que na resposta dada no ultimo numero á "Juliana", a sua ironia foi longe demais... Refiro-me aos seus dizeres relativos ao "Exercito da Salvação". Meu amigo, taes creaturas são dignas de toda a nossa estima, de toda a nossa admiração! Eu, que sou terrivelmente egoista, incapaz do menor sacrificio por quem quer que seja, reconheço-o pezarosa, eu que sou leviana e frivola, futil e moderna, eu que não tenho crenças nem fé, que já não acredito na sinceridade dos gestos nobres ou nos sentimentos desinteressados, voto uma grande admiração a taes creaturas despidas de toda a vaidade, que sacrificam-se por amôr ao proximo, que andam de "cabaret" em "cabaret", que vão de botequim em botequim, pregando o amôr de Christo, procurando arrancar do vicio os escravisados, procurando restituir ás esposas e filhinhos, os maridos e paes que as paixões terrenas haviam arrancado de seus lares! Essas pobres creaturas, meu amigo, que geralmente são mal recebidas, apoucadas, escarnecidas, pelos que ellas procuram arrancar do mal, que soffrem resignadamente toda a sorte de vexames e humilhações, sem desanimar nunca, estribadas na fé que opera milagres, eu as admiro! São dignas de nossa sympathia! O vestuario antiquado e horrivel que usam, as suas botas grotescas, os seus grandes chapéus, emfim, toda essa indumentaria ridicula, é bem a prova patente do seu desapego pelas cousas do mundo! Pobres creaturas, cujo crime unico é votarem acendrado amôr ao proximo e seguirem os preceitos sublimes do Divino Mestre, completamente esquecidos de si proprios! Objectos

do riso impiedoso da multidão inconsciente, escarnecidas, apupadas, expostas á critica acerba de um chronista elegante, tão pequenas na sua humildade e tão grandes na sua fé! Creia, meu caro poeta, eu respeito e admiro essas creaturas! São dignas de nossa sympathia, pelo sacrificio que fazem pelo proximo e pelo bem que espalham sobre a terra!

Estou certa de que você me comprehenderá. Não ridicularise, eu lhe peço, esses pobres entes. Não dê attenção ao seu physico irrisorio, meu amigo, olhe-os com os olhos d'alma!

E agora, perdõe-me, si importunei-o demasiado. Não o farei nunca mais! E' a promessa que lhe faz a — "*Heliotrope*."

Quando uma consulente me chama "meu caro", "carissimo", "meu senhor" ou "cavalheiro", (si chamar "cidadão" eu brigo) fico a jurar que ella usa coque, oculos de aro de metal, com o respectivo cordão de seda, preso á cintura; vestido pelos tornozellos, um cadarço fingindo cinto, blusa afogando o pescoço, mangas pelo punho, meias de algodão, chapéo que parece uma barraca... Uff! Que será mais? Ah!... Ia esquecendo o trancelim... Juro como V. Ex. deve usar um trancelim de ouro — ouro portuguez, 18 quilates. Cenho carregado e nariz de Cleopatra...

Muito bem. Agora vamos á resposta que devo á sua missiva. Na caricatura que fiz de V. Ex., o que se deprehende, na peor das hypotheses, é que será hilariante. Ma é que não! Dizer que uma coisa é risivel, provoca o riso, desperta comicidade e que essa coisa é ruim, são idéas diversas, são conceitos oppostos. Tão oppostos como o Norte e o Sul.

Quando me referi as representantes do Exercito da Salvação, achando que eram criaturas comicas, de modo nenhum lhes ridicularizei a missão de pregarem no deserto, como S. João Evangelista. Uma pessôa póde ser feia, mas bôa. Acredito que V. Ex. seja bonita e bôa. Mas si fosse feia, podia ser bôa, sem prejuizo da sua fealdade. E no caso, talvez houvesse vantagem para V. Ex.: — a vantagem de entrar no reino do céo...

Não vá ficar zangada commigo. Nem pense que haja ironia nas minhas palavras. E si, de facto, V. Ex. não é uma Venus, e reconhece, mesmo, que é mediocremente bonita, — tem o consolo de saber que a acho boazinha... como todas as senhoritas que attingiram os trinta e cinco...

Adeuzinho, sim?

HUGO DE CASTRO (Ceará) — Sim, sr. Hugo de Castro. Estou sciente de que o seu collega deseja fazer uma pilheria com o sr. enviando-me uma producção litteraria com o seu nome, afim de que o mesmo seja julgada nesta secção.

Condemno *in totum* essa maneira de fazer espirito á custa de uma pessôa que figura de Pilatos no Credo.

NENITA (Capital) — Mas, francamente: ou V. Ex. é demasiado ingenua ou suppõe que o mundo é feito de papalvos. Que juizo faria o publico de mim, si me désse ao desfructe de quebrar as discreções a que a natureza do assumpto de sua carta me obrigaria? Tinha graça que me puzesse a fazer aqui commetarios sentimentaes, sobre o objectivo de sua correspondencia. Lembre-se de que a sua missiva, aliás sob rigoroso pseudonymo, só é lida por mim; ao passo que a resposta que lhe désse cairia sob centenas de olhos...

Delicioso, porém, é o final da sua carta: "E si quizerese mais uma amizade, dize porque aqui estou."

E adeante: "Responde para Nenita."

Quero a sua amizade, sim. Em presta-me um conto de réis, sem serviço de juros?

Onde é que poderei buscar a nota? (Desculpe a gyria.) E até sabbado, Sim, d. *Nenita*?

Angelica (Minas) — Aqui estão as lindas photographias que me offerece e que me affirma serem suas. Si isso é verdade, V. Ex. é uma creatura encantadora — com aquella cabeça loura e os seus olhos verde-glaucos.

V. Ex. me pode escrever todos os dias, si o quizer. Será recebida com a mesma distincção com que me trata.

Outrosim: o abaixo-assignado declara que acceita o seu "affecto de irmazinha" e jura retribuil-o com todas as forças do seu coração de *boxeur*. (Sou lutador.)

Dahi se conclue que o meu "fra" é um homem capaz de amar "fraternalmente", com uma força de 200 H. P., em um segundo... cional...

Outra nota: V. Ex., segundo o relatorio das minhas affeições incognitas, será a centesima

SABONETE

Dorly

PERFUMARIAS LOPES

RIO
SÃO PAULO

Preço por Preço,
é o melhor

E AINDA SUPERIOR
A OUTROS MAIS CAROS

A venda
em todo
o BRASIL

PERDERÃO ALGUNS KILOS

Si tomarem o

Thé Mexicain du Dr. Jawas

Composto de plantas depurativas, e proprias para provocar o emmagrecimento, o Thé Méxicain du Dr. Jawas, é o medicamento sem rival, universalmente reputado, para fazer emmagrecer, diminuir o ventre e adelgaçar a cintura sem nenhum perigo para a saude

A' venda em todas as Drogarias e Pharmacias.

A. NARODETZKI

10, BOULEVARD BONNE-NOUVELLE

PARIS

zinha" a quem não tenho a honra de conhecer, senão através do pseudonymo com que me escreve.

Desconfio muito que este recanto de redacção se vae tornar um seio de Abrahão, onde todos nós seremos irmãozinhos, por obra e graça do espirito Santo, á espera da benção de Jehovah, para entrarmos no reino celestial.

Talvez nesse dia — o dia do juizo final — para conhecer, pessoalmente, as minhas "irmazinhas". Então, é possivel que haja scenas pittorescas, hilariantes e outras commoventes.

A' porta do céo, São Pedro fará as devidas apresentações:

— Aqui está d. Angelica. Este é o Yves...

Como deve haver uma grande cerimonia entre nós, sentar-nos-emos sobre uma nuvem, e conversaremos como dois "irmãos" encabulados.

Direi:

— Então, mana Angelica, que fez você na terra?

— Muita coisa bonita.

— Exemplo... Comprou um bonde?

— Deus me livre! Dancei, brinquei, *flirtei*, isto é, amei e tive alguns "irmãozinhos" espirituaes, como você...

Farei um "ahn" meio despeitado, e perguntarei:

— Você era muito rica, ó mana?

— Muito rica, sim.

— Pois olhe, foi pena não conhecel-a mais cedo.

E então lhe contarei os meus apuros, a minha promptidão e a minha falta de sorte, em busca de um coração amigo e sincero — coração de mulher — que me quizesse muito bem...

E lamentarei, n'um suspiro:

— Foi pena só encontral-a aqui, á porta do céo, onde você passa a ser uma alma simples.

— E que tem isso de mais?

E eu, esclarecendo a questão:

— E' que as almas não têm sexo. E na terra você podia ter casado commigo. Avançaria no seu dote.

— Mas, meu "irmão"!

— Qual! nada! Nós eramos irmãos espirituaes. Podiamos ter casado, não é?

— Mas si você nem sabia o meu nome?

— Na mulher o que importa é o coração...

— Ou o dinheiro?

Nisso viria São Pedro, gritando:

— Vamos! Façam silencio. Aqui a ordem é rezar...

Vê V. Ex., as complicações da sua "fraternidade"?

MIQUITA (Minas) — Não sou graphologo.

INNOCENCIO MAZZUTO (?) — Pondera o senhor, inicialmente, na sua carta, que a minha ultima

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

resposta traiu o meu máo humor (?) Realmente, tolerar poetas d'agua doce não é tarefa que cause bom humor. Mas o senhor é um desses poetastros que só nos alegram com as suas tolices. O senhor é uma delicia para o espirito das minhas leitoras intelligentes. Logo, o caro poeta não me irrita os nervos, mas só me dá grande prazer.

O senhor lembra os nossos *camelots*, da rua do Ouvidor e do largo de São Francisco, os quaes se fantasiam de accordo com a natureza da reclame que fazem. Exemplo: apregoando a efficacia de um certo medicamento para os ouvidos, elles usam orelhas grandes e largas — com isso, chamam a attenção sobre si. O senhor é o *camelot* da chatice literaria. Percebe? O senhor, como elles, os seus collegas, faz-nos rir só com a caracterização ridicula de que se utilizam: elles, usando as orelhas, e o senhor as suas cartas.

Mas como não hei de achar graça no seu chatismo literario, si o senhor escreve: *invirta-se*, em logar de *inverta-se*?

Vamos á sua carta, seu estylista de *mas, porém*. (Onde foi que já se viu uma pessôa de bom gosto literario escrever: *mas, porém!*... Não: o senhor é um *numero*...)

Eis o que o senhor me escreve:

"Ao senhor Yves: Saudações.— Li no Fon-Fon de 14 do corrente, o amontoado de sarcasmo a mim atirado pela sua penna, injustamente.

Desta vez estava mesmo de máo humor, eu bem o presenti; mas... espero que encontre um "bom" tonico para isso, com a leitura desta carta.

Começo concordando com o que me disse acérca da sua alma, na primeira critica do meu soneto, publicada a 10 do p. p.; e, em relação ao resto, vamos ao caso:

Eu sou um numero, como todos os meus semelhantes, não é isso mesmo?

Pois que, todos nós o somos.

Quanto á historia do baile, cabe a qualquer pessoa esse papel.

Por exemplo: invirta-se a indirecta...

Sobre as "tolices", é verdade o que me diz. Tenho, visto tantas tolices ahi nessa pagina... (*Esta sua carta, por exemplo.*) afóra as que ahi vejo agora, junto á minha carta!...

Posso ser poeta "rococó", como diz; mas, porém, o meu consolo é que *todos nós* passamos por isso para chegarmos a ser alguma cousa. E depois: é crime ser principiante?

Por accaso quando o snr. nasceu já era do tamanho actual, e com a instrucção que possue?

Agora, isto da sua critica, "...o que o senhor devia ter dito era: *vivido colibri*, na accepção de esperto."

Depois contradiz, dizendo que tambem não é certo. Possuidor de enorme cópia de vocabulos, devia, como critico, dar o certo.

Eu sou principiante e... não encontrei outro adjectivo para qualificar *colibri*; agora, o senhor, porque não o encontrou?

Eu aprendi nos bancos escolares, isso que me diz do colibri; e, o muito me admira ser isso, para o snr., novidade.

Relativamente ás estrophes, de dia dizer: — Não quero publical-as.

Dizer porém, que são *passadistas* pelo simples facto de ser o snr., adepto do futurismo, acho isso incoherente. Franqueza.

Tambem não sabia que costuma analysar as obras pelo *cheiro*. Será porisso que em materia de litteratura sou *innocente*, ou será porque não sou futurista?

Ah! ah! "Seu" Yves!...

O senhor tem cada uma...!

Sem mais, aqui firma-se com prazer e sempre ás ordens, o amigo. — *Innocencio Mazzutto*."

Vamos ás respostas:

1.º — O senhor é mesmo o rei da tolice. Então, é tão deploravelmente atrazado que lê e não entende o que lê? Eu disse que era chamar *vivo* a um colibri tolice, na accepção em que empregou a palavra. Melhor seria dizer: *vivido*. Mas, mesmo assim seria usar de uma redundancia, uma vez, é sabido, que todo colibri é

> *Aos nossos leitores.* — Nesta Secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.
>
> * * *
>
> *Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.*
>
> ENDEREÇO:
>
> Rua Republica do Perú, 62
>
> Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.
>
> ———
>
> FON-FON — 5-10-1929.
>
> *Nome do consultante* ....
>
> ....
>
> *Data da consulta* ....

NO SEU HOTEL
PEÇAM

O Môlho de LEA & PERRINS

Clinica de Belleza "CEDIB"

Succursal de Cedib-39 avenue des Cliamps — Elysées — Paris.
316, rua Senador Vergueiro, 116 — Rio de Janeiro.
Productos de Belleza incomparaveis.
Tratamento da Pelle e das Rugas por novos processos.
Extincção Radical dos cravos, Pontos pretos, Acné, Sardas, manchas.
Tratamento da Seborrhéa do Rosto e do couro cabelludo.
Tratamento dos seios — rigidez; Manne Miraculeuse, *Eau de Beauté de la Gorge*, *Chair de Lotus* etc.
Are d'Eros; "rouge" para os labios, liquido, não sáe com humidade.
Nossa Especialidade em RIMEL; não arde nos olhos em absoluto.
Mascaras — as ultimas novidades; "Au Mary" — Para "Hous de Californie", Mentonniére e mascaras para a Noite — inegualaveis para resultados imemdiatos.
Depositarios em S. Paulo — Braulio & Cia. — Rua S. Bento 22.

vivido pela sua *natureza biologica*. Havia outros adjectivos a empregar. Não tenho culpa de que a sua mentalidade não chegue para assimilar a minha apreciação.

2º. — O senhor diz que aprendeu nos bancos escolares. Mas aprendeu o quê? Aprendeu a escrever *inventase* e esse acervo de chatismo epistolar, onde os pronomes embaralham numa dança macabra, mas tragica do que a de Saint-Sens?

Direi, porém, que o seu castigo já está dado: é o de publicar a sua missiva cheia de "batatas".

Que delicia para as minhas leitoras intelligentes!

SLYVIO CALLES (Minas) — Eis as suas consultas:

"As consultas que pretendo ter resposta, são as seguintes:

1.º — Corrigenda na carta acima, podendo ser franco em suas criticas, pois, "ridendo castigat moris"....

2.º — Como se pronuncia o nome de Didi Caillet — Caié ou Caiê.

3.º — Qual o modo mais elegante actualmente para ser feito o casamento; em casa ou na igreja? O casamento com "garçons" e "dames d'honneurs" é mais chic ser feito em casa ou pouco importa sel-o tambem na igreja? Qual é quantidade de "garçons" e "damas" mais em moda e qual a roupa mais em uso para os mesmos?

Grato pelas informações, subscrevo-me com apreço. — Seu amigo, *Sylvio Calles*."

Resposta:

1.º — *Ridendo castigat mores*. Divisa latina que significa: Rindo, pode-se corrigir os máos costumes."

2.º — Caillet é um nome proprio. A pronuncia é franceza. Uns dizem *Caillet*, outros *Caillet*, sem duvida baseados no uso que autoriza a pronuncia de *Bourget* e não *Bourgee*, etc.

3.º — Em casa.

4.º — Geralmente a guarda de honra, constituida pelos *garçons et demoiselles d'honneur* varia de oito a dez. Mas o senhor poderá fazer um cortejo longo como um bonde.

5.º — A toilette para esses convidados não é, positivamente, a folha de parreira do Paraiso: o chic é o jaquetão fitado e a calça de lista, polainas, gravata plastron escura e collarinho de casa. Pelo amor de Deus, não me ponha camisa de sêda e collarinho molle nos garçons!

Sou contra o brim branco. Acho-o rasta, de máo gosto, excellente para casamento na roça.

PENEDO (Santa Catharina) — Aqui está a sua incrivel missiva, commercialmente inconcebivel, prosaicamente absurda:

"Prestimoso snr. Yves. Rio. Secção Saibam todos. Redacção do Fon-Fon. — Rogo-lhe informes dentro das possibilidades viaveis, sobre o meu todo em relação ás circumstancias que nos regem na vida.

Pelo interesse que V. Sa. venha a tomar no presente caso, desde já apresento-lhe os meus sinceros agradecimentos. — *Penedo*."

Meu caro senhor, si eu fosse fazer o estudo de sua letra, certamente perderia o meu precioso tempo, uma vez que pela sua carta se pode ver o scintillante espirito que o senhor possue...

Francamente: chamar um homem como eu, um pobre diabo que vive unicamente das letras de *prestimoso* é dar uma grande elasticidade ao vocabulo. Prestimoso, eu, o pobre Yves! Prestimoso e Vossa Senhoria! Mas sr. Penedo, cuja consciencia não ha de ser de pedra! dar-se-á caso que o qualificativo mais justo, mais literario que encontrasse para antepor a meu nome fosse apenas esse? Eu, prestimoso? Mas, afinal de contas, não sou chefe politico da roça, não sou *coronel* de bobagem, não sou fazendeiro — antes fosse! — não sou negociante, não sou presidente de associação de beneficencia, não sou capitalista, não sou agente do correio de "alguma prospera e florescente villa", não sou prefeito de Caixa Prégo, não sou "boticario da comarca de tal", não sou provedor de instituição religiosa ... Uff! Que barbaridade! Eu, Yves de tal, pobre diabo, que vive da sua penna litraria, — boa ou má — porém literaria — considerado um homem "prestimoso"! Prestimoso! Não, meu caro *Penedo*, esse *escolho* não engulo eu.... Prestimoso é o senhor! Não se faça de extremamente modesto e gentil: não me venha cá emprestar os seus titulos illustres.

Não sei onde estou que o não chamo "commendador", "coronel", "cidadão", distincto senhor", "captivante cavalheiro", etc., etc., E, no fim de tudo, V. S., V. Ex., V. Rvma. misturados com Vossa Mercê, etc., etc....

Prestimoso! Nunca pensei que houvesse alguem neste mundo capaz de me chamar! Era necessario que essa creatura tivesse o duro coração de um Penedo!

YVES

O que nem todos sabem

Maurice Dekobra, autor da "Madonne aux sleepings" e de outro romances internacionaes traduzidos em 15 linguas, esteve ultimamente na India, onde foi procurar assumpto para as suas obras de tão vivo pittoresco.

Entre encantado e desillludido, verificou Dekobra a impossibilidade de fixar o aspecto de um paiz de construcção tão complexa, cujos habitantes são vulgarmente chamados hindús, quando, na realidade, são de varias raças: Penjabis, Bengalys, Dravidianos, Parsis, Maharattes, Sikhs, Malabares, etc.

O governador civil de Roma, declarou que vae ser brevemente inaugurado o primeiro grande hotel para os desoccupados. Nesse hotel poderão ser recolhidos 2.500 pobres, mediante substancial alimentação, constituida por carnes e legumes.

Outros dois hoteis serão construidos depois daquelle, e serão dotados de todos os preceitos hygienicos.

O facto de ter sido encarregada pelo governo fascista uma congregação religiosa de administrar o referido hotel, prova que o espirito italiano de reconstrucção nacional e social representa um vinculo de unidade entre a Egreja e o Estado.

A Italia introduziu ultimamente o seguro obrigatorio contra a tuberculose e está construindo em Milão um enorme sanatorio para tuberculosos, que será modelo, no genero.

•

A rua calçada mais extensa do mundo é a de Boston, em Washington, que tem mais de 27 kilometros de comprimento. A rua mais curta é a Rue Bié, de Paris, que mede apenas, seis metros de extensão.

O pae Coteau morava em Graviére, na Vandéa, e tinha 80 annos.

As terras que lhe deixára o pae, cultivára-as elle com a irmã e os dois irmãos. Como se estimassem muito, nenhum se casou, porque desejava conservar-se juntos sempre; a morte, porém, passára e agora restava apenas um.

Como todos os outros, trabalhára sempre sem quasi gastar, a herança já respeitavel dos paes estava consideravelmente augmentada, e, por isso, o pae Coteau era presentemente o proprietario mais rico do paiz, mais que millionario!

Não mudára em absoluto seus habitos; tal como vivera d'antes, tal vivia ainda, em rotina, não desejando jamais nada de melhor; fazia como tinham feito todos aquelles de seu tempo, o que lhe parecia justo e bom.

Como todas as casas de então, a sua era ao rez do chão, sem porão nem sobrado. Uma vez levantada a tranca e empurrada a porta, entrava-se na unica peça, de paredes caiadas outr'ora, hoje esfumaçadas, ennegrecidas. O dia ahi penetrava em dois fracos raios de luz por uma pequena janella e pelo meio circulo aberto sob a porta para a passagem do gato. Perto da grande chaminé, havia dois escabellos de madeira para o dono da casa e o visitante; ao centro, uma mesa côxa, a um canto, a arca de aveia, e ao fundo, quatro velhos armarios collocados ao longo do aposento, um contra o outro, para dividil-o, a modos de biombo.

A' hora das refeições, encontrava-se pae Coteau sempre vestido com a sua roupa esfarrapada de trabalho, preparando-se para comer pão duro, batatas, favas e toucinho, tudo misturado como sopa, que lhe vinha trazer a caseira depois de ter dado de comer aos animaes.

Esse homem avaro para si proprio, recebia com liberalidade todo aquelle que o ia vêr. Dirigia-se á adega, tomava uma garrafa de vinho em honra do visitante, offerecia-lhe nozes, fructas da estação, tudo o que tinha; gostava de agradar. Era, por isso, estimado por todos os vizinhos, que achavam seu modo de vida natural.

Um accidente inesperado veiu metamorphoseal-o. Apaixonou-se com a idade de 80 annos, pela filha de um amigo, uma gorducha bem humorada que estivera em Paris e sustentava os paes. Como vinha vêl-o de tempos a tempos, um raio de alegria illuminava então a pobre casa.

Um dia ella lhe disse sem maldade: "É triste viver assim os seus velhos dias, inteiramente só; deveria tomar uma governante."

Esta simples observação desencadeou-lhe o desejo, até então refreado pela timidez.

"Não é uma creada, é uma burgueza que eu preciso. Palavra, se tu quizesses...?" e atreveu-se a acariciar-lhe o braço com suas mãos callosas.

Como ficasse ella admirada, sem uma palavra siquer, proseguiu:

—"Depois, sabes, tenho bens, poderia construir-te um palacio; se quizeres, tomaremos um creada. Tenho quatro juntas de bois, e todas as minhas casas, e minha vinha que dá todos os annos vinte tonneis de vinho.
E depois tenho outra cousa ainda.

Aqui, o velho deteve-se um momento para respirar. Ella perguntou:

— Mas isto é serio, pae Coteau?

— Não se afflija, serás rica, se quizeres. Nós nos casaremos e eu te dotarei.

Afinal, decidindo-se, deixou escapar tudo:

"Desde que se trata de ti, vou mostrar-te uma cousa que todos ignoram. Vem por aqui. Nada receies, o que quero fazer-te admirar, não posso trazer até junto de ti.

E, tomando-lhe a mão, arrastou-a para detraz dos quatro armarios. Nesse recanto, mais escuro e mais sujo ainda, encontrava-se o leito pobre com o enxergão, — dois grossos pannos de fazenda entrançada, — e meio occulto por duas cobertas espessas de lã de ovelha. De sob a cama appareciam velhos sapatos antigos; e no angulo mais sombrio elevava-se uma montanha de coifas e de chapéos empoeirados, estragados pelo sol e deformados pelo trabalho dos campos. Escrava das recordações, guarda piedosamente essas reliquias que vinham do pae, da mãe, da irmã, dos dois irmãos.

Afastando os chapéos, poz a mostra uma arca e, levantando a tampa, no meio de uma nuvem de pó, tirou pesadamente de dentro uma velha saia escura, e mais uma outra vermelha e mais uma terceira, e assim até a sexta. Todas estavam cheias de moedas que se desenhavam através do tecido e amarradas com cordões.

Abrindo uma dellas, mostrou o velho os luizes de ouro.

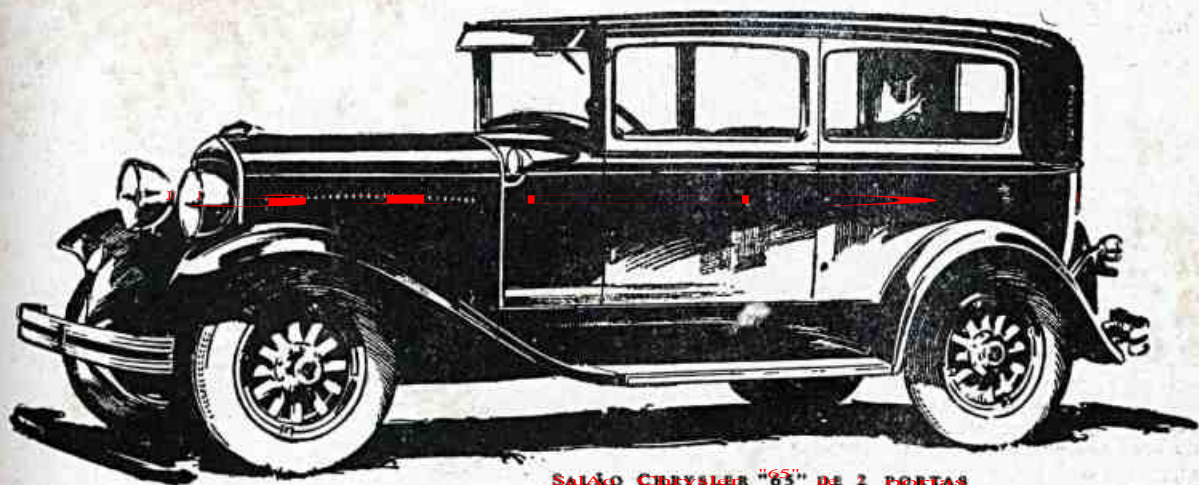
— Foram-se muitos durante a guerra, eu queria guardal-os todos, porque é ouro, e ouro não se substitue. Meus parentes deixaram-me letras que não têm mais valor, o ouro terá sempre. Tudo será teu, porque has de ser muito bôa para teu marido, pois que o és para teus paes. Não te darei, porém as roupas, pertenceram á meu defunto pae e a minha finada mãe."

A bella conservava-se fria, indifferente.

Quando um homem muito idoso se apaixona, a morte leva-o, disse-se entre nós. Parecia-lhe, a ella, vêr um esqueleto a fazer caretas por detraz do seu velho enamorado. Mas, sobretudo, o seu coração preso alhures. Tendo satisfeita a curiosidade, quiz partir.

— Reflectirei, disse ella, e mandar-lhe-ei a resposta.

Esta resposta, deu-a a moça, alguns dias depois, ao notario do pae Coteau. Elle veiu expressamente á casa della para interrogal-a, e insistiu longamente, por que precia um fructuoso contracto de casamento. "Com a pelle do velho, poderá ter a pelle de um moço." Falava elle.

Como possuia ella já estatima, recusou a do velho mau grado o seu resplendor.

SALÃO CHRYSLER "65" DE 2 PORTAS

Funccionamento sem parallelo

NÃO basta, nos tempos de hoje, que um automovel o transporte a qualquer lugar que V. S. queira ir. O publico está exigindo mais — mais commodidade e conforto, mais velocidade e segurança em um vehiculo automovel.

E Chrysler marcha na vanguarda de todos os fabricantes no que diz respeito a proporcionar ao publico o maior conforto, velocidade e segurança que elle exige.

Experimente pessoalmente a brandura e a facilidade de conducção do Chrysler "65" — e a acceleração que permittirá a V. S. distanciar-se em um instante. Aprecie a rapidez e a agilidade com que este carro se move em pleno trafego, e a garbosidade com que elle o transportará pelos caminhos livres.

164-P

CHRYSLER

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

Distribuidores:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

S. ex. o Diabo

Peralteste, pouco a pouco o aspecto de outras
lendas...

(Do soneto *Satan*, de Mendes Martins)

Esta phantasia mostra como o genio terribilissimo do Averno, o heróe tradicionalmente indelevel das aventuras sombriamente epicas e romanescas, evadindo-se audaciosamente da legenda, se infiltrou no ambiente social dos nossos dias.

DENTRE todas as creações bizarramente symbolicas de Satan, das mais excellentes ás mais vulgares, quer "na sua vil apparencia de morcego capripede" ou na attitude majestatica de Plutão, cujos traços offereceram motivos de celebridade ao lapis de Doré, na famosa téla em que representa trevosamente a face do seu terrifico Lusifer, é a de Mephistopheles genialmente divulgada no *Fausto*, essa figura originalissima de demonio tão aristocratica e phantasticamente lendaria como a idealizára Goethe, a mais apotheoticamente theatral.

E' esse o mesmo espectaculoso Mephistopheles que vemos ainda sinistramente pomposo nas faustosas scenas da opera de Gounod de "espada á cinta e *boldrié* escarlate", onde, em lances dramaticamente suggestivos, culmina o esplendor dessa tragedia!...

O Diabo dos nossos dias é, entretanto, um verdadeiro contraste: tem horror á tragedia e detesta as attitudes dramaticas.

Actualiza um personagem de escol, um *gentleman* escorreito que se constitúe no *grand monde* o arbitrio da Elegancia. Libertára-se prodigiosamente dos chavelhos e da feição sordidamente vampirica, desintegrando o seu vulto da vetustade em que jazia supinamente gafado pelo pó das lendas. E desafivelára a mascara de Melpomene. E' um Diabo por assim dizer sem rasgos epopeicos, um *dandy* platonicamente ultramodernizado, que não mais ostenta a velleidade dos habitos flamantes.

A vistosissima *toilette* com que dantes galhardamente se trajava perdeu com o uso a *féerie*, a belleza theatralmente demoniaca, tornando-se agora um velhissimo fato prosaicamente lançado para um canto onde serve exclusivamente de repasto á gana devoradora das traças. A espada, por seu turno, se converteu numa lamina ferrugenta...

Ainda assim, é elle sempre o heróe de todos os tempos. Seu rosto não vislumbra siquer um desalento que revele a nostalgia do passado. Desdenha, pelo contrario, o culto das tradições, rindo sarcasticamente de sua chimerica decadencia, convencido de ser infinitamente, no proscenio da vida, o rei dos transformistas.

E hoje machiavelicamente se disfarça sob o modernissimo aspecto de um *poseur* tão irreprehensivelmente ensaiado por Menjou, usando "frac á maneira de Novelli, chapéo alto, luvas marron, monoculo e rosa Paul Neyron á botoeira". E' o typo eximio do *boulevardier* que passeia "de carruagens a Daumont", exhibindo, com o requinte peculiarissimo dos *gomeux*, "as botinas de polimento e as polainas brancas".

Foi elle quem suggeriu, de certo, a idéa fascinadora do *rouge*, e a das lindas unhas como farpas aristocraticamente brunidas; quem instituiu tambem para as Venus contemporaneas a moda dos cabellos curtos, e o exaggerado habito dos decotes, flirtando ainda, com as suas artimanhas de consummado pontifice na arte da galanteria mundana, as Evas e as Margaridas do *bon ton*...

MAURICIO DE MELLO

A boneca morreu! No pequeno berço adornado de cortinas de um azulado cretone floreado, jaz, engalanada com um bello vestido branco que sua mamãe lhe vestiu para que durma seu supremo somno.

Mas, cousa estranha, ao realizar essa funebre tarefa, a menina não verteu uma só lagrima e, pelo contrario, manifestou intimos sentimentos de regosijo. E' que se trata apenas de um novo brinquedo, inventado de parceria com seus dois irmãos. Acaso não é permittido ás creanças que, de vez em quando, se arroguem o direito de esboçar os gestos da morte?

Além disso, não se trata nem de uma formosa boneca, nem de uma das preferidas. Com sua cabeça de biscuit, seus pomulos vermelhos salientes e seus olhos muito azues, apresenta uma physionomia bem vulgar.

Como a mamã ainda não completou os seis annos, é comprehensivel que seu coração seja ainda muito pequeno para ser maternal. Tem muito tempo á sua frente para pulsar por bonecas mais bellas, e talvez só o faça por uma só: por aquella que represente o menino que algum dia virá dentro desse coração ainda verde...

Por isso é que não ha choros nem lamentos em torno do cadaver da boneca. Tanto a mãe como seus dois irmãos discutem em voz alta, e são os dois varões que arranjam os detalhes da cerimonia a effectuar-se, com a mesma impavidez que caracteriza os empregados das empresas funerarias, a quem a majestade da morte ha longo tempo deixou de impressionar.

— Não é indispensavel ter um ataúde — disse o maiorzinho.

— Sim, e depois a enterraremos no jardim — ajunta o outro.

A menina não intervém nesses preparativos, mas de meu escriptorio a vejo dirigir-se á cozinha, onde ouço que implora:

— Maria, seja bôazinha! Dê-me duas velas!

Não vejo o rosto, mas pelo tom adivinho a surpresa da criada:

— Duas velas? E para que?

— Para prendêl-as em torno da cama de minha boneca, que acaba de morrer e a quem depois enterraremos.

Maria se indigna, e, com voz alterada, responde:

— Isso é brincadeira de que se tenham lembrado! Não sabem que não se deve brincar com a morte?

— Mas — replica a menina — não é brincadeira... A boneca morreu, e é preciso fazer-lhe quarto! Vamos, Maria... Dê-me duas velas..., por favor!

— Nunca, menina! Para que, num descuido, ponham fogo na casa? Meu Deus, que idéas tem estes meninos!

Muito bem, Maria! Felicito-a por sua energia. Si fosse condescendente, esses tres diabinhos seriam capazes de transformar a casa em um forno crematorio e, em verdade, seria muito luxo para uma bonequinha.

A menina, sem occultar seu desapontamento, regressa á camara mortuaria, onde encontra seus dois irmãos fabricando uma caixa oblonga.

— Encontramos o ataúde — proclama o maior.

Trata-se de uma antiga caixa que encerrou calçados.

Deitam dentro della a boneca, não sem grandes esforços, pois sua estructura é um tanto ampla. Mas, como não podem perder tempo, arranjam de qualquer maneira.

Agora falta a permissão para inhumar, já que sabem que não lhes é permittido fazer nada no jardim sem a necessaria autorização.

— Vae pedir a papae — diz o maior.

— Não — replica o outro. — Que vá a mãe da boneca!

De meu recanto, onde finjo estar absorto pela leitura, vejo-a chegar dando pequenos saltos. E' indubitavel que a mãezinha não parece estar muito affectada pela morte de sua filhinha. Sinto calefrios ao só pensar que essa desgraça pudesse chegar a succeder-me a mim. A essa fugace idéa, meu coração estremece. Mas, que tolo sou eu! Si minha filha goza de muita saude! Que meninos endiabrados! Com suas extravagantes brincadeiras vejam o que me fizeram pensar!

A mimosa se approxima, e cingindo-me o pescoço com os braços me aprisiona e murmura:

— Papaezinho querido, eu te quero tanto... mas tanto...

Quero-te vir, astutinha... Não és filha de Eva por nada. Seus beijos chovem em minha fronte, em meus olhos, em minhas faces, onde cahem. Aproveita minha emoção para falar. E continua, com sua adorada boquinha pegada a meu ouvido e de maneira a não ter que supportar meu olhar, no caso de este ser severo:

— Papaezinho, dize-me que me dás permissão para que enterremos minha boneca dentro de um canteiro do jardim.

Finjo não saber nada, e exclamou:

— Como? Fizeste morrer a essa pobre Odila?

Ella estala em uma gargalhada.

— Odila? Talvez queiras dizer Clotilde... Nem siquer sabes seu nome...

E' verdade! Sou um avô sem entranhas.

— Que brincadeira mais funebre, filhinhos! — respondo, tornando-me grave. Não é uma diversão digna de vocês!

— Oh, papaezinho! Si visses como é lindo! Dá-me tua permissão, ou, então, não te solto até, que hajas dito que sim!

E essa diabinha seria capaz de cumprir sua ameaça. Vejo-me, assim, forçado a dar meu consentimento, e a menina, ebria de alegria, me arrasta.

— Vem, papae! Tu serás o acompanhamento.

Dirigimo-nos para o canteiro central do jardim. O caminho parece-me interminavel, e eu não sinto nenhuma vontade ir.

Lá no fundo, o maior acaba de cavar a cova.

O cortejo detém-se. Põe-se a descoberto a misera caixa de papelão em um de cujos lados se póde ver ainda, meio apagada, uma etiqueta suja e um ramo de violetas. Baixam o ataúde á cova, cobrem-no com terra, e o maior exclama:

— Terminou a cerimonia! Deixal-o-emos aqui dois ou tres dias, e depois te devolveremos tua boneca, mana.

— Bem sei disso — respondeu minha filha. — Morreu, mas não de verdade!

De repente, seus olhos se abrem desmesuradamente e seu rosto empallidece. E' que me olhou. Acaso não tenho minha cara habitual?

— Papaezinho..., papaezinho... — balbucia. — Por que choras?...

De Amado Nervo

IMPERFEIÇÃO

ACHAMOS imperfeitas e inharmonicas muitas cousas do mundo. Mas, como as achamos assim. Achamol-as assim com nossa razão.

Nossa razão é, pois, a rectificação mysteriosa e perenne das cousas. Deus parece julgar o mundo de nossa razão.

Isto faz pensar que um dia o universo estará de accordo com a razão, e a razão de accordo com o universo.

E assim se realizará a identidade final.

Si cessasse por um momento a fantasmagoria do Espaço e do Tempo, com a qual nosso cerebro constróe o universo, não restariam sinão almas immoveis deante da realidade.

—

TEDIO

DIZIA-ME um amigo, falando da prolongada monotonia de sua existencia: "E' como uma longa estrada branca, descampada..." Por cima vôam alguns passaros: são as idéas as leituras ou a contemplação da Natureza. Pela estrada, não passa ninguem..."

O tedio começa sempre por perguntar a si proprio: "Com que objectivo?" E acaba pela destruição absoluta de todo o trabalho.

Com essa pergunta destruiriamos o universo e tirariamos o sabor da vida. Nada e tudo tem objectivo, e tão essencial é, talvez, para o rythmo do mundo o canto do rouxinol como o pensamento de Newton.

—

OBSERVAÇÃO

TALVEZ uma das poucas alegrias da velhice, que esta não é muito amargurada e aniquilada pelos achaques, consista na observação fria, um pouco ironica e no fundo indulgente, da sociedade.

A alma passa lentamente de actriz a espectadora.

Os resultados dos diversos successos lhe importam cada dia menos, porque sabe cedo partirá para o outro mundo. E' como um viajante que do portico da estação, emquanto espera o minuto da partida, se entretém, com certa curiosidade distrahida, em contemplar o espectaculo da grande arteria humana.

Nos bailes, nos chás, nos theatros, em toda reunião, um velho observador, sereno, affavel, goza talvez mais do que os moços. O prazer destes é puro aturdimento. Elle, pelo contrario, julga a existencia, contempla seus ardis, suas inquietudes, seus *modus operandi*, sempre ingenuo e sempre o mesmo na juventude, no amor, na ambição.

Vê de um cimo — o cimo da neve de seus annos — o panorama e nota o movimento dos fios que atraz das *bambolinas*, sacodem os titeres.

Póde até vaticinar certos effeitos que sua experiencia conhece.

E', em summa, o espectador ideal.

"AO BEM-ESTAR"

A reabertura da casa-matriz do «Ao Bem-Estar», o conhecido e conceituado emporio de moveis finos e artisticos da rua do Cattete, 77 e 79, com filial á mesma rua, n.º 253, foi uma cerimonia que se revestiu de muito brilho, comparecendo á mesma, além de seus dignos e esforçados proprietarios, srs. Dorfmann & Irmão, e empregados do grande estabelecimento, varias familias e numerosos cavalheiros. A gravura acima fixa um aspecto da cerimonia da reabertura do «Ao Bem-Estar», vendo-se seus proprietarios, cercados de suas familias

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 40

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1929

A vaia da magreza

JOÃO DO NORTE

A senhorita Lisl Goldarbeiter, eleita em Galveston "Miss Universo", foi recebida em Bucarest com uma das mais expressivas manifestações de desagrado de que ha noticia. Apesar de ter sido convidada a ir áquella capital, onde a esperava na estação do caminho de ferro Magda Demetrescu, "Miss Romenia", a rainha da belleza mundial soffreu uma vaia fulminante que lhe ha de ter tirado o prazer da notoriedade de papelão que desfrutou. O populacho romeno cercou-lhe o automovel aos assobios e apupos, que a policia foi impotente para conter, bombardeando-a com caroços de frutas, ovos, repolhos e batatas. E, entre alas hostis de vaiadores, a pobre rainha correu a refugiar-se quanto antes na casa de sua collega.

Correm diversas versões a respeito dessa estrondosa vaia. Dizem uns que resultou da inimizade entre a Romenia e a Austria, inimizade secular ultimamente aggravada com a questão da Transylvania. Asseguram outros que tudo se deve ao odio racial dos meios-latinos da antiga Dacia Trajana contra os teutões da vizinhança. Querem outros que esse odio de raça seja de natureza peor e attribuem á "Miss Universo" sangue judeu. Em verdade, seu nome — Goldarbeiter — faz desconfiar. E a todas essas opiniões devemos juntar mais uma, sem duvida a mais interessante, revelada pelo jornal hungaro *Magyarsag*. Segundo esse periodico, a vaia deve ser attribuida á má impressão causada no paiz pela escolha do jury de Galveston. Tudo simples questão de gosto. A Romenia vaiou a bella viennense por se recusar a consideral-a a mulher mais bella do mundo, ou melhor, a mulher mais bella dentre as que compareceram ao torneio da praia Yankee.

Quando se souber em que consiste o maior defeito achado pelos romenos em Miss Goldarbeiter e que motivou a terrivel vaia na pobre moça, defeito esse revelado pelo citado jornal, as senhoras e senhoritas que se dignarem passar os lindos olhos por esta chronica ficarão estarrecidas de espanto: a Romenia vaiou a Senhorita Universo por ser demasiado magra!...

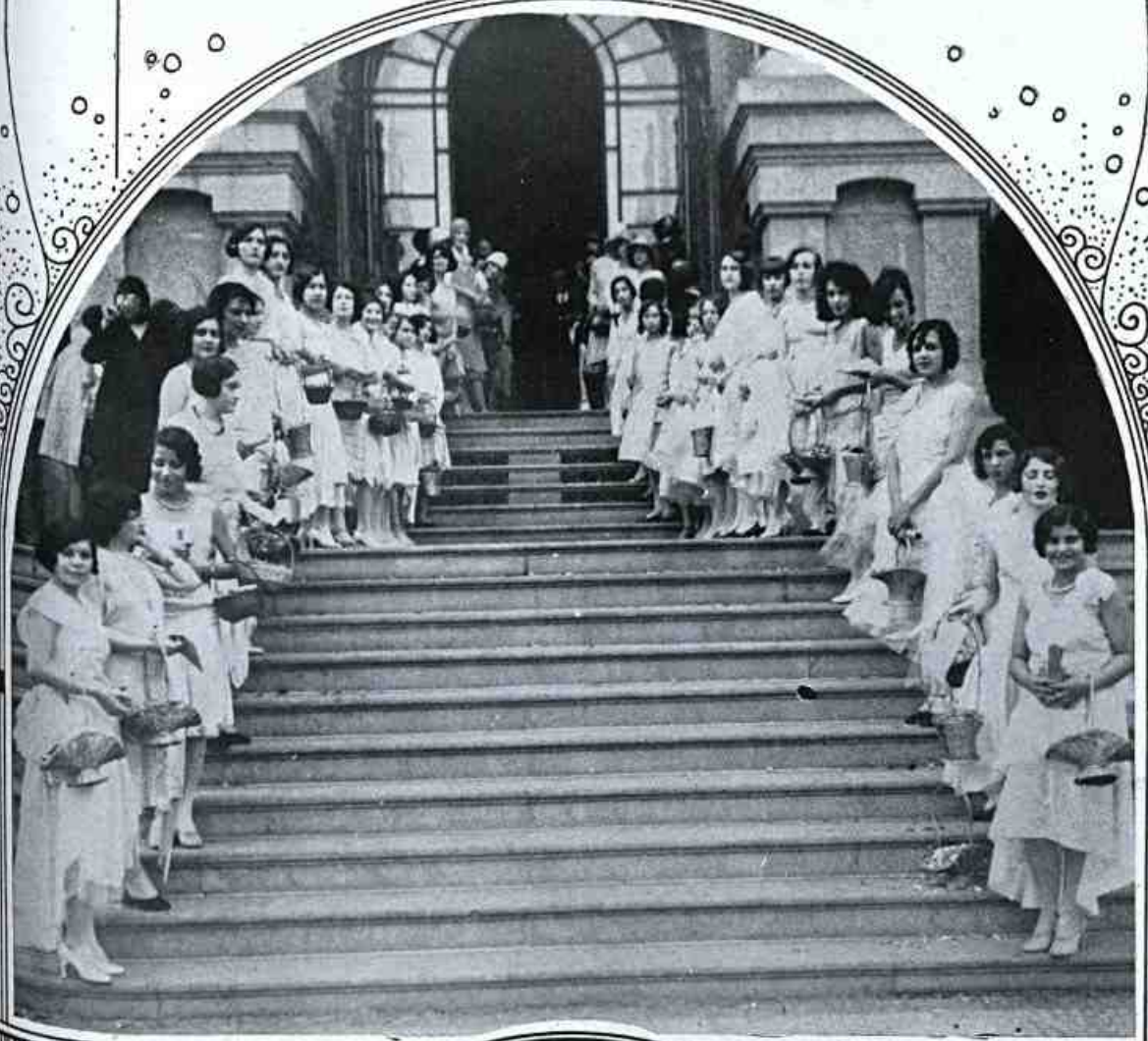
Cuidado, portanto, beldades que praticaes ásperos regimens de jejuns e massagens, afim de diminuir vossas rotundidades! Cuidado! Si fôrdes um dia a Bucarest, levae anquinhas e enchimentos...

A Romenia compõe-se, geographicamente, de dois principados — Moldavia e Valachia, e dos territorios transylvanos aggregados depois da guerra européa. Os dois primeiros estiveram durante alguns seculos sob o dominio atroz dos conquistadores ottomanos. Seus principes, nomeados pela Sublime Porta, eram tão dependentes e precarios que se intitulavam officialmente Hospódares, isto é, hospedes do sultão. A Romenia foi até certo ponto orientalizada pelos turcos, como, aliás, toda a peninsula balkanica. Os habitos do Oriente demoraram longo tempo nella, ajudados das tradições byzantinas, e seus vestigios ainda se encontram em muitas manifestações das camadas populares. Sabe-se que, em todo o Levante, o bom gosto exige que a mulher seja gorda. Quanto mais abundante de banhas, melhor. A vida enclausurada das mulheres nos serralhos, o abuso das pastelarias e guloseimas, o costume de passarem o tempo sentadas, a falta absoluta de exercicio tornam-nas adiposas logo na primeira mocidade e dahi veio a moda de apreciar as formas rotundas. A Romenia popular conserva essa tradição oriental e foi em funcção della que vaiou a esguia Miss Goldarbeiter.

Um viajante francez, Theodore Cahu, que esteve nos Balkans ha quarenta annos e escreveu um livro interessantissimo *Des Batignolles au Bosphore*, conta que, entre os camponios romenos, somente achavam casamento com felicidade as mulheres gordas e que elle assistiu uma velha pedir a um candidato á mão de sua filha esperasse algum tempo, afim de poder apresental-a bem gordinha, pois já a estava cevando para a boda...

Assim, a vaia foi a vaia da magreza. E' o caso de aconselhar a "Miss Universo" que engorde e, quando estiver com a esphericidade do senador Lopes Gonçalves ou do Chaby, dirija-se novamente a Bucarest para tirar sua desforra e receber, em paga da vaia da magreza de agora, a ovação da gordura...

A «Festa da Primavera» foi um pretexto galante para a nossa mocidade feminina homenagear o sr. presidente da Republica e exma. senhora Washington Luis. A linda solennidade realizou-se sabbado á tarde, no Theatro Municipal, e teve o esplendor de um grande acontecimento social. Um programma de arte brasileira, organizado e executado por figuras bem conhecidas nos salões cariocas, encheu a tarde elegante da «Festa da Primavera». Versos e danças populares, com musicas nossas, deram a essa festa luminosa um caracter de intensa brasilidade e constituiu, por assim dizer, uma apotheose á nossa terra joven. A frente da ceremonia falou a senhorita Beatriz Sylvia Romero.

A FESTA DA PRIMAVERA

GOTTAS ESPIRITUAES

Nós somos como cannas balouçados pelo vento. O vento é o destino, mas por que este ou aquelle destino? E o vento, quem o sopra? Só Deus o sabe.

G. Deledda.

Si fallam mal de ti e é verdade, corrige-te: si são mentiras, ri-te dellas.

Epictete.

Os systemas e as opiniões não têm outra certeza sinão a que lhes conferem a moda, a novidade, ou o credito e a autoridade daquelles que os inventaram.

(D'Argens.)

O pelotão elegante que estava formado á entrada do Municipal, aguardava a chegada do casal Washington Luis. Em baixo, o presidente da Republica e sua exma. esposa, recebidos com petalas de rosas pelas organizadoras da «Festa da Primavera».

E eu rejuvenesci... para amar os seus olhos languidamente tristes... para amar o seu sorriso ternamente magoado... para amar a sua angustia luminosa... para amar a sua melancolia serena... para amar a sua simplicidade... para amar a sua alma e o seu corpo...

Agora, você já me tocou com a varinha de condão dos seus encantos, ó minha fada branca, ó Cinderella das minhas en[illegible]dades e das minhas inquietudes sentimentaes!

Não sei por que você surgiu na minha vida melancólica... Eu já acredito na felicidade. Acredito numa felicidade de carne que ás vezes sabe sorrir para mim e ter uns olhos côr de ouro...

LAMPEJOS

Não sei por que você surgiu na minha vida melancólica... Não sei por que você me veiu trazer, com os seus olhos côr de ouro, a illusão de que a felicidade existe.

Eu vivia tão resignado com a minha descrença de homem scéptico e o meu pessimismo desolado... Eu vivia tão sereno na minha solidão...

E você surgiu... E os espinhos dos meus desenganos se transformaram em rosas de esperança... E a minha alma sombria — minha alma crepuscular — se encheu de claridades matinaes. E minha vida se illuminou de alentos novos e de nova alegria.

O Praia Club commemorou brilhantemente o segundo anniversario de sua fundação: offereceu um grande baile á sociedade de Copacabana. Foi uma festa rutilante, que assignalou um verdadeiro acontecimento mundano.

— Ah, isso é verdade. Sou infeliz com as mulheres.

E Helena, no seu lindo vestido de crêpe da China *vieux-rose*, fez uma pirueta alegre, no meio do salão, para me perguntar com espirito:

— Mas por ventura só ellas é que concorrem para essa infelicidade? Acaso não será um pouco responsavel por isso? Vamos! Responda lá...

— Não! Sou uma eterna victima da volubilidade das Evas. Confio nellas, de mais. Dahi o meu fracasso.

— Por que não segue o conselho de Bataille?

— Que diz elle?

— Diz isto.

E Mlle. Helena, que sentara a meu lado, procura transmittir-me o pensamento francez, com a sua mais pura pronuncia:

— "Que te demande d'être sincère? Mens, c'est la politesse de l'amour".

— Ah, mentir, no amor? E' uma indignidade. Mentir é fingir. E em amor só se finge quando já não se ama. De resto, a gente traz no sangue a nobreza das proprias attitudes.

Ou se é nobre ou não o é.

E contei-lhe o resumo de uma peça de Bernstein, onde o autor dignifica a honra de um aristocrata, ás portas da miseria.

Um burguez de sentimentos inferiores procura salval-o da débacle em que está, com o dinheiro que lhe deposita nas mãos, mas prejudicando a sua dignidade. E quando o aristocrata diz preferir o suicidio a essa vilania, o burguez se espanta e fica indignado. Então o fidalgo retruca: "Era preciso que o sr. sentisse sangue azul nas suas veias para comprehender certas attitudes fidalgas."

E accentuei:

— No amor tambem é assim.

Pausa. Depois, proseguindo com enthusiasmo:

— Comprehende-se que se faça um pacto de honra com uma mulher de condição inferior e que ella quebre esse pacto, com a mesma serenidade com que entra numa egreja.

— A mulher é parte fraca.

— Já se foi esse tempo.

De regresso da egreja, a de «boa» commenta: «Aquella que alli vae entrará no reino do céo: é pobre de espirito...»

Hoje ella é tão forte como nós outros. De mais a mais, dignidade é dignidade. Não ha parte fraca nem forte, quando se trata de ser digno.

— Mas si fôr o homem que quebrar esse pacto de dignidade?

— Nesse caso será elle o ser inferior, o homem que não comprehende um sentimento elevado, nobre, superior, pairando acima das torpezas da vida, das mesquinharias, dos interesses subalternos.

Helena fez uma cara amuada. E declarou:

— Ih! Você hoje está muito rude.

— A verdade não é amavel: é violenta e antipathica.

ESTRELLINHAS — Os senhores já repararam em que ha situações curiosas em nossa vida? Claro que sim. Oh, quantas situações curiosas! A vida mesma é feita de surprezas. E' um film de acontecimentos mundiaes. Ha de tudo em nossa vida.

Mas uma das situações mais curiosas é essa em que a gente já não crê mais no amor e acceita todos os seus absurdos como uma consequencia delle mesmo.

Quando se chega a esse estado de alma, a gente arrisca o que tem, como quem atira os ultimos nickeis na roleta ou na loteria.

Na loteria é melhor. O amor é como a loteria. Quando se jogam os ultimos nickeis já não se crê em premio de especie alguma. Espera-se, ao contrario, que todos os bilhetes saiam brancos.

De sorte que si um tem o mesmo dinheiro, a surpreza é sempre bôa, é sempre das mais agradaveis.

O bilhete que tem o mesmo dinheiro é um velho amor que renasce ou um outro que, não sendo melhor que o ultimo, não é tambem peor que o primeiro.

A delegação da Convenção Nacional, quando desembarcava na estação do Norte, em S. Paulo, vendo-se os drs. Feliciano Sodré, Miguel Calmon e deputado Souza Filho, na occasião em que eram recebidos pelo major Tenorio de Britto, representante do presidente Júlio Prestes; doutor Heitor Penteado, vice-presidente do Estado; dr. Pires do Rio, prefeito da cidade; major Luiz Fonseca, presidente da Camara Municipal; senador Dino Bueno, presidente do Senado, secretarios do Estado, e drs. Salles Júnior, Oliveira Barros, Rolim Telles, Fernando Costa e Fábio Barretto.

REVERBEROS

Foi por uma bailarina iberica — sevilhana, precisamente — que eu fiquei sabendo que S. Paulo é a cidade de que remoça. "Aqui — disse-me — recupera-se facilmente o perdido esplendor da mocidade. Nem sempre o esplendor do corpo, mas, com muita frequencia, a jovialidade do espirito".

— Como? — perguntei-lhe, quanto, cheio de espanto, considerava o frescor de sua inconfundivel formosura.

■ ■ ■

O presidente Julio Prestes, o senador Dino Bueno, presidente do Senado do Estado e os senadores Miguel Calmon, Feliciano Sodré e deputado Souza Filho, delegados da Convenção Nacional, durante a recepção official, palestram no salão nobre do palacio do governo paulista.

Effectivamente quem quer que fosse estranharia que alguem tão bella, e tão moça, festejada e disputada, começasse tão cedo a falar em reconquista de juventude e esperanças... E mais do que estranheza, tal causaria terror: em casos taes, ha infallivelmente um tragico romance, cujos protagonistas muito cedo se esquecem, mas que insistem em narrar aos conhecidos, sempre que das suas amargas peripecias se recordam.

Entretanto, e felizmente, não se tinha verificado, no caso que estou narrando, tragedia alguma. A reconquista da mocidade, não se referia a ella; mas a um ancião que a cortejava, da mesma forma que os moços cortejam...

"Elle sabe versos — acrescentou — que tornam alegre o coração da gente! Nunca vi coisa assim..."

E assegurou-me a bailarina iberica que em paiz algum do mundo ouvira, nem mesmo nos labios da juventude incipiente e, por isso mesmo, enthusiasta e franca, a mesma doçura na voz, ao declarar amor.

— E lembra-se d'algum desses versos?

— Ora! Já os conheço a todos. São velhissimas poesias, mas que encantam sempre. Deus me livre que m'os recitasse versos seus... novissimos!

— E por que encantam sempre?

— Sempre, não. Queria dizer: sempre que são ditos com amor. Você não imagina que belleza eu senti nestes versos que elle me disse... Espere, não me lembro bem. Ah! nestes versos celebres:

"L'amour...
c'est un bien qu'on [maudit,
c'est un mal qu'on [adore,
c'est un poison enfer- [mé
dont on demande en- [core..."

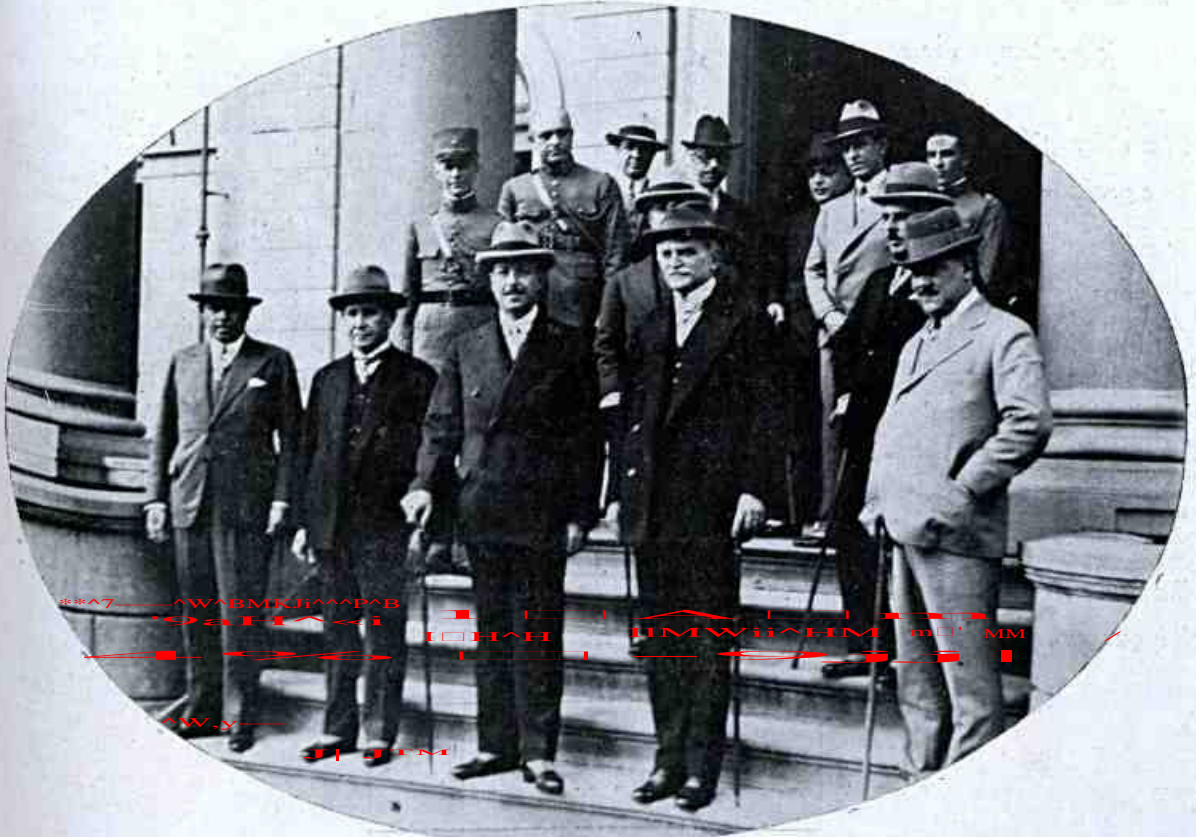
— Não são lindos? — perguntou-me, ao recital-os.

Eu então lh'os repeti, baixinho.

Respondeu-me ella com uma gargalhada crystallina que me boqui abriu. E acrescentou:

— Qual! Aqui, só são mesmo interessantes os velhos. Elles se remoçam facilmente. Os moços são sempre mais moços do que parecem. Tal qual como você.

Amaldiçoei, nesse momento, os velhos. Eu, que sempre os bemdisse!

O presidente Julio Prestes e o senador Miguel Calmon, ao deixar o palacio do governo.

Os delegados da Convenção Nacional, depois da recepção official, em companhia do presidente Julio Prestes, em «pose» especial para o FON-FON, na escadaria do palacio do governo.

VARIAÇÕES DA PRIMAVERA

Doze são as primaveras
no Brasil.
Pois cada mez é, devéras,
um "evohen!" primaveril.

E de janeiro a dezembro,
nesse jardim verde-gaio,
ha primavera em setembro,
como ha primavera em maio.

— Com a passagem do equinoxio,
a 21 de março... Hom'essa!
A primavera, o' beocio,
em qualquer tempo começa.

Si ha chlorophyla nas palmas,
viço e graça, nas mulheres...
Si ha primavera nas almas,
que mais queres?

Dês que setembro termina,
vindo outubro, é quando então
a nossa terra divina
é a Terra da Promissão.

Olha que manhans macias!
Olha que noites sensuaes!
Lithanias, phantasias,
madrigaes!

Só eu (ninguem me perdôa
esta queixa em plena festa):
falta-me certa pessôa,
nada, portanto, me resta.

Sei que a terra anda florida,
bem o sei. Mas para que?
Primavera... nesta vida!?
Primavera... sem você?!

Em janeiro ou em setembro,
toda a terra em esplendor,
a primavera que eu lembro,
não volta mais, meu amor!

Tudo volta, volta: menos
(nem pensas nisso ou o expandes)
o que sonhámos, pequenos,
p'ra quando fossemos grandes...

Porque tu... você... — ó aurora
do meu sêr!... vês? Nada influe:
A gente cresce por fóra,
mas por dentro diminúe...

BIDÚ Sayão, cujos triumphos têm sido retumbantes, parece dizer ao FON-FON, com o seu sorriso eloquente: «Não o esqueço».

SABE, minha amiga? Estou admirada da sua velhice, do seu aniquilamento.

Quando a encontrei, hontem, naquella casa de chá, onde as mulheres resplandeciam como porcelana, á luz morna da tarde, senti um desencantamento tão grande, que me puz a chorar intimamente o seu luminoso passado. Você foi bem bonita. E, sobretudo, foi uma mulher cheia de intelligencia e de graça. Recordo-me da sua elegancia, quando os seus trinta annos jorravam plenitude, e lembro-me, documentando este commentario que lhe faço á vida, que falaram mal de você todas as suas amigas mais queridas, e os homens a quem você desprezou... Basta saber-se o quanto estilhaçam a uma mulher as calumnias, para sentir-se o seu prestigio sobre o ambiente onde ella tem vivido. Entre nós, uma linda mulher nunca passou incolume. Vive assediada por mil malfeitores da sua elegancia moral. E' um indice invariavel da belleza ou da intelligencia da mulher brasileira o que dizem os perversos sociaes da sua vida, dos seus habitos, da sua harmonia intrinseca.

E' uma lastima a nossa educação. Um paiz semi-selvagem, como o nosso, de raça incerta, onde tudo respira a atrazo, a bafio colonial, a gente não póde viver ainda no desafogo da civilização. Tem que soffrer o castigo da sua superioridade; deve-se pungir pelo crime involuntario de ter nascido de alma livre, num meio ainda escravocrata, por tendencia, e por necessidade ethnica. Você foi sempre uma revoltada. Lembro-me da sua ironia farpante, quando você, nos seus grandes dias de intelligencia, recortava as almas dos seus amigos em caricaturas diabolicas.

Nesta terra, os homens, e tambem, e ainda mais as mulheres, são todos elles uns pernosticos da maledicencia. A's vezes, eu me deslumbro com o penetrar-lhes as manhas... São esplendidos... Divertidissimos... Uns assombros de perfidia... Não sei se você ainda se lembra da Joanna — aquella de olhos verdes. Pois olhe, até ella, com o seu espirito tão bohemio, é deliciosamente perfida. Ainda hontem, eu sorri com saudade, lembrando-me della, da verde Joanna, numa tarde nevoenta, em que discutimos sobre o valor da mulher brasileira em face de todas as campanhas que se movem para o seu desprestigio. Naquella tarde, a Joanna me surgira á entrada do ascensor do hotel, numa attitude bem gentil. Poucos dias, após, me fez uma das suas perfidias...

Joanna é uma grande feminista, daquellas que defendem os direitos do nosso sexo com um vigor deliberado. E' a figura mais brilhante do nosso feminismo, apezar de dizerem os máos, que ella trabalha por um ideal inconfessavel na sua belleza, e nos seus proveitos... Eu sou muito sceptica para acreditar no que dizem os outros. Agora estou menos amarga, porque o meu collega Mur[illegible] Capistrano descobriu, num[illegible] classificação gentil, a formula de me enquadrar num epitheto suave. Sou uma "sceptica melancolica"...

E' bem amavel e persuasiva a taxação que me coube... Mas, voltemos a você mesma.

Eu comecei a lhe escrever dizendo do meu desapontamento por sua decadencia. E devo continuar o meu asserto sem me constranger.

Da sua belleza você conserva ainda um vestigio, um só... Sabe qual é? A sua bocca.

Essa bocca de peccadora, essa grande bocca de amorosa, onde os beijos cascatearam em rumores e turbilhões...

Tudo mais é um desastre. Você está reduzida á expressão infeliz de um desperdicio.

Tudo em você perdeu a vida. Até você mesma, na essencia do seu espirito, se converteu numa desesperada imprecação contra todos os movimentos á esthetica.

E' uma verdade terrifica esta revelação que lhe faço.

E a faço com alegria.

Você sabe muito bem que, nunca aprendi a perdoar. Considero o perdão um aviltamento, um quasi ultrage aos caracteres fortes.

Você sabe tambem que, você me devia uma razão de odio. Recorde-se dos dias de novembro de 1926... Lembra-se?... Eu lhe prometti a offensiva de uma paga. Chegou a hora.

Quando a encontrei hontem, gorda, quasi desprezivel, com aquelle casaco preto cheio do pó da traição, senti a alma dilatar-se-me em anseios gloriosos...

Era a gloria da vingança. Você não póde comprehender esse grande sentimento: o sentimento do coração ferido que geme por uma vingança. Você sabe trair a gente com sorrisos amaveis. Mas lhe affirmo que tenho sentido o melhor do meu sentir, vingando-me suavemente das injustiças que você me fez, dizendo-lhe que você já não póde sahir para encarar o sol. Está muito feia. Reserve-se para sahir á noite, aproveitando os frouxos raios de uma lua parca. A lua é a sempre cumplice de todos os desvarios. E, dos madrigaes que os lunaticos fazem ás suas amadas, aos roubos que depredam o alheio, tudo são coisas que se passam sob os auspicios da lua. Ella é uma velha matrona que já não tem forças para reagir. Tudo supporta pacientemente.

Tambem supportará a sua silhueta de chelonio. Mas eu lhe quero dar um conselho sincero. Da sua desageitada circumstancia physica, onde os seus pés formidaveis representam a base desse seu arcabouço dramatico, lhe resta o unico recurso de sorrir.

Sorria. Sorria sempre. Mostre esses seus dentes num desesperado fulgor de decadencia. Não se poupe a sorrisos. Todo o esforço que você empregar para fazer valer o derradeiro raio de luz da sua vida de belleza, é uma grande apotheose final fechando o cyclo das suas aspirações de magnata da inveja...

Sylvia Moncorvo

O vôo da amizade Mexicana

OS aviadores mexicanos coronel Pablo L. Sidar e segundo-tenente Arnulfo Cortés, que ha dias passaram por esta capital e estão realizando um vôo de approximação fraternal entre o seu e os paizes sul-americanos, foram homenageados, aqui, pelo encarregado de negocios do México e sra. Herrera de Huerta, que lhes offereceram uma recepção, na séde da embaixada.

ARABESCOS

Eu não ignorava que havias de partir um dia, para sempre. O teu abandono não foi uma surpresa para mim. Eu o previa.

E, antevendo-o e temendo-o, imaginava que me havia de consolar da tua ausencia, compondo as mais bellas paginas que tenho escripto.

Hoje a saudade me pediu que escrevesse cousas tristes, emotivas, cheias de encantadora poesia, de amargura doirada, de ternura subtil...

Olho o meu interior e devasso a minh'alma.

Dôr.

E' de dôr que está cheia a minh'alma. Dôr crúa, negra, cruel, amarga, torturante.

Não vês, meu amôr, que seria tolice adornal-a da poeira doirada da fantasia?

Para que descrevel-a, si melhor, bem melhor sei sentil-a?...

A ILLUSÃO DA MOCIDADE...

Já ouvi dizer que a idade, á medida que chega, que a mulher sabe guardar. Será, acaso, privilegio feminino?! Supponho que não. O homem tambem sabe esconder o numero de annos vividos, persuadido, naturalmente, de que, assim, poderá enganar a mulher... Parece que se trata mais de uma vaidade humana, aliás até certo ponto justificavel, pois Cupido só gosta de brincar com gente moça.

A velhice assusta, porém nem todos sabem envelhecer com elegancia de espirito. Entretanto, por mais respeitavel que ella seja, a velhice é sempre ridicula... De nada vale a philosophia para o caso.

Ser moço é ser bello, é ser forte. E, quando occultamos a idade, á medida que ella avança, é a illusão da mocidade que agarramos com unhas e dentes...

O coronel Pablo L. Sidar, quando visitava o sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Octavio Mangabeira, no palacio do Itamaraty. Acompanhando a grande figura da aviação militar mexicana, tambem ali estiveram o encarregado de negocios do Mexico e o addido militar á embaixada do paiz amigo no Rio de Janeiro.

FILIGRANAS

Si telephone fôsse mammadeira...

O desta redacção é talvez o que mais dá trabalho ás telephonistas ou que menos trabalho dá. Porque vive constantemente occupado. Certos companheiros delle se dependuram o dia inteiro, perturbando até os negocios commerciaes da casa. Labios colados ao receptor, physionomia risonha, os pés impacientes, deixam correr o tempo ciciando mysterios...

Quando um sáe, outro engancha, gruda, enforca-se alli horas e horas seguidas. Póde o mundo vir abaixo que não despregam. Estão amarrados pelo fio a um par de labios carminados que se encontra onde ninguem sabe.

Si telephone fôsse mammadeira, o FON-FON só teria redactores gordos, rivaes do Xico Boia ou do Chaby...

:: Lanternas de Papel ::

A Espanha aventureira da epoca dos descobrimentos maritimos e das conquistas de paizes ignotos e mysteriosos produziu uma virago militar, que deixou fama nos annaes da historia. Foi dona Catalina de Eranso, a monja-alferes, cujas memorias fôram traduzidas em francês e offerecidas aos leitores cultos do mundo moderno bom esse acre perfume do passado pelo grande poeta José Maria de Heredia. Fidalga da Guipuzcôa, escapa-se quasi menina do convento onde a haviam encerrado para domesticala, veste-se de homem e assenta praça num regimento que parte para as colonias.

O dr. Belmiro Valverde, o illustre medico cujo saber e cujo nome tanto honram a sciencial brasileira, é o chefe do Serviço de Vias Urinarias da Policlinica Geral do Rio de Janeiro. Na photographia acima, tomada por occasião da passagem do segundo anniversario daquelle importante serviço, o dr. Belmiro Valverde apparece entre os seus assistentes e internos, que lhe fizeram, então, carinhosa e expressiva homenagem de sympathia e apreço.

Esteve no Mexico, no Perú, no Chile, em Napoles e em Roma. Fez a guerra e chegou ao posto de alferes. O rei espanhol perdoou-lhe os varios crimes que commetteu e concedeu-lhe uma terça. O papa permittiu-lhe usar o uniforme e a espada. Pietro della Valle, que pessoalmente a conheceu em 1626, declara que ella era um homem feio e de feminino somente tinha a mão.

O Brasil póde orgulhar-se de ter produzido uma heroina muito semelhante, menos na feiura, e talvez superior á monja-alferes. Na intrepidez, sobrepujou as mais corajosas mulheres, cuja recorda-

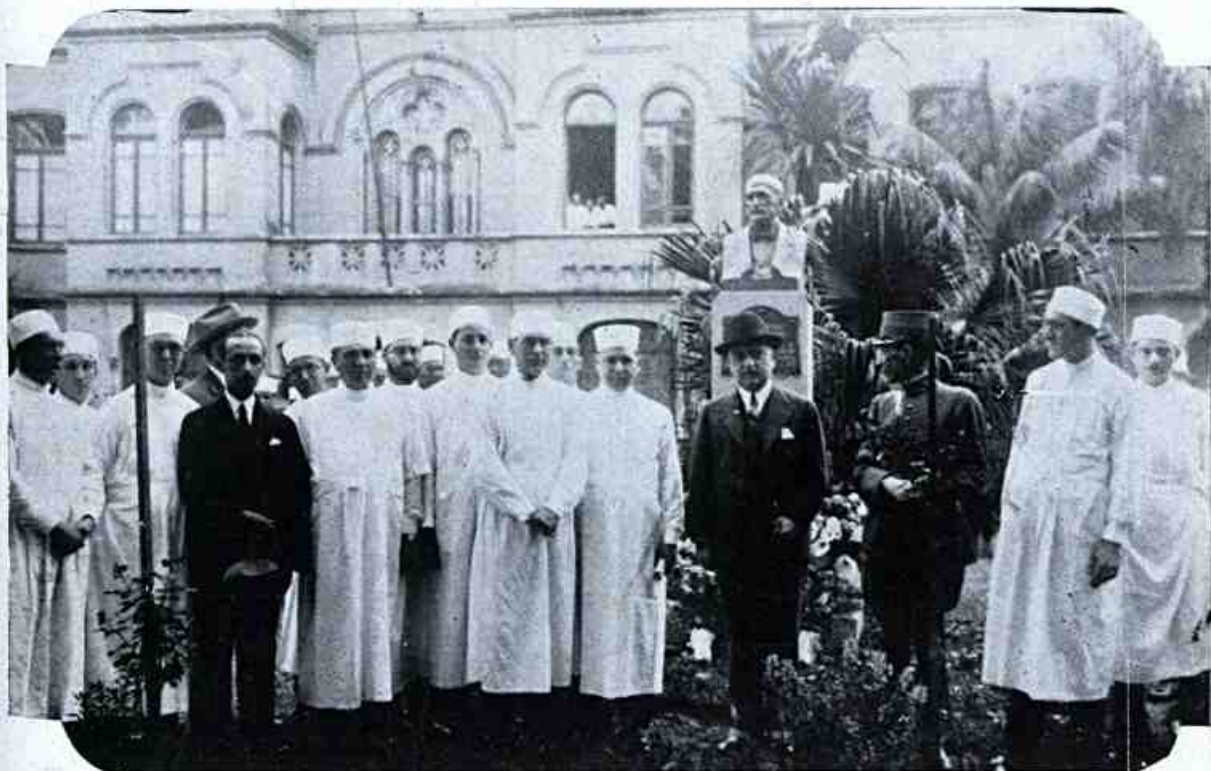
A SENHORA DO PAÇO DE PANGUIM

ção vive nas paginas da historia. Chamava-se dona Maria Ursula de Abreu Lencastre. Era filha de João Abreu Oliveira e nasceu, em 1682, na mui leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Aos dezoito annos de idade, achando-se em Lisbôa, contrariada em seus amores pela familia, fugio da casa paterna, cortou os longos cabellos, trajou-se de homem e assentou praça em um regimento de infantaria que ia seguir para a India. Nas possessões lusas da peninsula indostanica, logo se distinguio por sua temeraria bravura. Nenhum soldado igual áquelle franzino adolescente nos combates peito a peito, no escalar as trincheiras dos naires. Foi quem cravou, em 1705, a victoriosa bandeira das quinas e castellos nas ameias conquistadas da fortaleza de Amboma. Foi quem commandou durante longo tempo, defendendo dos mais terriveis ataques o seu posto, o mais importante dos baluartes da famosa fortaleza do Chaul, onde outr'ora resplandecera a gloria dos Almeidas e deante de cujos muros em brava lide contra os rumes perecêra o ousado Dom Lourenço, filho do vice-rei. Foi quem conquistou, em 1706, as ilhas de Ponelem e de Corjuen.

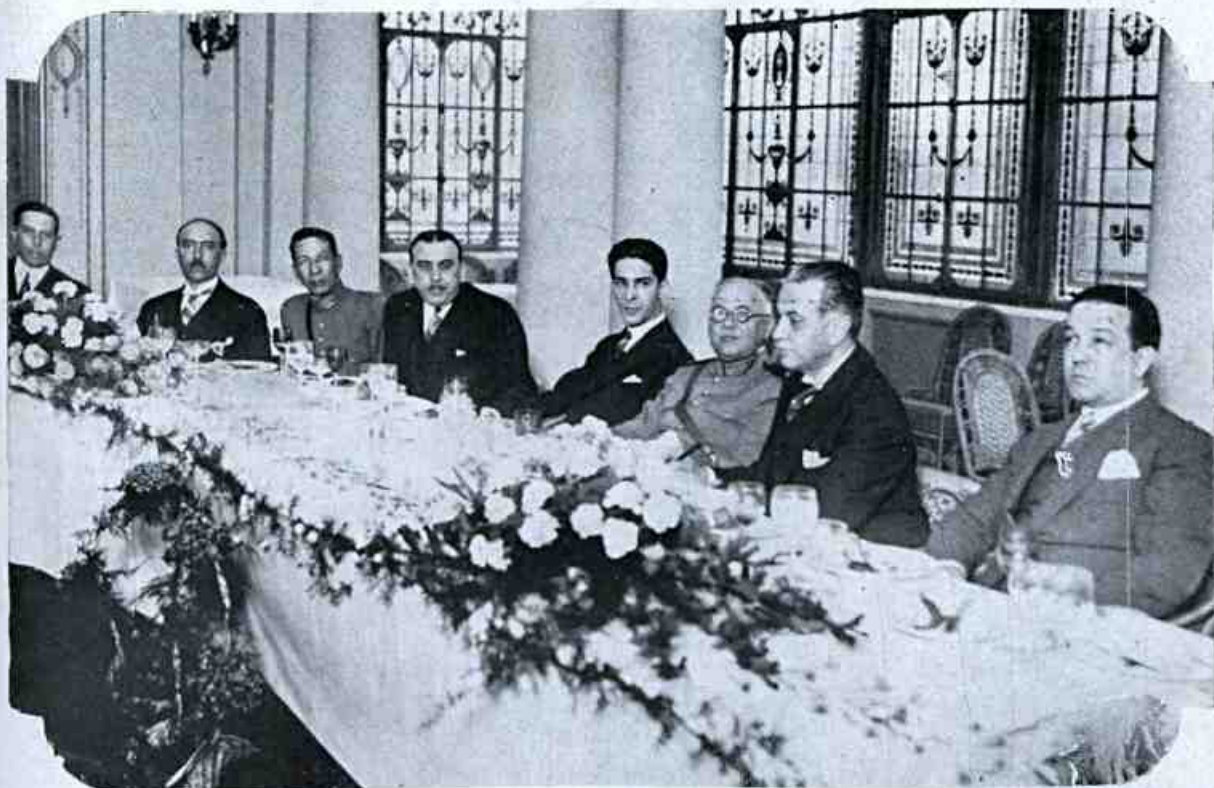
Seu coração, que ella julgára morto nos campos de peleja, suffocado pela fumaça de polvora, reflorio na primavera de 1714 e a nossa patricia deu baixa para casar com um homem que conhecêra no fragor das batalhas, brandindo entre nuvens de inimigos a espada ensanguentada, o capitão portuguez Arraes de Mello, commandante de uma companhia.

El Rei D. João V, concedendo a dispensa do serviço militar áquelle valente soldado, que, de repente, se tornava, com espanto de todos e ainda mais de seus chefes, uma simples mulher, houve por bem conferir-lhe uma pensão sobre o erario do Estado e o usofruto de velho palacio indú dos arredores de Gôa, que pertencia á corôa portuguêsa, com direito ao nobre e sonoro titulo de Senhora do Paço de Panguim.

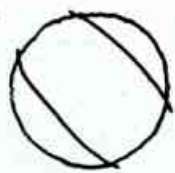
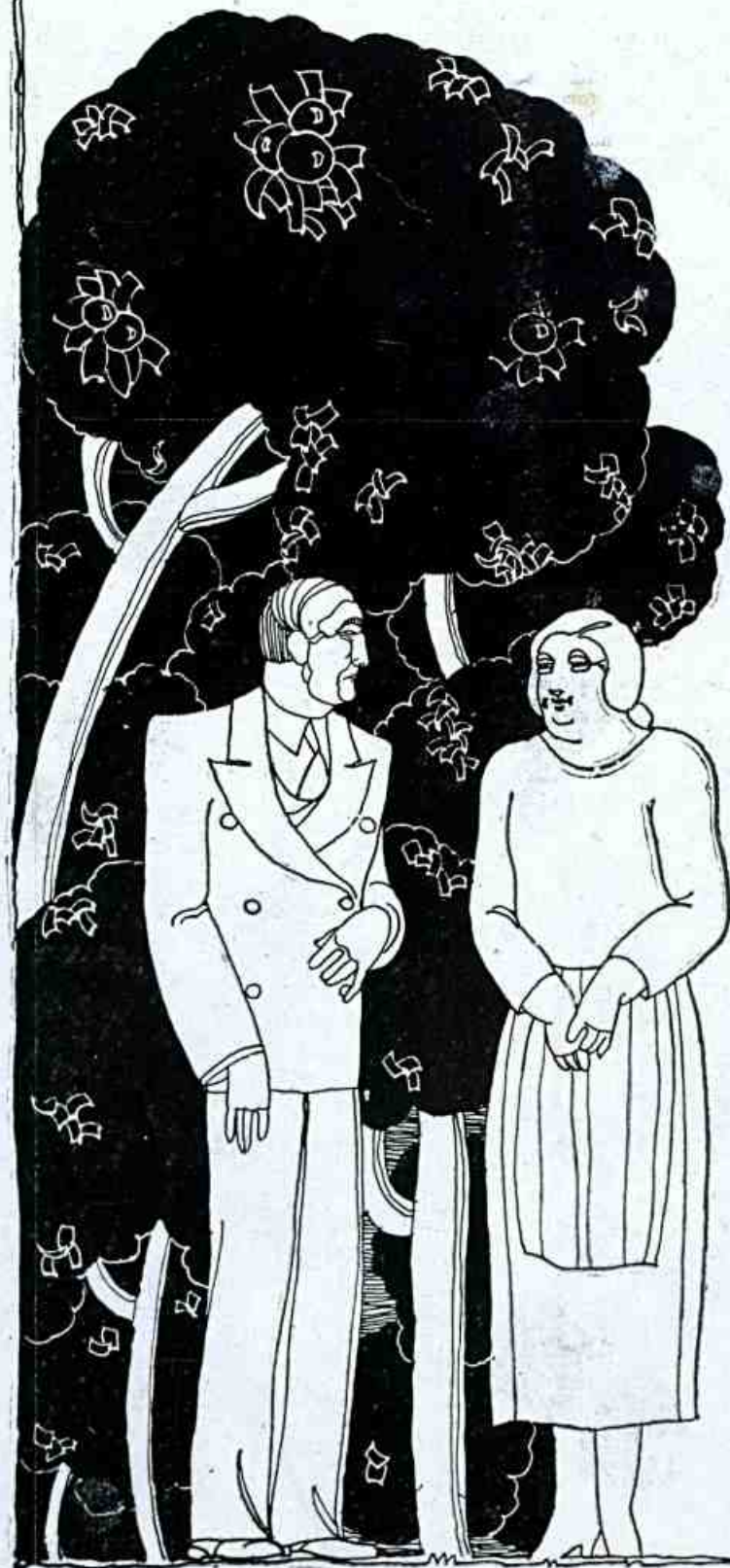
As feministas brasileiras deveriam tomar para sua padroeira essa mulher extraordinaria, cuja existencia cheia de aventura e de amor é um esplendido romance.

CLAUDIO FRANÇA.

Aspecto da inauguração da herma do major-medico dr. Manoel Gonçalves Theodoro, no Hospital Militar da Força Publica de S. Paulo, estando presente á cerimonia o dr. Salles Junior, secretario da Justiça.

A NATUREZA

A Natureza, eterna como Deus, soffre transformações perpetuas, porque o movimento é sua propria essencia, e todas as cousas estão tão perfeitamente organizadas, que do menor ao maior, tudo nella é solidario e contribue para a harmonia universal.

Um aspecto da mesa do almoço offerecido ao dr. Waldomiro de Oliveira director do Serviço Sanitario da capital de S. Paulo. Da direita para a esquerda: dr. Bastos Cruz, chefe de Policia; dr. Pires do Rio, prefeito da capital; general Hastimphilo de Moura, commandante da Região Militar; Moraes Mello, dr. Waldomiro de Oliveira, coronel Joviano Brandão, Figueiredo de Mello e conde Guilherme Prates.

O REPOUSO

FREDERICO BOUTET

Já ao entardecer, o sr. Leniessel, membro do Instituto e famoso orientalista, estava a trabalhar na sua bibliotheca, quando o seu velho criado veiu annunciar-lhe o sr. Busson-Lagarde.

O gesto de irritação que crispou, a principio, o rosto amarellento, de barbicha-cinza, do sr. Leniessel, por se ver perturbado no seu trabalho, logo se desfez ante o nome do visitante annunciado. Seus oculos brilharam benevolentes e elle foi dizendo para o serviçal que fizesse entrar quem o procurava áquella hora.

E logo se lhe apresentava a ruina solida e distinctamente bem trajada de um bello typo de homem, com quem elle trocou um effusivo aperto de mão. Conheciam-se desde os tempos collegiaes, isto é, havia cerca de cincoenta annos. Viam-se, porém, de longe em longe, levando cada qual vida bem differente, o que não impedia, no emtanto, que entre ambos se estabelecesse uma forte amizade.

— Meu bom amigo — disse o sr. Busson-Lagarde — venho trazer-te minhas despedidas. Estou de viagem...

— Ah, é verdade, estamos em plena estação de excursões. Eu, por emquanto, estou a terminar um trabalho que não me permitte abandonar meus livros. Mas, para onde vaes? Para uma praia da moda, como habitualmente fazes, e sempre com uma amiguinha?

— Não, não — respondeu, em tom grave, o sr. Busson-Lagarde. — Nada de praia nem de amiguinhas. Vou para a minha propriedade no Poitou, onde espero installar-me quasi que definitivamente.

— Como?! Tu, o homem do mundo, o *bon-viveur*, como diziamos outr'ora, abandonares Paris? Vamos, não estás a falar seriamente...

— Pelo contrario, falo-te de modo muito serio, meu caro. Mudo, radicalmente, de vida. Dou o *fóra*, como costumavamos dizer nos velhos tempos. Depois de certa edade, é preciso a gente se resolver a isso. Um incidente occorrido, ha tres ou quatro dias, me fez comprehender essa necessidade.

— Que foi? Que incidente é esse?

— Pois bem, foi... ora, não desejava empregar palavras em desproporção com o acontecimento... Supponhamos que se trata de uma leviandade da minha amiguinha... que tinha um amante bem joven ainda... É natural, não é?... Eu, era o senhor serio, o protector velho e rico... Então... Então, quando vim a saber que essa pequena a quem, ha tres annos, eu cummulava de tudo, me expunha ao ridiculo por tal maneira...

— Meu pobre amigo!...

— Não, não me lastimes. Não te digo que o primeiro abalo fosse agradavel. Mas logo me refiz. Comprehendi a situação. Foi como um rebate de sino que me despertasse. Comprehendi que essa creatura moça e as que a antecederam sempre me illudiram e tambem que, ha annos, estava a representar o ridiculo papel do velho obstinado e teimoso. Confessa que me achavas ridiculo com os meus eternos "casos" de mulher...

— Não, meu caro... Sempre te conheci assim, e, por isso, não dava muita importancia ás mudanças da situação...

— Pois bem, acabei por chegar á evidencia de tudo. E, queres que te diga?, isso me trouxe um verdadeiro allivio. Senti que, ha muito tempo, sem o saber, já me vinha pesando a vida que eu levava, como me enfaravam tambem todas essas historias de amor, desairosas na minha edade... Digo-te mesmo, ainda melhor: comprehendi que o amor tinha obsecado toda a minha vida. Sim, obsecado é o termo. Eu nunca me preoccupei com outra cousa que não fosse o amor. Minha grande fortuna permittia-me a ociosidade. Aproveitei-me dessa circumstancia e abusei. E não passei de um amoroso, um eterno amoroso. Onde visse uma mulher, bella ou ao menos graciosa e seductora, ou entrava em scena, eu atirava-me, disputava-a, sincero, além disso — o que é mais curioso — sincero e grotesco, a me dar tantos cuidados pela primeira boneca que encontrasse... E, de mulher a mulher, fui estragando, tornando inutil minha vida...

— Oh! Não fales assim...

— Sim, repito, estragando-a, inutilizando-a. Que fiz? Para que fui util?... Fui o amante de uma multidão de creaturas sem interesse, em geral, eis toda a minha obra... Quando comparo minha existencia com a tua...

— Oh! a cada um seu destino... seu rumo...

— Eu tomei um rumo grotesco... Empreguei meu tempo e minhas faculdades ao trabalho de colleccionar aventuras mais ou menos banaes, ás quaes tudo subordinava. Sim, meus desejos, minha liberdade... Sempre a representar, confesso-te, em suma todo o tempo, sem treguas, sem repouso... Pois bem, agora quero o repouso, preciso repousar. E vou metter-me na minha propriedade, no meu velho dominio familiar onde, até o presente, mal tenho demorado raros dias, de longe em longe...

— Então, ninguem te verá mais em Paris?

— Oh! sim, sim. Conservo o meu apartamento. Voltarei pelo inverno, para apertar a mão a bons amigos como tu... Mas, todo o resto do tempo, lá, na minha casa, no ambiente da vida saudavel dos campos, onde poderei, á vontade, entre meus velhos serviçaes, ser eu proprio, e repousar-me ao abrigo...

— Ao abrigo das tentações...

— Não, meu caro. Ia dizer, ao abrigo da agitação de Paris, porque, para mim, não haverá mais tentações. Acabou-se tudo, graças a Deus. Estou definitivamente livre dellas. Ah! sim, está tudo acabado e bem acabado. Que libertação!...

— E quando deverás partir?

— Depois de amanhã. Escrevi á minha governante, uma excellente creatura que se acha a meu serviço ha vinte annos, assim como o marido, que é o chefe de meus jardineiros. Levo meu criado de quarto e minha cozinheira, que se mostram encantados... Não podes avaliar a alegria com que vou partir! Ah! sim, acabou-se essa vida ridicula! Acabou-se!...

O sr. Busson-Lagarde discorreu ainda durante algum tempo, com um sincero enthusiasmo, sobre os encantos do seu repouso campesino e os attractivos da sua proxima tranquillidade, despedindo-se, a seguir.

* * *

Foi sob a quente luz de uma linda tarde de verão que o sr. Busson-Lagarde atravessou o alto portão de ferro trabalhado do dominio familiar. O jardineiro, no limiar, saudava-o solicito. A carruagem metteu-se pela extensa alameda de olmos que ia ter ao castello. Busson-Lagrande contemplava en-

(Continua na pagina 66)

MARCELO ROBERTO

UM LIVRO DE GONZAGA DUQUE

Gonzaga Duque.

Gonzaga Duque foi, durante muitos annos, o guia mental desta casa. Ao nascer, FON-FON foi, litterariamente, guiado por sua mão. E' o estranho e subtil artista da palavra deixou na redacção desta revista para sempre gravada a memória da sua intelligencia e da sua bondade.

Tudo, pois, que lembre Gonzaga Duque, que venha de Gonzaga Duque é como que uma relíquia de familia para todos quantos trabalham no FON-FON e nas tradições desta revista aprenderam a amar o homem admirável que elle foi e a apreciar o escriptor nobre, elevado e original que elle demonstrou ser. O fino conteur de "Horto de Magoas" o curioso romancista de "Mocidade morta", o chronista elegante de "Graves e Frivolos", o historiador consciente de "Revoluções Brasileiras", o prosador ardente e têrso que todo o Brasil admirou, ainda de além tumulo nos manda a luz do seu talento privilegiado. E' um morto muito grande para ser esquecido e tinha talento de mais para que a morte o apagasse de vez.

As obras de Gonzaga Duque estão sendo cuidadosamente reeditadas. As que deixou em manuscripto estão vindo a lume. Acaba de sahir o primeiro volume — "Contemporaneos", paginas de critica, obra organizada com estudos publicados em revistas e jornaes. Dezoito annos após a morte do autor, sáe o livro e mostra como era justo nos seus conceitos, sábio nas suas expressões, commedido na sua critica e elegante no seu phraseado. As grandes figuras de nossa arte e a sua obra passam pelas paginas de "Contemporaneos", brilhantemente: Amoedo, Visconti, Baptista, Roberto Mendes, Parreiras, Helios, Luis de Freitas, Prescilliano Corrêa Lima, Aurelio, Brocos, Treidler, Estevam Silva, Berna Raul, Calixto.

"Contemporaneos" é um bello livro na forma e no fundo, tendo mais o mérito de avivar a saudade que nos ficou daquelle peregrino espirito que foi um dos patronos desta casa.

A illustre pintora franceza madame M. R. Guillemot, que inaugurou, sexta-feira da semana passada, na séde da União dos Empregados do Commercio do Rio de Janeiro, uma exposição de quadros.

O UNIVERSO

O Universo é um relógio monstruoso e complexo, submettido a leis severas. O pensamento é uma força ávida de liberdade, que não constrange nenhuma força semelhante ou dissemelhante; envia seus emissários para as mais desconhecidas, perigosas e allucinantes regiões; não está submettido a lei alguma.

ARABESCOS

Não é o teu desprezo que me faz soffrer. E' a magoa dorida de comprehender agora que jamais sentiste por mim uma inclinação affectiva qualquer.

Em troca dos teus beijos, buscaste apenas vencer-me, impondo-me o teu capricho de mulher bella e moça.

Bem sabes que o conseguiste, melhor talvez do que esperavas. E hoje a mim mesmo affirmas que nunca os teus lábios me beijaram...

Porventura acreditaste que communguei do teu beijo para vangloriar-me delle?...

A verdade, no emtanto, — não sei si dolorosa ou bemdita — conheço-a bem:

Tu te envergonharias de confessar a ti mesma que confiaste abandonadamente os teus lábios a um homem humilde que não sabe mais que escrever fantasias e rabiscar futilidades...

INDIFFERENÇA

Si eu te vi com os olhos do corpo e com os olhos da alma, tu, mal pousaste os olhos sobre mim... O teu despreso é de uma simplicidade commovente...

Tem, pelo menos, uma virtude: é sincero.

As duas unicas vezes que pousaste os teus olhos mysteriosos nos meus foram tão naturalmente indifferentes, que me deixaram quasi fria e indifferente como tu.

Irradias o bem como irradias o mal...

A culpa é tua.

Baroneza de Branccion.

S. EXA. O SR. DR. MARIO ROLIM TELLES, SECRETARIO DA FAZENDA DO PRESIDENTE JULIO PRESTES E PRESIDENTE DO INSTITUTO DO CAFE'. AO JOVEN E INTELLIGENTE COLLABORADOR DO FECUNDO GOVERNO PAULISTA SE DEVEM AS MEDIDAS DE DEFESA E PROTECÇÃO A' LAVOURA CAFEEIRA, ATRAVES A OBRA MODELAR DO INSTITUTO E DO BANCO DO ESTADO.

BAZAR DE BONECAS

FEIRA DE VAIDADE E DE ELEGANCIA

BALCÃO FLORIDO

A Primavera entrou, para mim, este anno, sombria e triste. Sua floração, dentro de minha alma, foi uma floração de melancolia e de saudade. Ha, nas rosas e em todas as flores de meus jarros, com seus caules pendidos, uma inquietação que ellas — as pobrezinhas — sequer não podem disfarçar, encerrando-a no recato casto e cheiroso de suas corollas. Trae-na, de continuo, o perfume mesmo em que se evola sua alma bizarra, subtil, vaporosa e mystica. Porque as flores têm a sua intelligencia e a sua alma e, entre si, umas, cheias de garridice e de louçania, outras, mais timidas e recatadas, e outras ainda tomadas de tristeza e de tédio, trocam confidencias, ás vezes, bem interessantes.

Este anno, como nos outros, no dia da Primavera, que é o grande dia em que ellas, officialmente, commemoram a triumphal magnificencia de seu dominio no tempo e na alma da gente, enchi de flores os meus jarros. E, á noite, no religioso silencio de meu gabinete de trabalho, — surprehendi algumas em intima palestra.

Linda rosa vermelha, de caule erecto como um collo de cysne assustado, dizia para sua vizinha, alvinha como uma noiva, mas triste, triste como uma freirinha desconsolada:

— Escuta, Rosa Branca, tu és uma tola entregando-te assim á tristeza que te vae n'alma. Ora, minha irmã, uma desillusão, a mais ou a menos, em nada altera a essencia de nossa vida, já de si tão curta e tão precaria...

— Falas dessa maneira, Rosa Vermelha, porque nunca fecundaste, dentro da seiva rubra de tua corolla, um sonho de amor.

— De amor? E tu, minha irmã, porventura já amaste, para saberes o que é isso?

— Não; nunca amei, mas o beijo ardente e sincero de um homem — beijo em que, senti, elle transfundia toda sua alma e seu coração enamorados — deixou, para sempre, no recesso casto e puro de minha corolla, toda a inquietação e toda a ansia de seu grande e profundo amor.

— Elle te beijou, então, ardentemente...

— Sim, ardentemente, com amor, tanto amor, que toda eu estremeci num grande e delicioso arrepio...

— Um beijo de amor!... A mim nunca um homem beijou... Como deve ser bom, Rosa Branca...

— Tão bom que nunca mais se esquece. "Ella", porém, foi uma grande ingrata. Mandou-m'a a elle, acompanhada de algumas linhas em que dizia que a esquecesse, porque já não o amava...

— Ella, quem?

— Ella — a mulher que era... como direi?... ah, sim, a primavera humana da sua vida...

— E esse amor morreu assim?

— Não, que eu o guardo, religiosamente, dentro de mim, no beijo em que elle me deu toda sua alma e todo seu coração.

— E quando tu morreres?

— Para elle não morrerei nunca: murcha, ressequida, hei de ser sempre a grande e consoladora illusão de sua vida.

— E por que és triste, se dentro de teu seio casto palpita e vibra um tão grande amor?

— Porque só lhe dou a elle o meu perfume; porque não tenho mãos para o acariciar nem labios quentes para o beijar... E elle vive tão triste e tão só... tendo apenas a consolal-o a caricia subtil de meu perfume...

Foi assim que falou a Rosa Branca com que, no dia da Primavera, tu me déste a desillusão de teu amor...

•

SORRINDO...

Sei que te anima uma suave e consoladora intenção, sempre que me dizes, solicita e carinhosa, que te confie minha felicidade, minha vida, toda a ansia de ventura e de paz que traz em constante inquietação, em continuo sobresalto o meu Desejo. Sei, ainda, que és capaz de algum sacrificio por mim, porque és bôa e cheia de abnegação.

Mas tu não comprehendes o que seja a felicidade como expressão de harmonia interior, de equilibrio entre as forças ineluctaveis e tumultuosas do coração e as, não raro, rigidas e disciplinadas da razão, a estabelecerem, ás vezes, dentro da gente, o conflicto interior, que faz a tortura

MUITO brilhante, como era de esperar, foi o recital de arte que se realizou no Atlantico Club, promovido pela escriptora Mercedes Dantas e no qual tomaram parte figuras de relevo em nossos meios artisticos e litterarios.

e o desespero de uma vida.

E queixa-te por que não confio em ti e achas que sou um homem incontentavel, incomprehensivel, para quem a felicidade sempre terá algo de amargo e de doloroso.

Se pudesses comprehender... Mas, tu, minha querida, mal abriste tua alma para o sonho que hoje a illumina, quando eu, vindo de longe, de exhaustiva peregrinação de tristeza e de desencanto, — mal acabo de bater a poeira dos caminhos arduos e penosos por onde, perseguindo a felicidade verdadeira, só encontrei a illusão da felicidade.

De miragem em miragem, cheguei até ti. E minhas mãos trêmulas, inquietas, desceram sobre ti, em gestos tacteantes, timidos, angustiosos, a vêr se, mais uma vez, não acariciavam uma illusão, uma sombra de felicidade... Mas tu estavas a meu lado, confiante e bôa, a sorrir para mim com o sorriso illuminado de todo o sêr, palpitante de amor, quente de desejo...

E ajoelhei-me, querida, e te abençoei e bemdisse o momento, a hora, o dia em que te conheci, em que te encontrei no caminho de minha vida, a tarde azul e clara de verão em que teus olhos negros e serenos reflectiram na esmeralda verde de minhas pupillas, numa festa de luz e de carinho, as primeiras scintillações do teu, do meu, do nosso amor.

Tanto, porém, já soffri e tantas foram as desillusões que encheram minha vida de amargura e de desespero, que só posso crer em ti, quando te tenho presente, quando te tenho a meu lado, ao alcance da inquietação de meu beijo e da caricia morna de minhas mãos. Sempre que te afastas, que não estás perto de mim, tenho a impressão de que és tambem uma miragem prestes a desfazer-se, porque, meu amor, tu tambem és... mulher e é proprio de toda mulher o dom de encher de miragens, encantadoras e feitiças, a vida dos homens que amam como eu te amo...

*

SOCIEDADE

Concerto — Carmen de Castello Branco é um nome feminino já consagrado no alto meio artistico desta capital. Virtuose admiravel, a notavel violinista patricia, que, mais de uma vez, se tem feito admirar pelas mais cultas platéas, realizará, no proximo dia 11, no Theatro Municipal, um grande e magnifico concerto, que está sendo esperado ansiosamente.

Para esse festival de arte, a eximia violinista, que se fará acompanhar ao piano pela brilhante pianista, senhorita Erisan de Castello Branco, sua digna irmã, organizou um programma especial, em que figuram numeros de difficilima execução, offerecendo, assim, ensejo a melhor ser apreciada, admirada e applaudida pela selecta e fina platéa que vae ter o prazer de ouvil-a, no Municipal.

*

SEARA ALHEIA

LA ALMOADA DE LOS SUENOS

RAQUEL SÁENZ

Sueña... sueña... sueña, espiritu mio.
porque si no sueñas morirás de hastio!

Qué importa que nadie tu ansiedad comprenda?
Haste un mundo aparte, vive tu leyenda!

Sueña... sueña... sueña en tu excelsa torre,
en tanto la vida hacia el final corre.

Vuela a tu aldebrio y pósate en todo
lo sublime y bello, huyendo del lodo.

Hay tantas alturas donde reposar!...
Sueña!
La ventura consiste en soñar!

MLLE. Julieta Azevedo é uma linda figurinha da sociedade paulista, que vae proporcionar á sociedade carioca o prazer e o encanto de sua voz privilegiada, de soprano lyrico, fazendo-se ouvir em «Orpheu», em companhia da senhora Bezanzoni Lage, no festival que, no «stadium» do Fluminense F. C., se realizará, hoje, em beneficio da «Casa do Estudante». Ainda ha bem poucos dias, numa festa de caridade em beneficio do Abrigo Thereza de Jesus, a graciosa e gentil patricia, que tanto canta como sabe... encantar, recebeu calorosos e enthusiasticos applausos da fina assistencia alli reunida.

Outro chapeu elegante

A MULHER CHIC

Chapéu de palha de seda

S! Procopio Ferreira, o querido actor que faz a delicia e o encanto da platéa carioca, já não fosse um nome consagrado pela admiração e pela sympathia da nossa «élite» e do nosso povo em geral, sua festa artistica, realizada sexta-feira penultima, no Trianon, valeria pela mais alta e pela mais significativa consagração, tal o brilho de que se revestiu. Um festival tambem de despedida, porque o notavel artista patricio encerrou, logo após, a admiravel temporada que vinha proporcionando á população desta capital, seguindo, em «tournée», para S. Paulo, onde lhe estão reservados novos triumphos. O grande comico brasileiros, cuja arte scintillante, cheia de vivacidade e bom humor, lhe conquistou o posto de accentuado e prestigioso relevo que elle, hoje, desfructa na scena nacional, é, sem favor, um dos maiores interpretes do genero theatral em que se especializou e da arte, não menos difficil, de fazer rir, ao mesmo tempo que se faz admirar pelo irreprehensivel e perfeito jogo scenico dos papeis que interpreta. Procopio, admiravel na sua arte, é admiravel tambem, ainda, como um generoso e magnifico estimulador da alegria, do riso sadio e bom, que delicia e enleva a alma do grande publico, que tanto e tão justamente o applaude e festeja.

JAYME Costa, o festejado artista patricio e figura das mais populares e sympathicas da scena brasileira, que iniciou, quinta-feira ultima, nova temporada theatral no Trianon, com a companhia de que é primeiro actor e director, e da qual fazem parte elementos de real valor.

FILIGRANAS

Aquelle caso do menino de treze annos que amava uma mulher e lhe deu tres tiros por ciume é de arrepiar cabellos. E as mais desencontradas opiniões commentam esse crime. Precocidade. Taras. Máus exemplos. A perversidade feminina da victima. Pessimos instinctos. E mesmo algumas palavras scientificas complicadas que os chamados homens de sciencia gostam de applicar por qualquer motivo. Entretanto, pensando bem, talvez nada disso seja, e essa criança não passe de um pobre envenenado pela leitura dos jornaes. Á propaganda, quiçá inconsciente, de toda a especie de crimes passionaes feita diariamente pela imprensa se devem attribuir, na maioria, esses desequilibrios terriveis que ensanguentam a vida febril dos nossos dias.

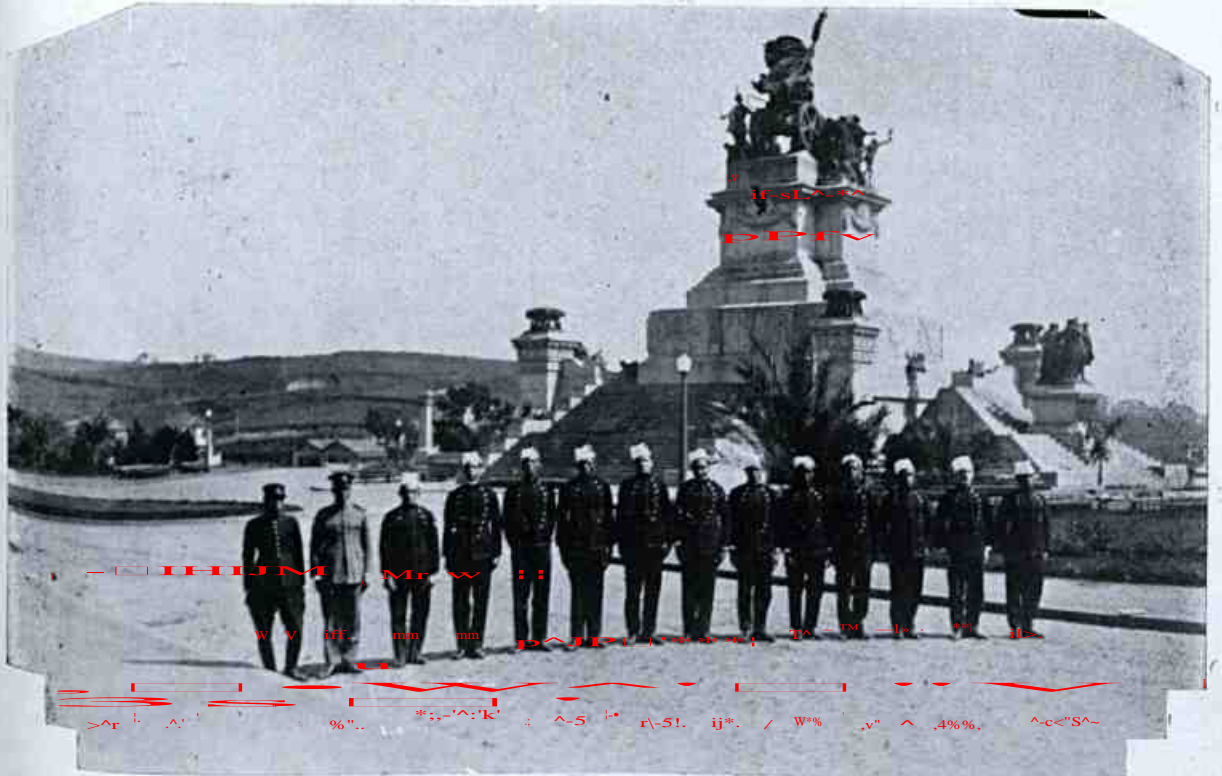
Um flagrante da chegada da Missão Economica Britannica á estação do Norte, vendo-se lord d'Abernon e senhora, o major Tenorio de Britto, da casa militar do presidente Julio Prestes, e o dr. Pires do Rio, prefeito de S. Paulo.

S. PAULO!

S. Paulo vertiginoso!

E' bem assim, porque outro qualificativo não deve ser applicado ao progresso do grande Estado sulino. Em todos os ramos da actividade humana, S. Paulo assombra pela força dynamica dos seus filhos, força constructora que se tem derramado pelas veias da nacionalidade, desde a epopéa das Bandeiras.

Ha em todo o territorio paulista uma vibração de enthusiasmo pela vida, o amor pelo trabalho, o febril desejo de um Brasil maior.

E nasce deste anseio o progresso vertiginoso de S. Paulo, espelho das virtudes que ennobrecem o caracter dos seus filhos.

Fuzileiros navaes, que se acham em S. Paulo, angariando donativos para a «Casa Marcilio Dias», em visita ao monumento do Ypiranga.

TREPAÇÕES

NUM banco de praia elegante, vastamente inspeccionado por uma multidão curiosa, é que ambos se encontraram para uma palestra innocente, ao cahir da tarde. Ella, parece que não vê o mundo ao redor da sua encantadora silhueta, e sonha, naturalmente embriagada pela felicidade que bebe nos labios delle...

O rapaz... Ora o rapaz é um profissional de conquistas escandalosas, borboleta que poisa aqui e ali, para passar o tempo!...

Ella, coitadinha!, deve estar illudida, terrivelmente illudida, suppondo ter encontrado o seu *principe encantado*, quando elle não passa de um grande pandego.

O futuro nos dirá si temos ou não razão.

QUANDO uma joven distincta, arruinada, dança, ri, faz tudo o que póde para que a julguem ditosa, e, de repente, rompe em soluços, procurando esconder o rostinho orvalhado no hombro do um tanto desconfiado, fugindo á curiosidade alheia...

Uma viagem encrencada, ao que parece, pois até agora o casal não se reconciliou, pois cada qual anda para o seu lado, quando o costume era andarem os dois juntinhos...

A causa do barulho ainda ignoramos, mas não é difficil adivinhar alguma *derrapagem* lá pela Paulicéa, seguida de um flagrante, ciumes, viagens precipitadas, etc.

Acontece á gente cada uma!...

volúvel... Mas, cá para nós, mademoiselle parece não ter perdido grande cousa...

MADAME, de vez em quando, annuncia ao marido que tem horas marcadas no dentista. Desde então, tres vezes por semanas a fio, *madame*, religiosamente, cumpre o horario do dentista... Porém, *madame* não se contenta em sahir de casa, ir ao dentista e regressar ao lar.

Quando *madame* sáe de casa, perde a noção da hora, e, quando volta, por vezes já encontra o marido acintosamente sentado á mesa do jantar, trepidando de raiva.

Mas, tantas vezes isto aconteceu, e outras tantas *madame* não ligou

AS graciosas crianças Maria Luiza, filha do dr. Arnaldo Ferreira Leite, e Guilherme Augusto, filho do illustre cearense, dr. Jayme Carneiro Leão de Vasconcellos, lindamente fantasiados de hollandêses.

PARTIRAM contentes o outro dia, no *trem azul*, em visita á Paulicéa. Dir-se-ia que faziam uma viagem de nupcias, e que tudo havia de correr maravilhosamente bem.

Entretanto, estava reservada a nós outros uma grande surpreza.

O que houve pela Paulicéa não sabemos, mas alguma fez elle. Porque partiram alegres, felizes, e ella inesperadamente regressou sózinha, desembarcando na gare D. Pedro II bastante zangadinha, segundo denotava no semblante.

No dia seguinte, era elle quem chegava, descendo na estação seu par que, attonito, resolve fugir do salão... o caso é sério.

Mademoiselle, com a sua cabecinha seraphica, a sua brancura marmorea, a sua graça fragil de bibelot raro, mesmo com todos esses encantos, não conseguiu commover o coração daquella "féra".

Pobre menina! Ainda ignora que o homem aborrece o amor que se revela tão ingenuamente, tão claramente...

Quando um homem está farto de uma namorada, tudo é pretexto para brigar, principalmente quando se trata de um almofadinha

importancia ao caso, que a bomba estoirou...

Foi um escandalo de todos os diabos, acompanhado de um espectaculoso quebrar de louças, pois elle, o outro dia, ao vêr a esposa voltar transfigurada, abatida, do dentista..., puxou a toalha da mesa, arremesando tudo no chão, como doido...

Madame não ganhou para o susto, e não tivesse o auxilio de bons padrinhos, que trataram de fazer correr as nuvens negras do horizonte, e a estas horas teriamos registado um sensacional divorcio.

O 25.º anniversario do America Football Club foi solennizado com o baile que a directoria daquelle gremio sportivo de tantas tradições na vida carioca offereceu, na noite de quinta-feira penultima, aos seus associados e á nossa sociedade.

ADÃO & EVA

Os que vencem a vida

Salão de fumantas, sóbria e elegantemente mobiliado. Sobre um banquinho de ebano, o apagador de rigarros, representando uma coruja no seu poleiro, parece concentrar, nos olhos desse animal illuminados internamente á electricidade, a extincta chamma dos cigarros consumidos. Grandes poltronas de couro verde negro. Pelas paredes, nas estantes embutidas, repousam os sonhos de craneos que dormem para sempre. Depois de um optimo jantar, Gastão e Roberto fumam e conversam.

Gastão. — Tens razão. Bello destino o desse homem! Elle realizou-se a si proprio. Venceu a vida...

Roberto. — Por que dizes: venceu a vida? Geralmente se falla em vencer na vida. E' mais exacto.

Gastão. — E' menos expressivo.

Roberto. — Não creio. Não sentes que a vida vence, triumpha em cada criatura que attinge á sua perfeição maxima? Pensa, meu amigo, no esforço doloroso, incessante, da natureza inteira para a finalidade extrema de tudo quanto nella existe.

Gastão. — Esse mesmo esforço se destróe a si proprio.

Roberto. — Mas a culpa não é da vida. A vida é uma operaria consciênciosa e tenaz. Ella tende sem desanimo para a belleza suprema de suas affirmações. Sua luta contra as potencias destruidoras que se lhe antepõem é prodigiosa. Ella semeia prodigamente cem para colher um. Já refletiste alguma vez na maravilha que é um destino realizado plenamente? Para o talento de um que desabrocha inteiramente no meio que lhe é propicio, quanta» tentativas perdidas! Entre as creanças que morrem pequeninas, quantos genios não desapparecem talvez! Quantos seres desviados do caminho que lhes convinha! Ao ler a vida dos grandes homens, estremeço ás vezes de angustia. Como? Bastaria que em dada circumstancia a febre do sarampo tivesse subido um pouco mais e um celebre inventor jamais teria feito suas descobertas tão úteis para a humanidade?... E seria sufficiente que tão grande pintor não houvesse conhecido na sua mocidade o professor que lhe despertou o gosto pela arte para que elle não tivesse passado de um modesto, commerciante ignorado! Ah! meu amigo! Quantas jóias perdidas! Quantas pedras preciosas não devem dormir na escuridão da terra, quantas realizações geniaes não se desfazem na morte em estado potencial! A vida é que vence em nós quando alcançamos a finalidade para que ella nos destinou.

Gastão. — Não deixas de ter certa razão. Muitas vezes ensaia a vida um modelo antes de o conseguir executar... E o mundo está cheio de esboços inacabados, destroçados... Muitas vezes também luta o proprio homem cegamente, tentando fugir por ignorancia ou covardia á rota que lhe foi traçada.

Roberto. — Já vês que não devias dizer: venceu a vida, sinão venceu as forças que lhe podiam ter suffocado a vida. Esta, nelle e por elle, triumphou, desabrochou, realizou-se.

Gastão. — Sim. Mas esqueces uma coisa, meu amigo. Tu consideras, como poeta, a vida individual, a vida daquelle que triumphou, que se realizou. E eu, como scientista, não posso subjectivar a concepção da vida. Ennunciando essa palavra, applico seu conceito em geral. Esqueces que as forças que lhe poderiam ter desviado o destino também eram forças vitaes. Não te lembras que a vida universal, qual monstro proteiforme, luta contra a vida de cada um. Os germens que se infiltram no organismo e destróem as cellulas são vidas que se affirmam. A criatura que prejudica a outra conscientemente ou não e lhe tira a possibi-

(Conclúe na pagina 66)

As que a vida vence

Na praia de Copacabana, por uma bonita noite de começo de verão. O mar embala as almas com a sua canção adormecedora, na qual soluça o thema da fatalidade universal. A perder de vista as lagrimas scintillantes das luzes. O pharol da ilha raza, como uma pupilla mysteriosa, fecha e reabre duas vezes rubra uma vez amarella. Automoveis deslizam devagar, a gozarem a frescura da praia. Num banco, Olga e Carmen conversam olhando quem passa.

Carmen. — Acho que não vale a pena. A's vezes, penso que nada adeanta a gente lutar contra seu destino.

(Um silencio. As duas amigas fitam um grupo de moças que em pouco se distancia).

Carmen. — A's vezes imagino que as horas da vida são como os desconhecidos que nos cruzam. Si procurássemos detêl-os fitar-nos-iam nos olhos dizendo: "Não as conheço". E seguiriam adeante. E si acaso obtivessemos que tornassem sobre seus passos, nada de bom poderia dahi advir para nós. E' preferivel deixar que se vão...

Olga. — Estou desconhecendo-a hoje. Você, geralmente tão corajosa, tão combativa... Que desanimo é esse?

Carmen. — Sou assim mesmo. E é logico que o seja. O esforço, Olga, engendra o soffrimento e o soffrimento traz a reacção do desanimo. A tendencia para o descanso. Depois a fatalidade das indoles combativas, como você disse, desperta e rejeita a paz...

Olga. — Mas o desanimo não é paz. Tranquillidade de espirito é coragem, é resignação...

Carmen. — Questão de palavras. Resignação é descrença é. Quem tem fé na melhora, luta. E a luta engendra um accressimo de dôr. O destino nos laça como o campeiro, firme nos estribos, laça o touro renitente. Si este reage, o nó se aperta e o suffoca.

Olga. — Não, não! Você está fazendo literatura... Está querendo justificar um momento máo de abatimento, de derrota moral.

Carmen. — Acha que fugir da acção é ser vencida?... Mas ao contrario, minha amiga, é vencer-se que nos entrega sem defesa á vontade alheia ou aos nossos proprios desejos. Ha dias, conversava com Marcelo, e, brincando, elle disse uma verdade profunda. Como eu me referisse ao ditado popular: "Não deixes nunca para amanhã o que puderes fazer hoje", — elle respondeu: "Não seria mais prudente dizer: "Não faças nunca hoje o que puderes deixar para amanhã"?" Essa idêa trouxe-me á memoria um dos mais sábios dictames arabes que conheço: "Nós somos senhores da palavra que ainda não pronunciamos, porém somos escravos daquella que já dissemos." Si assim dependemos das palavras proferidas, quanto mais das acções realizadas! Marcelo tinha razão: algumas horas de reflexão nos podem livrar de muito passo inutil, de muito gesto tristemente inutil.

Olga. — Comprehendo o seu raciocinio. Mas você, minha amiga, que nunca soffreu da timidez, da impossibilidade de se expressar, não póde avaliar o desespero da criatura que deseja e não ousa. Mais vale a audacia, ainda que seu resultado seja perdido, contraproducente até.

Carmen. — Não creio. Você, por sua vez, que sempre foi prudente e reflectida, não póde comprehender a magôa insondavel dos que são impetuosamente arrastados á acção por uma fatalidade do proprio caracter. Não póde avaliar as decepções que soffrem, o cansaço immenso que os abate muitas vezes. No amor, por exemplo, não é muito mais suave, menos cruel, o sentimento passivo que sonha mas não ousa exigir, do que a paixão absorvente, imperiosa dos violentos? E o primeiro tem muito maior probabilidade de ser tolerado pela realidade... Pode crêr; o fundo da sabedoria é o silencio da vontade, a abstenção.

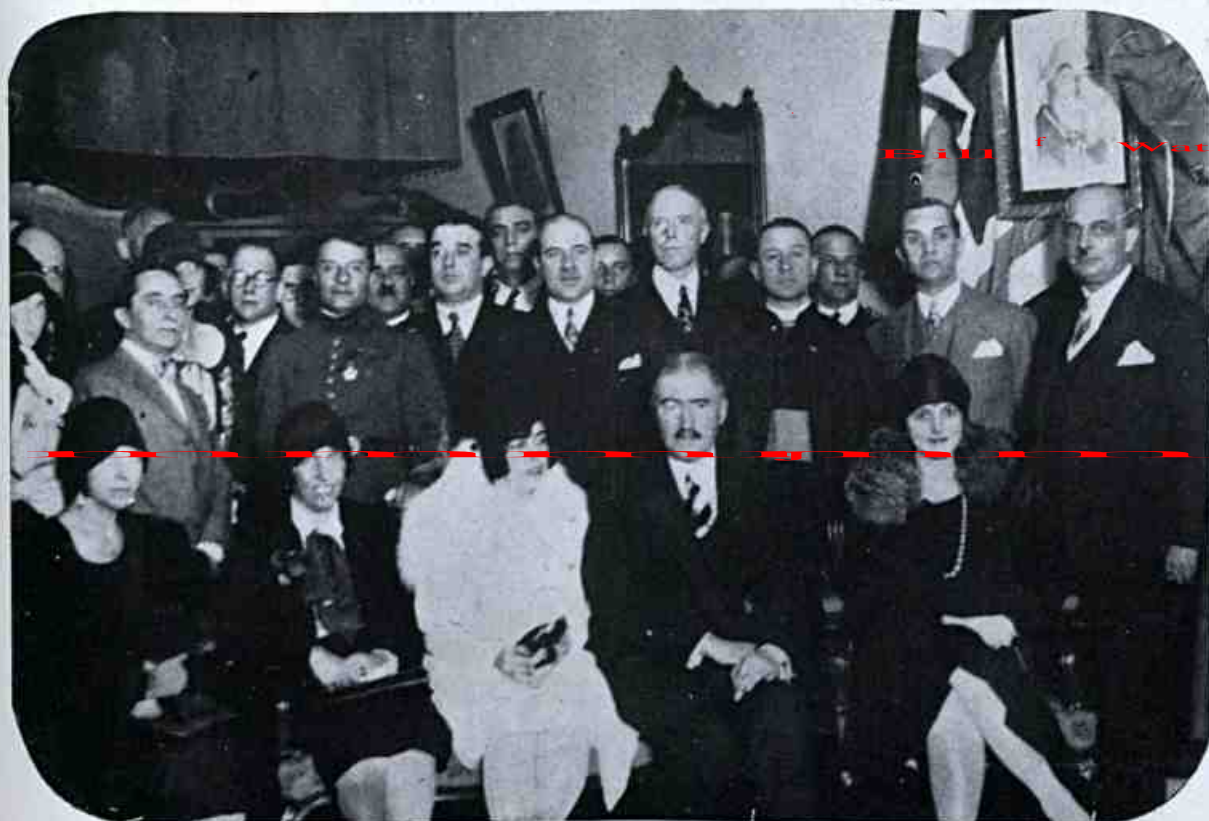
Olga (procurando troçar). — Sim, senhora! A minha impetuosa Carmencita se fez fatalista. Nunca pensei!

(Conclúe na pagina 66)

O addido militar do Chile, coronel Carlos Vergara, querendo homenagear o ex-addido militar do Brasil em seu paiz, bem como o substituto deste, que foi ha pouco nomeado, offereceu, sexta-feira penultima, no Club dos Bandeirantes, um almoço ao coronel Milton de Freitas Almeida e ao major Mario Ramos. O sr. embaixador do Chile, dr. Irarrazaval Zañartu, e altas patentes do Exercito brasileiro compareceram a esse ágape de cordialidade militar.

FILIGRANAS

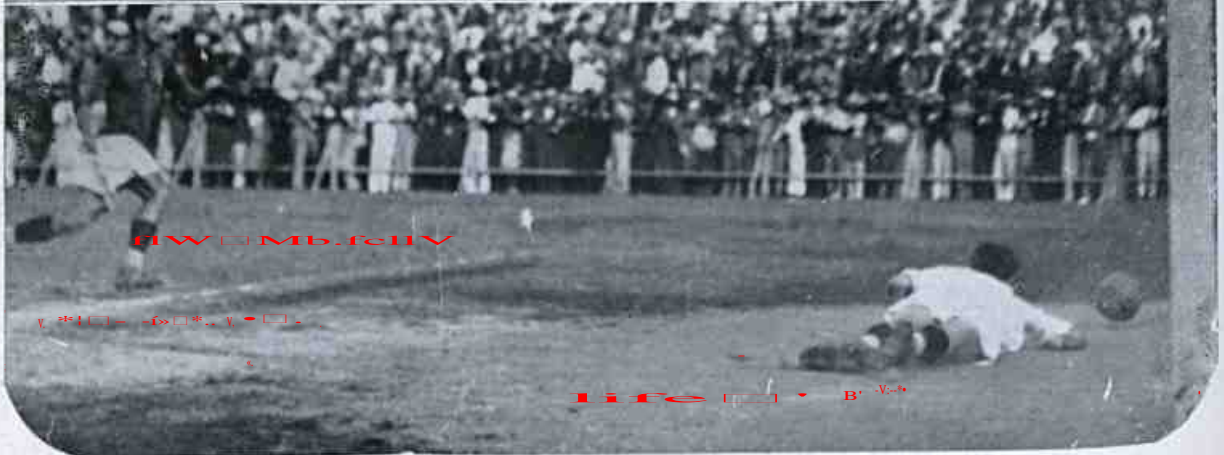
Escreveu o poeta que chovia na sua alma. Quando chovia sobre a terra. Assim, cáe o crepusculo sobre o meu coração o dia todo, embora o sol radiante e ardente ensope a paizagem com a sua luz esplendida. Porque não te vejo e não te ouço. E os teus olhos são o meu dia e as tuas palavras o canto dos passaros que o enchem de alacridade. Porque os teus olhos são a minha luz e a tua voz o cantico do meu amor.

Cáe o crepusculo na minha alma, desde que amanhece. E, quando a tarde vem tranquillamente, ha muito que no meu coração é noite fechada sem um lume de estrellas, sequer...

O Aero-Club Brasileiro inaugurou em sua séde, sexta-feira penultima, o retrato de Roald Amundsen, numa tocante homenagem á memoria daquelle grande explorador polar que perdeu a vida no desastre do «Italia».

FILIGRANAS

Toda a gente mais ou menos conhece pela leitura de revistas e jornaes os cuidados com que se guardam as immensas reservas de oiro nos grandes estabelecimentos bancarios do mundo. Ainda agora o noticiario nos conta das novas e maiores providencias do Banco de Inglaterra para defesa dos seus milhões. São cryptas subterraneas com cofres de aço e concreto, portas de dez toneladas movidas por electricidade, policias nos corredores, inundações periodicas, rêdes de campainhas denunciadoras, o diabo, emfim, tal é o receio da ousadia dos ladrões açulados pela *aura sacra fames*.

O oiro — palavra magica e terrivel, que inspira as maiores audacias e os peores crimes. Bemditos, pois, aquelles que o não possuem! Tres vezes bemdito, porque po-

O America e o Vasco da Gama, que na tabella dos jogos do campeonato carioca de football occupavam os primeiros logares, defrontaram-se domingo no «stadium» do Fluminense. Uma colossal multidão de «torcedores» foi assistir a esse importante encontro da temporada sportiva. E o campo da rua Alvaro Chaves encheu-se e teve, assim, uma tarde

dem dormir sem trancas na porta!

FILIGRANAS

A ilha de Villegaignon bulha na prata faiscante do luar.

Levam-me os passos fatigados pelos jardins deliciosos da Beira-Mar. E a tua lembrança pesa sobre a minha alma triste.

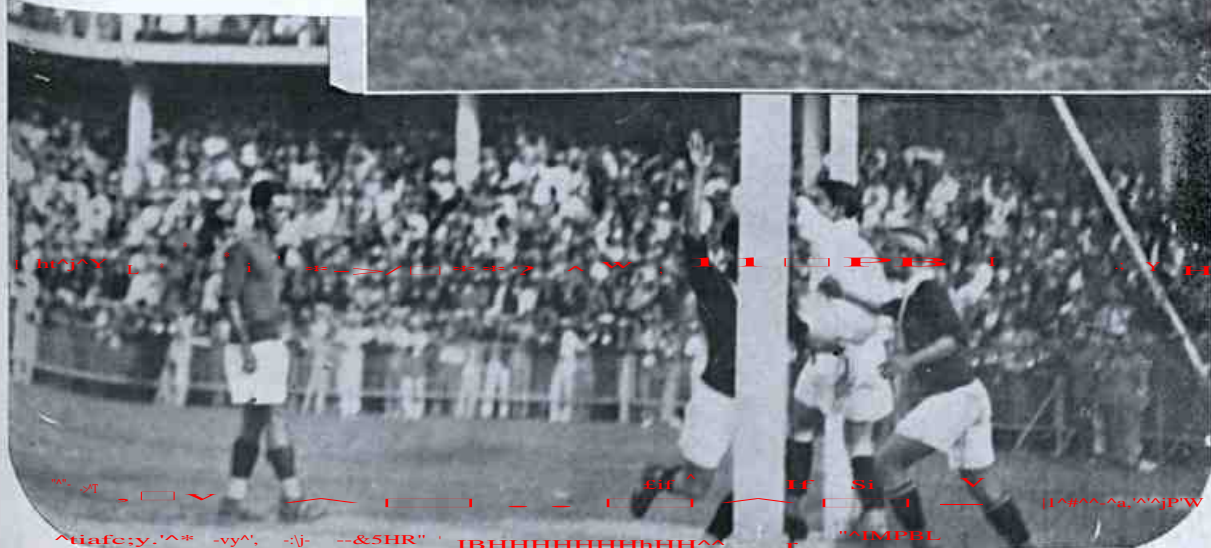
Lentamente os meus labios balbuciam as palavras dôces daquella oração da *Imitação de Christo*:

"Piedade, Senhor, para os que amam e estão separados!"

A lua olha-me do alto do limpido céo azul. O rythmo luminoso e barulhento da cidade morre aos poucos na noite que caminha para a madrugada. E eu, solitario e saudoso, vou devagarinho acurvado ao peso da tua lembrança.

A ilha de Villegaignon bulha na prata faiscante do luar...

movimentada e alegre. Os instantaneos destas duas paginas fixam algumas das mais empolgantes phases do grande jogo de domingo passado. Um ataque ao «goal» do America. Uma difficil defesa de Joel, «goal-keeper» do America. Jaguaré, do Vasco, fazendo uma linda defesa do seu «goal». Uma «carregada» ao «goal» do America.

PAINEL DE AZULEJOS

UM POUCO DE TUDO

O FUTURO CALENDARIO

O mundo moderno exige a invenção de novo calendario que romperá com a tradição chronologica dos povos. Já a Liga das Nações se preoccupa com o assumpto e consulta os paizes a ella filiados sobre a conveniencia dessa mudança. Por esse novo calendario, os annos terão treze mezes e vinte e oito dias, e todos os dias primeiros cahirão numa segunda-feira.

A noticia é de modo a fazer com que peçamos alviçaras aos funccionarios publicos. Elles já tinham aos sabbados tres horas de conquista socialista e já têm o celebre augmento de cem por cento. Agora, os felizardos, poderão receber mais um mez por anno...

O dr. Christovam de Camargo, nosso collega de imprensa e escriptor de nome firmado nos circulos intellectuaes desta cidade, seguiu, ha poucos dias, a bordo do «Almanzora», com destino a Lima, onde, na qualidade de delegado do Brasil, vae tomar parte nos trabalhos do 2.° Congresso Sul-Americano de Turismo, a se reunir na capital peruana, no dia 20 do corrente.

CREPUSCULO

Nesta hora
em que a luz chora
a lagrima violeta do poente,
e o sol como um olho ardente
entre galas de purpura se vae,
sobre minha alma cae,
em vez da melancolia
dos romanticos de outrora,
uma grande alegria...
E o meu coração sorri,
pensando em ti...

A MORTE

Sonhei que tinha morrido e que um outro eu, transparente e leve, abandonara o meu corpo fatigado como uma sombra que se destacasse do meu vulto para sempre adormecido. Choros. Velas accesas. Flores. Amigos de preto, falando baixinho sobre assumptos que nada tinham a ver com a minha morte. E sobre os negros pannos orlados de ouro os cirios vertiam suas lagrimas de cera, lagrimas que se solidificam e não desapparecem como as dos vivos.

Sonhei que tinha morrido e era tal a minha alegria que a não podia conter. Parecia-me haver despido uma pesada e incommoda capa de chumbo...

A morte será mesmo assim?...

TEU RASTO

(NO SERTÃO)

Vendo teu rasto na areia,
me puz a considerar:
grande mimo tem teu corpo
que o rasto me faz chorar!

TEU RASTO

(NA CIDADE)

Vendo teu rasto na praia,
logo me puz a pensar:
Teu par de sapatos novos
quantos mil réis vae custar?...

O CAMINHO DO AMOR

(NO SERTÃO)

Da minha casa p'ra tua
já foi estrada real;
mas agora é matta virgem,
coberta de cipoal...

O CAMINHO DO AMOR

(NA CIDADE)

Eu passava em tua casa
no bonde de quatrocentos...
Hoje, a passagem do omnibus
custa-me mil e duzentos...

A FORÇA DO PENSAMENTO

Os theoricos e praticos do occultismo de ha muito reconhecêram a força extraordinaria do pensamento. A sciencia official chega hoje em dia a um accordo com elles e affirma que essa é a maior força do universo e que breve ella será captada e enviada por uma nova radio telegraphia, o que faz pensar na palavra do Mestre: "a fé moverá as montanhas."

Eis por que todos esses iniciados antigos aconselhavam a attracção e a concentração do pensamento, afim de que pudessemos ser fortes e poderosos. Eu sou um fraco, pois não posso conseguir essas duas coisas. Porque o meu pensamento não vive em mim e adeja em redor de ti, querida, como um insecto tonto vôa em volta da luz que o encandeia, o attrahe e o fascina!

D. JAYME

FRANCISCO Karam é o delicado e suave poeta de «Leviticos» e «Palavras de orgulho e de humildade» — dois livros que deram justo e merecido relevo a seu nome. Sua alma, tocada de mysticismo e de idealidade, é uma alma simples, serena e intensamente emotiva, a vibrar e a se revelar na cadencia de seu rythmo proprio, pessoal, em que as harmonias das coisas do céo azul e puro se casam ás da terra peccadora e divinamente cheia de... tentações.

O Club dos Advogados offereceu, no ultimo sabbado, mais um chá-dançante á sociedade carioca. Foi uma festa de grande brilho mundano.

"EN EL TRAIDOR LEALTAD"...

Cidadãos pacatos, que se metteram na pelle de salvadores da patria, estão em apuros para fazer crêr ao grande publico a excellencia dos methodos que inventaram para regenerar os costumes politicos do paiz.

E' um gozo ouvil-os.

Que dizem elles?! Coisas do arco da velha... Urnas livres, independencia do voto, respeito absoluto ao direito alheio, desprendimento ás posições de mando, um mundo de principios que, na verdade, constituem o fim do mundo...

E' por causa destas coisas que os jornaes, agora, andam cheios de titulos sensacionaes; que, nos comicios, os oradores gesticulam, frenéticos, espetando o indicador para o alto; que, no Parlamento, velhas raposas apparecem em «travesti», fantasiadas de donzella de Orleans...

Uma parte do publico acha bom, e bate palmas; outra, desconfiada, torce o nariz, olhando de soslaio para os artistas da comedia.

E a gritaria continúa para o bem de todos e felicidade geral da Nação, «ficando» os salvadores nos logares em que estão...

Regeneradores!

Mas, emquanto o povo contempla o espectaculo, boquiaberto, eu prefiro reler algumas paginas de «O engenhoso fidalgo D. Quichote de la Mancha», o livro do não menos engenhoso Miguel de Cervantes.

E, não sei por que, hoje, achei um sabor especial no seu capitulo XXXII, onde encontrei isto: «Reflecte que a quem busca o impossivel, justo é que se lhe negue o possivel, como o disse melhor um poeta»:

Busco en la muerte la vida,
salud en la enfermidad,
en la prision libertad,
en lo cerrado salida,
y en el traidor lealtad.

Pero mi suerte, de quien
jamás espero algun bién,
con el cielo ha instituído,
que pués lo impossible pido
lo possible aun no me den.

Confére..... MARION.

Um flagrante alegre do ultimo chá-dançante no Club dos Advogados.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

UM dia ou outro, na vida, acontece que a gente está triste, muita vez sem saber por que. E mais são sombriados de tristeza ou de tédio, de saudade e de nostalgia, que clareados, illuminados de alegria os dias de um homem na minha edade, perdido, égaré, nel mezzo del camin de sua vida.

A vida é bem uma droga, uma pilula cujo acre amargor nem todos os beijos de mulher têm a virtude de adoçar. Se assim acontecesse, vá lá: ella seria quasi que deliciosamente toleravel.

* * *

O homem, porém, á proporção que os estygmas impiedosos do tempo vão lhe traçando, primeiro na alma e depois no corpo, os signaes cabalisticos da plena revelação da vida — isto é, do seu desencantamento e desillusão — torna-se de um scepticismo desolador e forma, mesmo sem querer, em torno de si, um ambiente pejado de infinita amargura.

* * *

E tudo para elle se modifica e transforma. O proprio senso commum das coisas é uma tortura para seu espirito. Tudo se lhe torna de uma monotonia insupportavel: as mulheres, então, essas, na sua generalidade, é que lhe dão a maior medida da sua desillusão. Nivela-as todas, porque acha que todas ellas, assim por fóra como por dentro, externa e internamente, são as mesmas gatas, de garras disfarçadas em luvas, a quererem passar a seus olhos de caçador velho, e experimentado em todas as artimanhas desse genero de "caça", por lebrezinhas ariscas, innocentes e castas.

* * *

ELLAS, isso nada tem de estranhavel, porque nunca houve nem haverá no mundo animalzinho mais pretencioso e pernostico do que a mulher. E mais ainda a mulher genero-melindre, dos nossos dias, com a sua denguice e sua sans façon berrante, gritantemente mascarada no rosto a traços de bistre, a "batonadas" de rouge.

EV. hoje, sinto que não estou nada "camarada" de ces jolis petits diables, que, apezar dos pesares, quando, excepcionalmente, não são o inferno da vida da gente, chegam, ás vezes, a nos emprestar a illusão de que o céo tambem existe, e baixa, de quando em

OS jovens alumnos da Escola Militar Forjaz, Camucé e Gomes Ribeiro, que formaram na grande parada de 7 de setembro.

«Esporte», interessante trabalho de esculptura brasileira da sra. Maria Meyer-Mouschner, em exposição no 1.º Salão dos Artistas Brasileiros, na Bibliotheca Nacional.

quando, a esta terra de peccado, para alegria e delicia do homem, revelando-se plena e encantadoramente sob os cilios arqueados e quasi sempre maliciosos dos olhos de uma mulher...

* * *

MAS, emfim, oh — idiota do Esaú, por que estás, assim, hoje, tão ferozmente enervado? — pergunto-me a mim proprio. Por que? Ora, ora porque, meu pobre idiota! Mulheres! Sempre mulheres! o que vale dizer — tentação, desejo, ansia, desespero, tortura, inferno! — responde-me a mim proprio o imbecil de meu coração revoltado.

PORQUE, minha gente, Melindre (e cada vez mais disso me convenço) é uma creaturinha que só pode ter sido feita pelo diabo — que, de certo, se aproveitou, para pôr em pratica essa sua "malignidade", de um cochilo mais demorado do bom Deus. Porque, sem medo de errar, cheguei a esta conclusão: todas as mulheres doceis, boasinhas, carinhosas, delicadas e amantes, têm ascendencia divina; as outras — o grosso — as que são más e nos fazem soffrer, essas, por mais que procurem disfarçar sua procedencia, estão sempre a revelar suas origens... infernaes.

Melindrosa, por exemplo, é uma dessas "obrinhas" diabolicamente perniciosas á vida de um homem que tem a infelicidade de possuir um coração do tamanho de um bonde — um bonde sempre em super-lotação amorosa, onde "ellas" farreiam á vontade, num carnaval que não tem mais fim...

* * *

JÁ gastei, porém, tinta demais e também tempo. estas Sombras chinezas ficaram apenas em esboço, em croquis. Explicar-me-ei melhor na proxima semana.

Quem quizer saber do resto, espere; quem não quizer, que vá atraz de Melindrosa. Ella bem o sabe — a grande "sapeca" — porque estou assim, hoje...

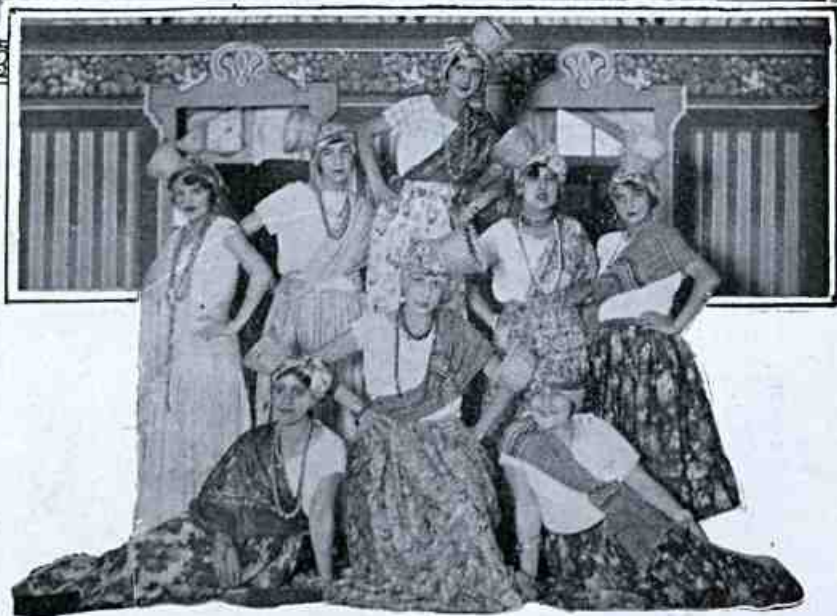
Não pensem que é dôr — de... sei lá de quê!

Eu mesmo ainda não sei, ao certo, o que é...

Esaú & Jacob.

"O PAIZ"

Decorreu na passada terça-feira o 45º. anniversario do brilhante diario carioca *O Paiz*. O jornal de Quintino Bocayuva é, na imprensa brasileira, uma tradicção gloriosa. Pelas suas columnas, nesles quarenta e cinco annos, fulgiram as mais apuradas pennas, as mais lucidas intelligencias do jornalismo nacional. Recordar os factos da sua existencia de quasi meio seculo é lembrar os dias dourados da imprensa do nosso paiz, em que fulgem os altos espiritos de Quintino, de Salamonde, de João Lage, de Alcindo Guanabara, de Carlos de Laet e tantos outros.

FON-FON associa-se ás festas de alegria do querido collega.

As jovens normalistas de Ribeirão Preto promoveram, naquella cidade, uma festa de arte, que constituiu um espectaculo de grande belleza, realçado pelo encanto da mocidade feminina ribeiro-pretana. As gravuras desta pagina mostram as senhoritas que tomaram parte, com successo, nos bailados do «Vira» e das «Bahianinhas», e as que compõem o orpheão da Escola Normal de Ribeirão Preto, e que muito sobresahiram na linda festa artistica.

FLOR DE SOMBRA

Belleza triste e apagada, nunca os teus olhos semi-velados de humidade inspiraram um verso aos poetas da tua terra. E a dôr que trazes nalma merecia um poema.

E's a belleza esquecida, como as flores fanadas que medram na sombra.

A pallidez das tuas faces de orphã e de asylada vem da penumbra das illusões e dos sonhos que não chegaram a viver no teu coração triste.

Nunca aprendeste a sorrir como as creaturas felizes.

São as mães que ensinam os filhos a sorrir. Não conheceste a tua, não lhe bebeste o carinho suave e precioso, não lhe leste no semblante o sorriso de orgulho de que as mães inundam os filhos — sorriso que vae brotar dos seus labios pequeninos, quando a creança começa a sentir a delicia da vida.

E é por isso que és triste.

E é por isso que não sonhas.

Tua humildade de asylada inspira, aos que te vêm, apenas compaixão — esse humilhante egoismo dos corações humanos.

A poesia melancolica da tua amargura não na descantam os poetas. Elles sopesam tambem a fidalguia das musas.

Não serias tu — pobre flor de sombra — a musa preferida de um poeta. Os trovadores buscam antes a belleza das castellãs de olhos sonhadores e sorrisos alacres como as manhãs de sol.

Belleza triste do asylo, lias de tentar sorrir.

Votado a ti, teci no meu coração um verso delicado de sympathia e amizade.

Mattos Além.

O illustre escriptor Ronald de Carvalho, quando realizava, a convite da Associação Brasileira de Educação, no salão da Escola Nacional de Bellas Artes, a sua notavel conferencia sobre esthetica.

COISAS

O inverno official terminou sem uma nota mundana de successo, sem attractivos, até mesmo sem theatro.

O Municipal conservou-se despovoado, nas raras vezes em que abriu as portas.

Diversões... para que?!

Si temos os cinemas, e os theatrinhos nacionaes de peças traduzidas do extrangeiro, acaso isto não basta?!

Mas, o leitor amigo tem bocejos de tédio?!

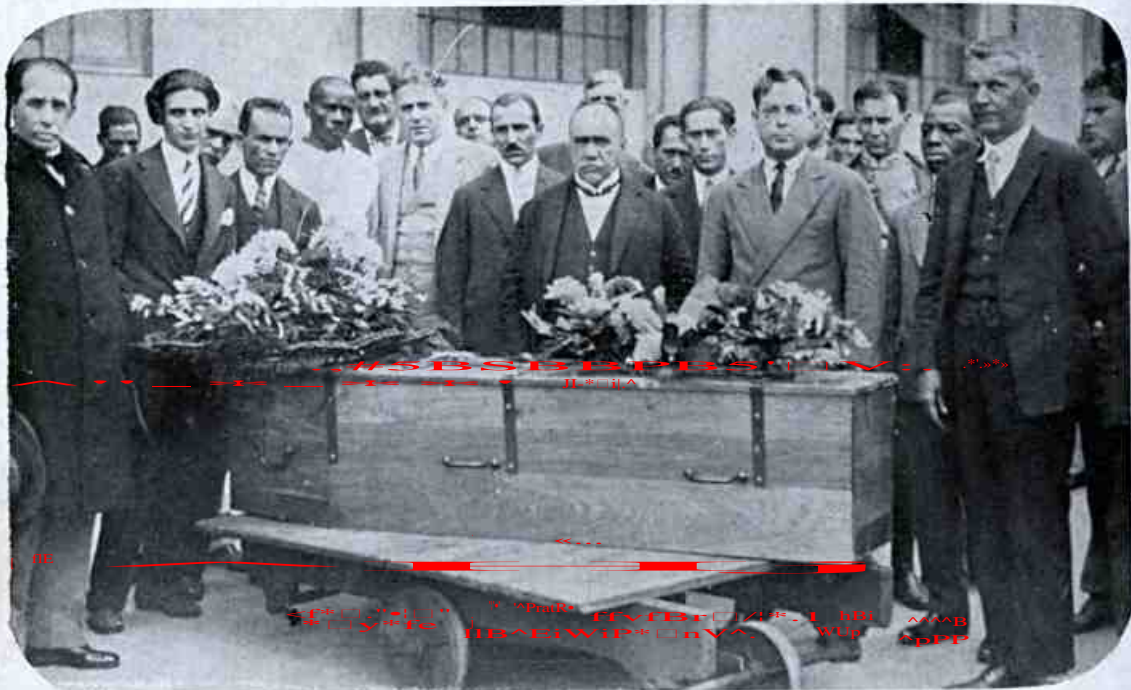
Quer ir ao circo?! Pois é facil...

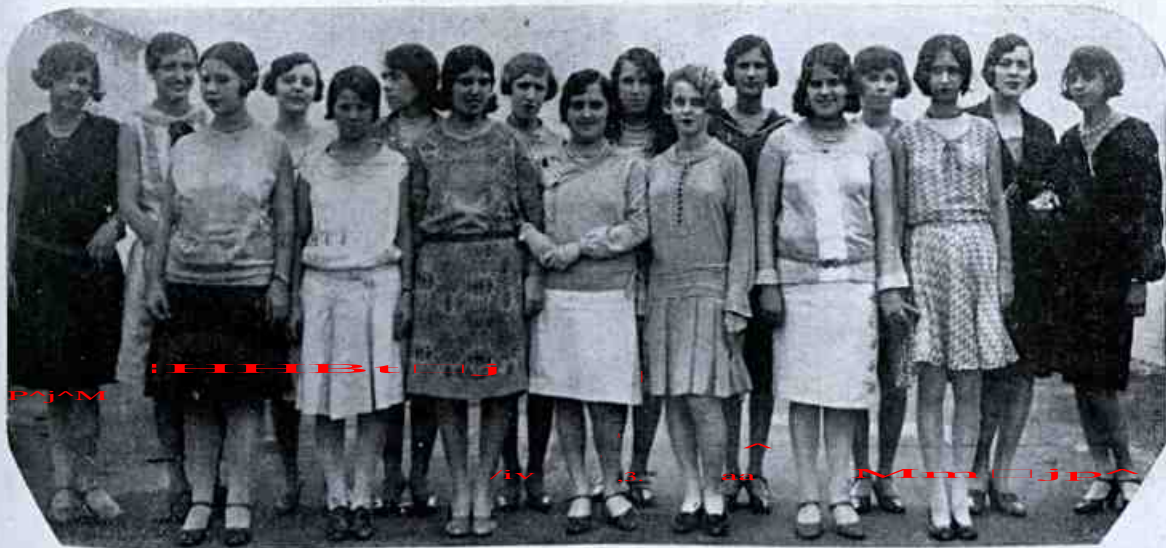
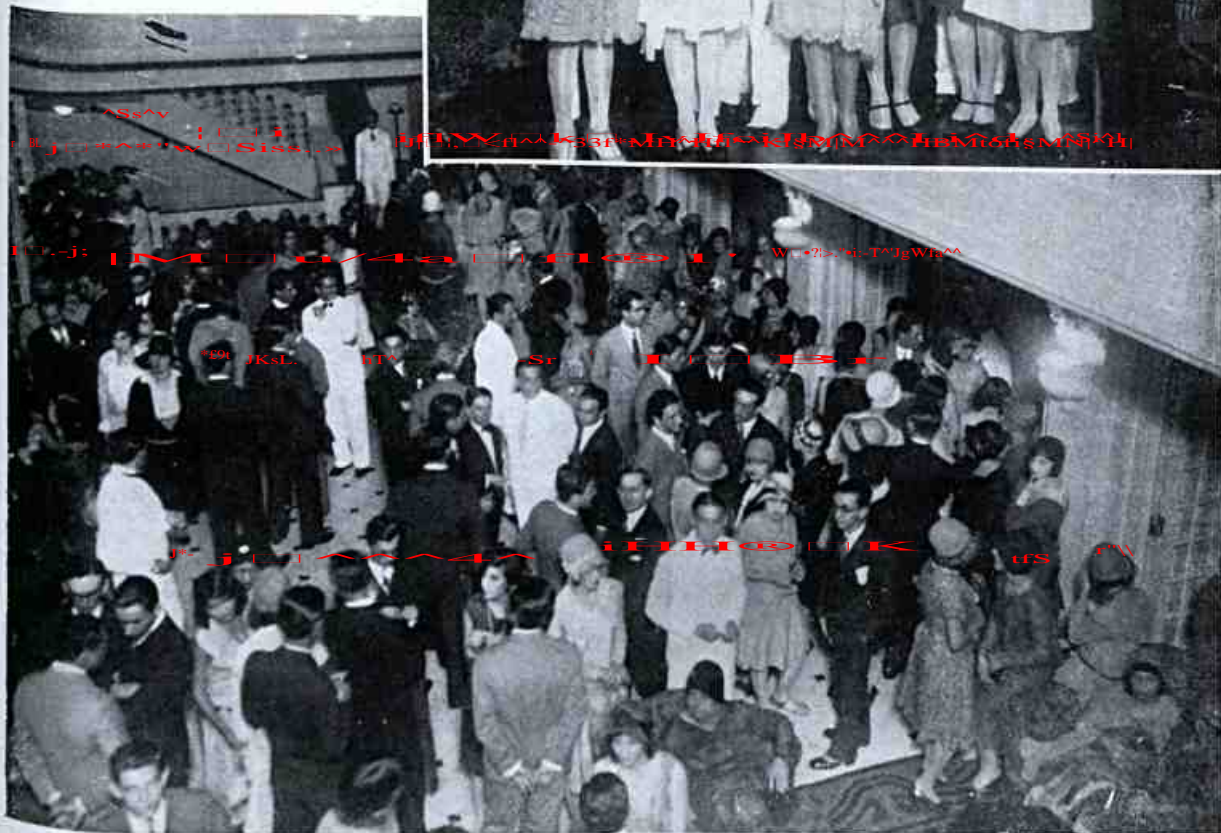
Basta encaminhar-se para as bandas do Pharoux.

Agora o circo funcciona diariamente, com artistas celebres, que engolem espadas, que comem sardinhas e arrotam pescadas, que riscam o dedo no ar gritando pela opinião publica, que gesticulam como doidos, que, de vez em quando, assustam a assistencia saccando o revolver nos lances medonhos de tragédia.

Temos peça de resistencia no cartaz.

Parece um contrasenso, mas agora é no circo que se procura regenerar a patria!

E, coisa extraordinaria, no circo ha palhaços que fazem rir, outros que fazem chorar...

POR iniciativa do brilhante vespertino «O Globo», a que se associaram, além do sr. ministro das Relações Exteriores, os collegas e amigos de José do Patrocinio Filho, acabam de ser repatriados os restos mortaes do saudoso escriptor e jornalista brasileiro, recentemente fallecido em Paris. Sexta-feira penultima, pela manhã, aqui chegaram, a bordo do «Raul Soares», os despojos do estranho autor da «Sinistra Aventura». E' um aspecto do desembarque da urna mortuaria encerrando o corpo de José do Patrocinio Filho o que fixa a photographia acima.

Os doutorandos de 1929 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro promoveram, sabbado á noite, nos salões do Botafogo F. C., a sua «Festa do Thermometro», com que se despediram dos seus collegas que ainda não concluiram o curso.

FUNCCIONARIAS da Leopoldina Railway, formando um formoso grupo, «posaram» para FON-FON, após exercerem o seu direito de voto, escolhendo o representante da classe junto á directoria da Caixa de Aposentadorias.

Varinha de Condão

COMBINAÇÕES FORMANDO COLLETE — A ultima novidade em combinações são as combinações que formam peitos para vestidos abertos na frente ou pequenos colletes para costumes.

Fig. I — Combinação collete com mangas, formando "four reau" em crepe da China azul nattier; no deanteiro tem uma banda trabalhada de a jours preso com fio azul-marinho e completados com pontos de cruz de fios d'oiro; sobre elle recahe um jabot Essa combinação se usa sob um manteau sem mangas, de seda grossa azul-marinho.

Fig. II Combinação collete formando camisa, de seda branca ornada de *ajours* presos com pontos vermelhos e negros. E' propria para um costume.

Fig. III — Combinação-collete de crêpe da china côr de rosa bordada de a jours com fio rosa mais forte. Pontos de cruz de ouro ou vermelhos. Serve para um vestido de seda exigindo um peito.

Fig. IV — Combinação-collete de voile côr de laranja ornada de viezes côr de oiro trabalhados em espiraes (o vieze é cozido e depois virado).

Fig. V — Combinação-collete de voile côr de chá, com peito de renda do mesmo tom posto sobre um transparente de seda côr de rosa. A figura A mostra o *ajour* feito com ornamentos de pontos de cruz que enfeita as combinações I, II e III.

Para executar a fig. II deve-se traçar os triangulos sobre o tecido com um ponto de alinhavo miudo. Os colletes das figs. I e III tambem devem ser cercados por um traçado de pontos de alinhavo antes dos fios serem tirados. Para os triangulos marcam-se em distancias eguaes as linhas de ajour, repartidas entre a base e o cume.

Tiram-se vinte fios mais ou menos, no ponto marcado, passam-se 5, tiram-se outros 20 etc. Com o fio de côr mais viva ou differente prendem-se inteiramente os grupos de fios, como o indica a fig. A. Depois fazem-se os pontos de cruz.

TECIDOS ESTAMPADOS — Os tecidos estampados estão cada dia mais em moda para todas as horas do dia e da noite. Para a manhã vêm-se shantungs e surahs floreados e até o linho e seda de fantasia até agora reservado para as camisas de homens. As côres, desenhos e contexturas são os mais variados. Mas entre colorido, padrão e trama da fazenda existe sempre uma harmonia subtil.

As pastilhas reapparecem sobre todos os tecidos e o crêpe setim de minúsculo pontilhado tem feito successo em Paris. As flôres e os quadrados tambem surgem com frequencia. Seus feitios e disposição não são os mesmos que o anno passado. A imaginação dos fabricantes é inesgotavel. Ás vezes as pastilhas ou manchas são muito proximas uma das outras ou mesmo se unem irregularmente.

Os themas celestes reapparecem sob uma forma nova: os eclipses de lua. Vêem-se muitas folhagens como que desenhadas a bico de penna. Os naipes das cartas, copas, páos, oiros e espadas esparsos são de um effeito muito novo. Ramalhetes de um estylo antiquado, imitando os tecidos de Jouy, as flôres chinezas estão em moda.

Na figura 1 vêem as leitoras dois padrões entre os mais modernos e elegantes. Um é de crêpe setim azul-marinho delicadamente salpicado de branco. O outro é um crêpe georgette chumbo com folhagem cinza quasi branco

VESTIDOS DE VERÃO — Principalmente este anno que voltaram os grandes chapéos de palha fina e transparente, com flôres e rendas, os vestidos de georgette estampados se impõem como um acompanhamento necessario. O crêpe georgette terá uma grande sahida. Nem uma senhora elegante deixará de possuir dois ou tres vestidos desse tecido.

Ha dias, na hora buliçosa em que nossa Avenida mais parece uma parada de Galveston, tantas são as carinhas lindas, os vultos graciosos que a cruzam sem cessar, encontrei-me com uma de nossas rainhas de belleza carioca, cujo nome não digo para não ser indiscreta.

Assim talvez mais facilmente ella me perdôe a ousadia com que tracei com rapidez um "croquis" de seu vestido, tão lindo o achei, emquanto ella, distrahida, parára num mostruario. Eil-o na fig. 2. E não é que a physionomia do figurino ficou meia parecida com a do modelo, máo grado a imperfeição da desenhista?

Não vão minhas leitoras adivinhar de quem se trata! Peço que o não façam; prestem attenção apenas para o traje. Elle é de crêpe georgette verde claro estampado de branco e negro. A cintura é marcada pelo ajustamento da blusa e pelo vieze em bico que a prende á saia. Esta se alarga por meio de dois graciosos babados em fórma que acompanham o movimento ascendente do corpo. A Miss trazia um chapéo de bankok branco enfeitado por uma larga fita de faille verde claro com friso negro.

(Fig. 2)

ternecido, as grandes arvores, as touceiras espessas, os tufos de flores, as estatuas brancas sobre os seus sóceos, e o tanque d'agua esverdeada, onde nadavam cysnes.

Lá em cima, do alto da escadaria, que dava para o terraço, a governante, respeitavel creatura de physionomia pacifica, emmoldurada em bandós brancos, esperava-o para conduzil-o aos seus aposentos.

O sr. Busson-Lagarde desceu, alguns minutos depois, para se dirigir á sala de jantar. A viagem abrira-lhe o appetite e elle sentia uma forte *joie de vivre*. Foi nessa disposição de espirito que elle viu atravessar o vestibulo uma joven para elle desconhecida. Teve um ligeiro sobresalto e, voltando-se para a governante, que se achava a seu lado, perguntou-lhe:

— Quem é essa moça?

— Minha sobrinha, senhor, a filha de minha pobre irmã que morreu ha dois mezes. A pequena ficou só e eu permitti-me a liberdade de trazel-a para cá. Ella não tem ainda vinte annos e eu não poderia deixal-a ao abandono. Aqui, auxilia-me a cuidar da roupa.... O senhor deve lembrar-se de que o preveni, em carta que lhe dirigi.

— Ah, sim, ah, sim! — disse o sr. Busson-Lagarde, que, preoccupado, em Paris, com os seus amores, esquecêra o caso.

O REPOUSO...

(Conclusão)

Elle fitava, examinava a moça que a governante acabava de chamar: "Carlota! Carlota!" Ella avançou, ligeira, com o seu vestido preto, muito simples. Seus cabellos sombrios, escuros, corôavam mollemente um rosto delicioso e os cilios negros de suas palpebras baixavam-se timidamente sobre os olhos claros. Sua bocca era uma bocca de criança ainda. E foi sem ousar erguer seus olhos para o sr. Busson-Lagarde que ella se inclinou deante delle.

"Uma gazella amedrontada", disse elle comsigo mesmo, emquanto, erguendo o busto, paternalmente pronunciava algumas palavras benevolas.

— O senhor consente que ella fique aqui? — perguntou, inquieta, a governante, quando a joven se afastou, porque notara que o sr. Busson-Lagarde parecia preoccupado. O senhor não desapprova?...

— Não, não — disse elle, dirigindo-se para a sala de jantar.

Elle não desapprova. Em consciencia, tal cousa não poderia dizer. Mas, estava suspenso, perturbado. Toda a sua alegria desappareceu.... E comprehendia que á só vista dessa mocinha desconhecida, dum encanto tão fresco, tão dominador, voltava, automaticamente, por assim dizer, a entrar em jogo, em representação, desejando seduzil-a, e que elle seria sempre assim, a despeito de tudo. Teria de vel-a quotidianamente e ella se tornaria ainda mais perigosa por ser simples, timida, differente das mulheres que elle tinha conhecido. Além disso, teria tambem alguma autoridade sobre ella, para quem seria o homem importante, prestigioso, máu grado a edade.. E elle se serviria de tudo isso, bem o sabia, como sabia tambem, desde já, que não chegaria a conhecer o repouso tão ardentemente desejado, pois aquella pequena ia ser o objecto exclusivo de todas as suas preoccupações. Tambem não esquecia o perigo do escandalo, tão certo estava de que faria por ella todas as maluquices que se fizessem necessarias, até mesmo a de a esposar. Elle bem que se conhecia e sentia que ella era muito mais para temer, encontrada assim, do que qualquer outra.... Fugir? Regressar? Era impossivel! E, de resto, elle já não tinha coragem de voltar atraz...

"Enganei-me. Nada acabou! — disse, desolado. — Meu Deus, como eu estava enganado! Nada acabou e tudo recomeça."

(Traducção de Elcias Lopes)

ADÃO (Conclusão)

lidade de attingir a seu pleno desenvolvimento material ou espiritual, luta apenas para sua realização individual. Assim, daquelle que alcançou sua meta se póde perfeitamente dizer que venceu a vida, toda a vida anonyma e mysteriosa que grunhia em torno delle.

Roberto. — Sim... E' verdade... Tuas palavras me fazem pensar no fundo de fatalidade tragica e infinita que existe no amor... no philtro que beberam Tristão e Isolda, pensando que sorviam o esquecimento. Nós buscamos nos braços da mulher o consolo, o olvido e não comprehendemos que apenas obedecemos á suggestão de uma vaga que tende a se manifestar, e não nos julgamos que sacrificamos como cegos nossa propria vida á ordem suprema da procreação.

Gastão. — Na existencia dos insectos o amor leva á morte immediata... Na do homem quasi sempre á morte lenta...

Melhor vence quem melhor se defende contra a absorpção da vida circumjacente... quem não ama, e vive só como o sábio de que falavamos. Na verdade, elle foi dos que vencem a vida.

EVA (Conclusão)

Carmen (*sempre séria*). — Fiz-me, não. Sempre o fui. A minha impetuosidade é o determinismo de minha vida como sua timidez é o da sua. E difficilmente fugiremos a elle. Apenas creio a parte que me tocou mais ardua. Christo disse que Magdalena, escolhendo a contemplação e deixando a acção á Martha, escolhera bem. Elle, na sua sabedoria infinita, não podia errar. Principalmente entre as mulheres as que mais seguramente são vencidas pela vida são as que abrem luta contra ella.

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

OS AMORES DE APACHE

DA COLUMBIA

Cinema PATHE — Um dramalhão e tanto, realizado com todos os condimentos necessarios para platéas populares. Sangue, prisões, "bas-fond" de ladrões, figuras antipathicas de policias; na falta para fazer delirar essas platéas que vibram e applaudem estrepitosamente. E' emfim, um film no ambiente, como na technica, com qualidades bem antigas. Para este genero, os "studios" americanos não são muito peritos. Não chegam a impressionar, mesmo quando têem artistas, do valor dos d'este film, na interpretação. Falta-lhes a chamma intellectual, o forte unico das individualidades. Andam muito presos a superficialidades.

Cotação — SOFFRIVEL

ACABARAM-SE OS OTARIOS

Cinema RIALTO — E' um film regionalista, da vida paulistana, o que justifica o successo que na cidade de S. Paulo obteve. E' o primeiro film synchronizado brasileiro — diz-se. Isto não é rigorosamente verdadeiro. O Rio já viu, em apparelho nacional, films synchronizados em portuguez. O enredo vale pouco. Não estamos aqui a fazer critica ao trabalho, por isso mesmo que se trata d'um film nacional, a quem applaudimos e não discutimos. O enredo vale pouco, já o dissemos, mas as canções, caracteristicamente nacionaes, encantaram o numeroso publico que viu o film. Isto resulta da bôa synchronização da Columbia, que só raramente apresenta leves falhas de rigorosa synchronização. E' uma producção que vem dar um grande encitamento ao beneficio enthusiasmo do cinema nacional.

O VENENO BRANCO

FILM NACIONAL

Cinema PHENIX — Mais um film trabalhado no Rio de Janeiro, com os recursos minguados dos nossos technicos... improvizados. Seguindo o conhecido criterio com que apreciamos estas obras da nossa precaria arte cinematographica, não lhe notamos os defeitos, que tem, nem lhe exalçamos as virtudes que talvez possua. Achamos apenas que não valia a pena dar-lhe a mancha de estudo de moral social, em aspectos escabrosos, para attrahir o publico. Uma cousa sobretodas nos chocou: a desegualdade no trabalho photographico: ora estamos em frente de quadros nitidos, interessantes e quasi perfeitos;

UM ESTOMAGO QUE FAZ SOFFRER

Um estomago que tem necessidade de cuidados immediatos, a dôr é uma indicação bem clara e positiva que o apparelho digestivo só funcciona imperfeitamente. Devem-se tomar precauções immediatamente para a cessação da dôr porque nada ha de mais perigoso para o estado geral como os incommodos gastricos que, desprezados, pódem levar á affecções muito graves dos intestinos. As dôres de estomago são muitas vezes devidas a um excesso de acidez que facilmente se póde attenuar tomando a Magnesia Bisurada. A Magnesia Bisurada neutralisa o excesso de acidez estomacal, suavisando ao mesmo tempo as paredes do estomago, permittindo-lhe de funccionar normalmente sem dôr. Cesse de soffrer pois que a sua saúde está na balança, e experimente immediatamente a Magnesia Bisurada. Com o seu emprego achará todos os prazeres que acompanham uma bôa digestão. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. E' empregado e recommendado pelas manicuras dos principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio. Vantagens do Esmalte Satan:

1.° Secca instantaneamente.

2.° Não mancha nem racha as unhas.

3.° Resiste á lavagem mesmo com agua quente.

4.° Fortifica as unhas, evitando que se tornem quebradiças.

5.° E' absolutamente inoffensivo, podendo ser usado por tempo indeterminado.

6.° Dá um brilho e colorido inegualaveis, que duram por 20 dias.

Peçam Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.

Nota importante: Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

Alvim & Freitas — Caixa Postal, 1379 — São Paulo

Camisa não sunga

TYPO SPORT

UMA SO' PEÇA - EXCLUSIVO DA

CASA VIEIRA NUNES

Patente: 16.526 — AV. RIO BRANCO, 142

Preços: brancas, 20$, 25$ e 30$ — Côres, 22$, 28$ e 18$000

em S. Paulo: CASA D'OESTE — Rua de São Bento, 78-C.

NOS CINEMAS DA AVENIDA *(Continuação)*

ora deparamos com um detestavel trabalho de laboratorio. Muito louvavel o trabalho da artista.

Pede-se um professor de maquillagem para os nossos artistas. Do synchronismo é melhor não falar.

O SUBMARINO

(PROGRAMMA MATARAZZO)

Cinema PATHE'-PALACE — E' um film de alta intensidade dramatica, traçada em moldes antigos, com uma excellente technica e uma correctissima interpretação. A synchronização da pellicula, se bem não nos traga grandes novidades, é um trabalho acceitavel. Mas sem essa synchronização, o film conquistaria, por egual, o mesmo successo. Esta pellicula pertence ao numero de producções a quem o synchronismo é um vago accidente. Na interpretação, Jack Holt mostra-nos o seu alto valor, que o cinema silencioso levou tão alto. Comtudo, a parte technica é a suprema qualidade do film, que aconselhamos, como excellente obra de arte, aos nossos leitores.

Cotação — BOM

A CANÇÃO DO LOBO

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — Foi o film que inaugurou o synchronismo musical no Imperio. Sob este ponto de vista, nenhuma qualidade excepcional a destacar. Bom, mas sem relevo. Falemos do film, que é que mais interessa ao publico. Enredo romantico e animado d'uma intensa vida de paixão. Irresistivelmente o publico tinha-se de lhe prender. Apesar da bruteza das almas em luta, mesm oa mulher, flor selvagem, o scenario commove e prende. O facto do ambiente recuar para os meados do seculo passado, na fronteira sulina da America do Norte, com a interessante indumentaria da época, mais os olhos ávidos de belleza. A interpretação é valiosa e o cuidado meticuloso da direcção, fazem d'este film uma admiravel obra de arte, não obstante a rudeza das almas que vivem o drama amoroso.

Cotação — BOM

MASCARAS DA ALMA

DA METRO

Cinema PALACIO — Drama emocionante de alta psychologia. John Gilbert teve n'este trabalho uma das bôas occasiões de demonstrar que é mais alguma cousa do que um actor de futilidades. Alma Rubens cada vez mais se firma no seu grande temperamento de alma de emoções. Deante d'esta sua producção, não ha mais que admittir ás atoardas tôlas que andam em volta da vida privada d'esta "estrella", que a dão como inutilizada. Muito pelo contrario, Alma encontra-se em plena posse da sua grande faculdade artistica. Ella e John Gilbert são dois admiraveis creadores de belleza. Esta producção da Metro é uma das melhores, que nos ultimos tempos tem sahido dos seus "studios".

Cotação — BOM

O HOMEM E O MOMENTO

DA FIRST NATIONAL

Cinema GLORIA — Para inauguração dos films sonoros no Cinema Gloria, a Companhia Brasil Cinematographica escolheu a pellicula O

Porque Razão Quaker Oats é acondicionado em latas?

QUAKER OATS é enlatado sob a formidavel pressão de 10.000 kilos, processo que elimina todo o ar contido no interior da lata. Por isso QUAKER OATS nunca se deteriora, como succede vulgarmente a certos cereaes acondicionados á larga. Antes, conserva todo o seu rico sabor natural e suas admiraveis qualidades nutritivas. QUAKER OATS chega ás mãos do consumidor tão puro como no dia em que foi enlatado.

Além disso, como o conteudo é fortemente comprimido, o consumidor obtém maior quantidade na lata Quaker do que em latas similares, ás vezes muito maiores, mas nas quaes o cereal é acondicionado á larga.

Experimente QUAKER OATS. E' de um sabor delicioso e deve fazer parte da alimentação diaria de todas as pessoas. Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter o genuino QUAKER OATS.

Quaker Oats

074

O SEGREDO DE ELEGANCIA DOS CABELLOS CURTOS

Os cabellos curtos, para serem encantadores, devem ser macios, brilhantes e muito saudaveis. Só assim se conseguirá um penteado tornando-a insinuante e mais joven tambem. Para se ter uma formosa cabelleira é de importancia vital a estimulação do couro cabelludo pelo uso vigoroso da massagem, e para o libertar do devastador microbio da caspa. Um modo seguro para se ter formoso cabello é fazer uso de Lavona, Tonico dos Cabellos, o qual contém um ingrediente secreto que desperta as adormecidas raizes, estimula o crescimento e faz desapparecer todo e qualquer vestigio de caspa. A Lavona, Tonico dos Cabellos, é usada e elogiada por "Estrellas" do Cinema, actrizes e mulheres encantadoras no mundo inteiro e dará ao seu cabello aquella apparencia de vigor e brilho tão procurados e ambicionados. Se o seu cabello não é tão bonito como V. S. deseja, comece a fazer uso de Lavona, Tonico dos Cabellos, desde hoje.

LAVONA

TONICO DOS CABELLOS

SENHORAS

Tendes cabellos finos no rosto, testa, braços, etc.? Ouvi, então, nosso conselho. Usae o maravilhoso producto de invento norte-americano — DEPILINA SARAH — pois assegurar-vos-á completa efficacia. E' de facil applicação e de effeito instantaneo. Ao contrario de todos os depilatorios, que fazem effeito de uma navalha, DEPILINA SARAH extráe os cabellos com as raizes. Póde-se usar este preparado em qualquer parte do corpo, sem receio de que vá irritar a pelle ou produzir dôr, qualquer creança póde usal-o, pois as materias no mesmo empregadas são completamente inoffensivas. Devolveremos a importancia se não produzir o resultado desejado. — Encontra-se á venda nas Pharmacias, Drogarias e Perfumarias de 1.ª ordem de todo o Brasil. — Fabricantes: — Mme. SARAH EVENS — Caixa Postal 2.398. — Custo: — um tubo, 20$000 — Pelo Correio, 21$000 — Junte ao seu pedido o coupon abaixo:

NOME ....

RUA ....

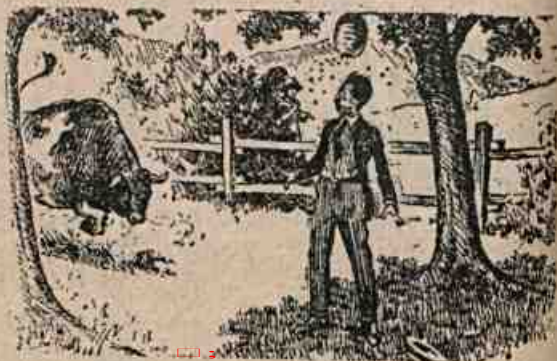
Exijam o legitimo
SABONETE CREOLINA
PARA BANHO E USO MEDICINAL
SABONETE VETERINARIO CREOLINA
COM O FACSIMILE DA LATA DE CREOLINA PEARSON NO VERSO DOS ENVOLUCROS

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Conclusão*)

homem e o Momento, da First National. Foi uma excellente escolha. Deixando de parte o valor synchronizante da pellicula, que é, deve dizer-se, um dos melhores trabalhos de vitaphonia, falemos do film como obra de téla, ponto de vista em que se póde considerar um bom trabalho, quanto á parte do scenarista, quanto á interpretação, quanto á parte technica, sendo esta a mais bella dentre todas. E' um film que obtem o agrado absoluto do publico, porque a sequencia do argumento, a belleza da realização, o fino gosto e luxo dos ambientes, a perfeição dos motivos dentro dos quaes se desenvolve o enredo, são de molde a interessar-nos da primeira á ultima scena.

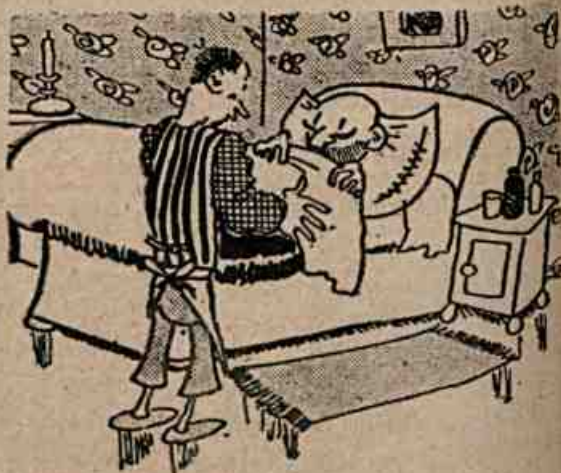
Cotação — BOM

ESPIRITO ALHEIO

— Presta mais attenção, Pedrinho! Estou te explicando as particularidades do macaco... Repara bem!

— Na representação da nova comedia, coube ao Geraldo um papel bem difficil.
— Que papel.
— Um em que elle tem que repellir um copo de vinho...

— Que têm os amigos? Estão ambos com dôr de dente?
— Não. E' que ha um alto-falante na casa vizinha...

— Fica quieto, João! Não te movas, que as abelhas cahirão em cima de ti.

O amigo. — Olé! Não foste trabalhar hoje?
O pae de familia. — Não. Hoje estou descansando...

— José! Dize-me a verdade! Chegou minha ultima hora?
— Não sei, patrão... O relogio parou...

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris e da Marca registrada *Glicia* que são incomparaveis, para emmagrecer, o creme adstringente Lysial N°. 15, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electrolise, galvanisação raio violete, raio solar, raio azul, para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellezamento das sobrancelhas

. . .

Becco Manoel de Carvalho n.° 16-1.°

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 central

VIN DÉSILES

RECONSTITUINTE

DEPURATIVO

REGULADOR

APPERITIVO

DIGESTIVO

TONICO

CONVEM A TODOS OS ENFRAQUECIDOS

SOCIETÉ DU VIN DÉSILES
PARIS - LEVALLOIS

QUEM TIVER O SANGUE IMPURO

obterá resultados positivos se recorrer ao notavel depurativo-tonico

LUESOL

de Souza Soares

pois sua acção é certa, garantida, não falha nunca!! E tão seguros estamos disto que nos propomos a devolver o dinheiro a quem provar o contrario. O LUESOL é um medicamento garantido e de reputação firmada.

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

AVENIDA RIO BRANCO, 134 1° E R. 7 SETEMBRO 166

COIFFEUR POUR DAMES

ONDULAÇÃO Permanente (para sempre, com o RODAL ondulante e ELOSMENY) ou Marcel e Mise-en-plis a (a agua), pintura de cabello desde 25$; córte de cabello de luxo, 4$; Sobrancelhas ou Manicure, 5$. Massagens de Belleza contra rugas, cicatrizes de espinhas e de bexigas, manchas, sardas, verrugas, pontos pretos, Poros e capillares dilatados. Tratamento de Seios, Ventre, Pellos, Varizes, engordar ou emmagrecer, enrigecimento das carnes, etc., 15$. Limpeza de pelle. MASCARA de lama para fechar os póros, 12$. PEDICURE.

Peça catalogo gratis.

A ORIGEM DO "JAZZ"

DEPOIS de longas discussões havidas entre os technicos sobre a legitimidade da musica negra, que, com seus estrepitos, fez dançar a maioria da humanidade, se veiu a comprovar que o *jazz* é uma fôrma peculiar de musica americana da linhagem das sincopadas. Suppõe-se que essa especie de musica foi a primeira conhecida pela humanidade.

Os povos da Africa selvagem, ao tocar seus pesados e estranhos tambores; os aborigenes peruanos, os siberianos e tibetanos realizam, tambem, ao manejar seus estranhos instrumentos, alguns feitos de craneos humanos, um trabalho musical sincopado.

Entre os grandes musicos, de cujas producções justamente se ufana a humanidade, teve seu logar a musica sincopada. Assim, J. Sebastian Bach a utilizou em seu "Clavicordio bem temperado" e outras composições anteriores a 1750. Beethoven empregou-a no *scherzo* de seu op. 18, numero 6, antes de 1800.

Quando a America importou seus escravos negros, com elles importou tambem a musica sincopada, e quando os marinheiros da costa de São Francisco começaram a dançar o *one-step* e o *fox-trot*, adoptaram a sincopação, cuja origem estava nas danças de tribus do Brasil.

W. C. Hardy, um negro da Albania, poz essa musica em circulação. Hardy era director de uma casta, e uma noite, ha cerca de trinta annos, se encontrava em Cleveland com sua orchestra, quando tres negros da localidade pediram permissão para intercalar uma selecção no concerto. Concedida a permissão, o que custou algum trabalho, porque houve certa opposição, o trio, provido de bandolim, guitarra e banjo, tocou em um tom triste e primitivo de doze, em logar do ordinario de dezeseis.

Havia nessa symphonia tres mudanças de harmonia, e Hardy se poz a estudar esse novo typo de musica que tão bem se adaptava ao espirito dos negros, e que lhe dava uma impressão de cousa inacabada, susceptivel de desenvolvimento. O resultado de seus trabalhos foi a composição *Os memphys azues*, que de tanta fama gozou. Era, a principio, uma canção sem palavras. Mas, para evitar sua monotonia, Hardy compoz alguns versos explicando a campanha eleitoral de Memphys.

Jorge Norton, um escriptor de raça branca, contribuiu com seus versos para diffundir a melodia de Hardy, a qual correu de uma a outra costa da America do Norte.

Dez annos depois, um quartetto de rapazes brancos de Nova Orleans acrescentou a palavra *jazz* aos vocabularios do mundo inteiro. Esse quartetto ia pelas ruas imitando os instrumentos de ar e de percussão. Rocca, um dos do quartetto, viu que podia fazer de director e piston ao mesmo tempo. Outro chegou a dominar as differentes especies de trombone, e os dois outros conseguiram, por sua vez, dominar varios instrumentos vocaes e de percussão.

Sem conhecimentos musicaes, ignorando inteiramente o valor das notas que exornam o pentagrama, os rapazes se annunciaram como a "Banda Dixieland". A principio, esse *jazz-band* não teve exito e seus serviços não eram muito solicitados. Afinal, um dia, foi contractado para um salão de baile a seis dollares por dia. Os rapazes fizeram successo, e foi esse o principio da sua popularidade.

A banda de "Dixieland", com sua ignorancia da musica e o innocente de sua technica, commetteu infinitos estragos harmonicos. O violinista fazia as cordas grunhirem, o trombone arrancava a seu instrumento sons horrisonos, o piston enchia de estridencias os locaes, e o tambor com seus estoiros, transformava os salões de baile numa caverna do inferno.

Contractados para um restaurante de fama, passaram os rapazes, em 1914, a Chicago, com sorte contraria. E uma noite, em que elles estavam mais desanimados em seu trabalho de todos os dias, começou a animal-os um negro:

— *Jazz*, rapazes!... Assim!... Assim!... *Jazz!*...

Desde então a palavra *jazz* foi utilizada para distinguir essas orchestras, que se estenderam por todos os ambitos do mundo, tomando como typo primitivo a de piston, clarineto, tambor e trombone. A estes se juntou, depois, o piano, que, mais tarde foi imitado pelo saxophone, oboé, guitarra, tubos, etc.

A musica que o *jazz* toca admitte infinitas gradações, e alguns musicos que nelle tomam parte podem imitar os sons da selva de onde a mesma veiu.

A essa especie de musica se adaptaram os themas de Rachmaninoff, "Preludio em C"; "A serenata", de Schubert; "A rhapsodia hungara", de Liszt; "A marcha funebre", de Chopin, e parte do repertorio de Wagner.

O MELHOR PSYCHOLOGO

NUNCA leu um psychólogo. Si lhe perguntassem quem é Freud, estou certo de que elle levaria a mão pelluda ao queixo azulado de barba, fixaria os olhos castanhos num ponto indeterminado do espaço, e quedaria, absorto, a vêr si arrancava á memoria preguiçosa a lembrança de alguem que tivesse conhecido com esse nome estrambótico: — Freud.

E, depois de alguns momentos de inutil concentração mental, seria bem capaz que elle encarasse novamente o seu importuno interlocutor, e, por sua vez, arriscasse esta pergunta ingenua: — "Freud?... Será algum outro vendedor a prestações... mais barateiro do que eu?..."

E não comprehenderia porque sorriamos...

Entretanto, elle é psychólogo. Finissimo. Profundo conhecedor da alma humana — maximé, da alma feminina, que é tão cheia de subtilezas e mysterios...

Com um livro aberto ante os olhos, fingindo lêr, observo-o: chegou ha pouco, montando sua bicycleta espandongada, com u'a mala enorme amarrada ao "porta-bagagem". Descarregou-a, pressuroso, e transportou-a para cá, para este terraço, onde estamos, lendo ou palestrando, numa invejavel *fainéantise*, eu e mais umas cinco moças. Largou o peso da mala ao mosaico, abriu-a, e, falando, sorrindo, gracejando, foi tirando do seu bojo toda uma loja de fazendas e armarinhos, empilhando tudo, em confusão, ao longo do parapeito e pelo chão em redor... Casacos de lã, *pull-overs*, *sweaters*, *cache-cols*, cortes de vestidos de todos os tecidos e de todas as côres, — tudo se estadeou á luz da admiração cubiçosa das provaveis freguezas...

E elle, com uma finura surprehendente, vae desenrolando nas mãos das presentes as suas peças de fazenda, debitando prolixos elogios á conta dos seus padrões.

Adivinha os gostos de cada uma: sabe, por intuição, que a esta agrada o verde assanhado — côr de periquito; — áquella, o azul desmaiado — côr de somno; — áquella outra, o róseo — côr de beijo; — áquella mais, o "beije" — côr... côr de bocejo (para rimar com beijo)...

E fala; e peleja por convencer:

— "Azul p'ra Senhora... Que harmonia! Moça clara, vestido azul, é linda!"

E vae estendendo, semcerimoniosamente, no regaço da moça clara, todo o panno azul, para que ella veja como a razão é delle, como fica realmente linda, como ella deve, por força, comprar o tal panno...

— "Mas... eu não tenho dinheiro!" — allega a moça.

— "Não diga isso... Moça não precisa dinheiro... Eu *vem* buscar no fim do mez... Póde ficar" —

E é a mesma manobra com as demais. A mesma cantilena. Acaba vendo-se livre de uns dois ou tres córtes de vestidos e, mais que depressa, trata de atulhar o interior da mala de tudo quanto de lá sahira...

Dos negocios ainda em duvida, tenta seduzir a vaidade da compradora, jurando pela corda com que Judas se enforcou que, usando um vestido assim *assado*, ella ficará mais bella do que "Miss Brasil".

Sabe, por experiencia, que a sua persistencia é irresistivel; e lê nos olhos da mocinha o desejo irreprimivel de ficar com a mercadoria...

Convencido da victoria, insiste. E desculpa-se, risonho e maneiroso, trancando a tampa da mala:

— "Agora é tarde, senhora! Já fechei a loja. Não vê?... Senhora precisa comprar. Não póde mais devolver... Olha..."

E, batendo com os nós dos dedos na tampa da mala:

— "Loja já está fechada. Fim do mez, *vem* receber..."

* * *

O melhor psychólogo é o judeu das prestações...

Como ninguem, elle conhece a alma feminina... e a masculina, tambem...

MUCIO DE CASTRO SERRA

sendo o cozinheiro-chefe. Sabia guizar os pitéos com adubos refogados tão bem, que eram as delicias do Manoel. Entretanto, de tempos a tempos, acordava nelle o instincto bulhento. Uma vez, pulvilhou os pratos do jantar com pózinho cremado. E quando, horas após, todos se torciam com violentas colicas, elle ria-se ás carcachadas.

Certa occasião, o Manoel lhe disse:

— Sou grande apreciador de legumes. Desejo saborear alguma herva differente dessas que vêm á mesa diariamente. Uma esquisita que eu nunca tenha comido, e que me faça lamber os labios.

— Pois não. Hoje mesmo, á tarde, satisfar-lhe-ei o desejo.

E sahiu in-continenti. Percorreu montes e valles. Depois de muito andar, encontrou, emfim, em logar sombrio, uma herva tenra, de folhinhas lanceoladas. Cortando-a, dizia comsigo mesmo: "O Manoel,

O Manoel — (Conclusão)

hoje, vae regalar-se." E sorria, o marau.

Em casa, picou-a miudinho, aferventou-a, esparregou-a fartamente, e deitou-a em saboroso caldo.

A' hora do jantar, o Manoel, lambendo os beiços, e repetindo o prato:

— O' Manoelito!

— Senhor! Prompto!

— Onde achaste esta herva tão boa?

— No fundo do pasto.

— Ha muita por lá?

— Muita, sim senhor.

— Como se chama?

— Ah! tenho vergonha de dizer.

— Vergonha! Vergonha, por que?

— Pois bem, eu digo.

— Dize.

E o Manoelito não dizia.

— Acabe-se com isto; não gosto de brincadeira. Dize-lhe o nome.

— Eu não queria dizer; mas, como quer que eu diga, eu digo.

— Dize, anda lá.

— Chama-se capim!

— Capim! Então...

O Manoelito já não estava mais á porta. Correra para o quintal.

O Manoel, vendo-lhe a figura pela janella, resmungava: "Canalha! Capim! Canalha!"

Depois, olhando a sopa, verde e gorda, cujo cheiro lhe fazia vir agua á bocca, concluiu, zangado:

— Que eu era portuguez, eu o sabia; mas, burro, não...

Uma Collecção Completa

DEPOIS que me havia barbeado, o barbeiro tomou uma lanceta e se aproximou de mim.

— Que vae fazer? — perguntei-lhe.

— Apenas isso: firmar meu trabalho — respondeu-me. — Desde hontem, e devido a um accordo do gremio, todo o córte de cabello, toda barba, etc., tem que ser firmada... Portanto, permitta-me...

E novamente approximou a lanceta de minha cara, não sem molhal-a, antes, em um liquido mysterioso.

— Não! Absolutamente não! — protestei. — Commigo não firma cousa alguma!

— Está bem — disse-me, então, o barbeiro. — Mas uma vez que não acceita minha firma, peço-lhe que não volte a se barbear em meu estabelecimento.

•

Esse caso foi que despertou em mim a mania pelos autographos, que experimentei, depois, durante quasi toda minha vida.

Ia pensando no agradavel de chegar a ter uma bôa collecção, quando, de repente, me senti derribado no chão, e perdi os sentidos. Ao voltar a mim, fui informado de que acabava de ser atropelado por um automovel, e ouvi um transeunte dizer:

— Que sorte têm algumas pessoas! Ter sido atropelado pelo automovel do presidente da Republica!

Só então comprehendi os bons auspicios com que começava minha projectada collecção de autographos. Já possuia a firma do primeiro magistrado da Nação.

•

Quando, em consequencia desse accidente, me cortaram a perna, me senti confortado deante do facto de o eminênte doutor Knoch, que levou a effeito a operação, ter tido a amabilidade de lançar sua firma em sua obra.

Isso fez crescer ainda mais em mim a mania dos autographos. E quando, um mez depois, parti para Marrocos, como correspondente de um jornal festivo, não liguei importancia ao facto de ter sido ferido por uma bala perdida, só pela satisfação que, naturalmente, me causou a visita que me fez, no hospital, o general Lyantey, que firmou minha cicatriz.

•

Desde então, minha affeição aos autographos degenerou em uma especie de loucura. Fiz-me operar de apendicite, sem nenhum symptoma dessa enfermidade, só pelo facto de obter a firma do conhecido medico Charcateaur. A seguir, mandei que me cortassem o braço e a perna, sob pretexto de recobrar a simetria, mas em realidade apenas para obter a firma dos cirurgiões em moda. Tambem me reconciliei com o barbeiro e desnecessario se torna dizer a vocês que era para mim um grande prazer ostentar em minhas faces infinitas firmas das innumeras barbas e córtes de cabello que fizéra. Meu corpo está cheio de cicatrizes e de firmas. Espero que minha collecção seja a mais completa do mundo.

•

"Senhor presidente da Republica: Tenho o pesar de communicar a V. Ex. que sou o assassino da velha estrangulada no café da Paz. O movel do crime? Muito simples: faltava-me, para minha collecção, a firma do verdugo, e espero obtêl-a si os tribunaes de justiça souberem cumprir com seu dever."

JORGE MASSON.

VERSOS

Minha Roseira

Crescia no aconchego hospitaleiro
Do meu jardim de flores desbotadas;
Teve o carinho, brusco mas fagueiro,
Das minhas mãos febris e dedicadas.

Nella teci meu sonho prazenteiro
De ver, entre as demais despetaladas,
Florir, ser a rainha do canteiro,
E embalsamar purpureas madrugadas...

Cultivei-a, tratei-a com carinho,
Dar-lhe-ia, si pudesse, a propria vida
Para vel-a florir rosas de arminho!

Foi tudo em vão! Da primavera o albor
Não conseguio alento á fenecida...
Emmurcheceu sem dar uma só flôr!

MIGUEL FRANCO.

Picadas de Insectos
são causadoras de grandes dôres e muitas vezes dão logar a infecção seguida de molestia grave. A dôr causada pela mordida e ferroada dos insectos, mosquitos, abelhas e aranhas, é immediatamente alliviada com uma applicação d'
A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS.
Este admiravel medicamento devia estar sempre no armario de remedios em todos os lares, pois que não somente é bom para picadas de insectos, mas constitue tambem um excellente remedio para:
Talhos e feridas laceradas
Contusões, torceduras e luxações
Queimaduras e escalduras
Dôres rheumaticas
Lumbago
Nevralgia
Inflammação da garganta
Excoriações
Queimaduras do sol
E PARA USO GERAL DO TOUCADOR
Vende-se em todas as Pharmacias
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
Corner Prince and Lafayette Sts.
New York City, U. S. A.
MARAVILHA CURATIVA
DE
HUMPHREYS
MARAVILHA CURATIVA
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
14-C

SAL HEPATICA

O MELHOR DIURETICO

DESCONGESTIONA O FIGADO

COMBATE O ACIDO URICO

E TODAS AS SUAS MANIFESTAÇÕES

Unicos Concessionarios para o Brasil

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. **S. Bento, 35 — S. Paulo.**